



PROFHISTÓRIA

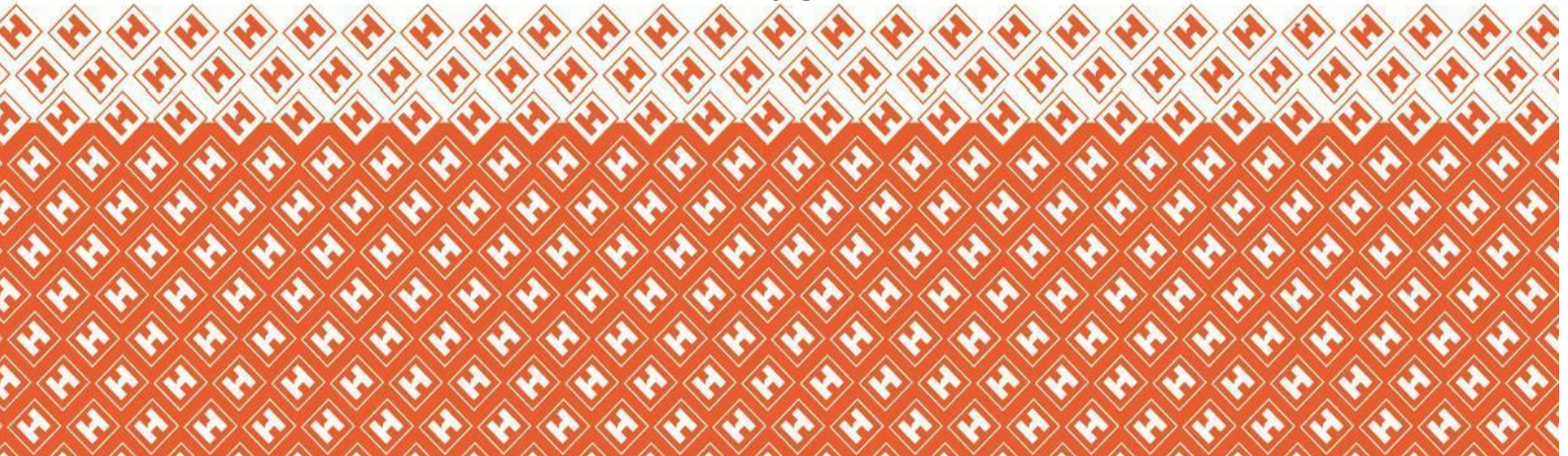
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

DIEGO SATURNINO ROMEIRO

**OS DESAFIOS DO ENSINO DE
HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: O PROBLEMA
DA EVASÃO ESCOLAR NAS TURMAS
DE EJA NA ESCOLA ESTADUAL
STOESSEL DE BRITO /
MAXARANGUAPE – RN**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

2025



DIEGO SATURNINO ROMEIRO

OS DESAFIOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O PROBLEMA DA EVASÃO ESCOLAR NAS TURMAS DE EJA NA ESCOLA ESTADUAL STOESSEL DE BRITO EM MAXARANGUAPE – RN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História, sob orientação do Prof. Dr. Lício José de Oliveira Maia.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Natal/RN
2025

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras
e Artes - CCHLA

Romeiro, Diego Saturnino.

Os desafios do ensino de história na educação de jovens e adultos : o problema da evasão escolar nas turmas de EJA na Escola Estadual Stoessel de Brito em Maxaranguape -RN / Diego Saturnino Romeiro. - Natal, 2025.

101 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Pós-Graduação em Ensino de História. Natal, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Lúcio José de Oliveira Maia.

1. Ensino de História - Dissertação. 2. EJA - Dissertação. 3. Evasão Escolar - Dissertação. 4. Escola Estadual Stoessel de Brito - Dissertação. I. Maia, Lúcio José de Oliveira. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:374.7

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710

DIEGO SATURNINO ROMEIRO

OS DESAFIOS DO ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O PROBLEMA DA EVASÃO ESCOLAR NAS TURMAS DE EJA NA ESCOLA ESTADUAL STOESSEL DE BRITO EM MAXARANGUAPE – RN

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Lígio José de Oliveira Maia – UFRN
Orientador

Prof. Dr. José Evangelista Fagundes – UFRN
Membro Titular (Interno)

Prof. Dr. Marcilio Lima Falcão – UERN
Membro Titular (Externo)

Prof. Dr. Roberto Airon Silva – UFRN
Membro Suplente

Natal, ____ de _____ de 2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Jesus Cristo de Nazaré pelo seu sacrifício
e ensinamentos que me levaram à luz.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter me guiado através do Seu Santo Espírito à luz até a conclusão desta dissertação de mestrado. Porque em outros momentos da minha vida passei por crises existências e somente após o encontro com Jesus que consegui ter paz espiritual.

Quero agradecer à minha amada esposa Stefane, por cuidar de mim com tanto carinho e ter ficado ao meu lado enquanto eu escrevia minha dissertação, sempre me incentivando e dizendo que tudo iria dar certo.

Quero também estender à minha gratidão ao meu querido orientador Lício Maia, por toda confiança e tranquilidade em suas orientações, que nos fez escrever a dissertação sem pressão, e assim tornou o processo de escrita agradável e satisfatório. Gratidão, professor!

Quero também agradecer aos meus queridos professores Maria Margarida e Roberto Airton, por ter acreditado em mim, em momentos que até mesmo eu não acreditava, e ter me tratado com tanta empatia e palavras encorajadoras. Muito obrigado!

Quero também agradecer ao ProfHistória pelo belíssimo trabalho que desenvolve na formação continuada dos professores, com um Programa bem estruturado e planejado, que promove uma formação de excelência. Também quero deixar meus agradecimentos a CAPES pela Bolsa de Demanda Social que me concedida, e a sua importância foi crucial para eu conseguir concluir o mestrado.

Quero também externar minha gratidão aos meus pais Maria José Saturnino Romeiro e Sebastião Gerônimo Romeiro, por ter sido pais que sempre me incentivaram a estudar e investiram nos meus estudos e dos meus irmãos.

Quero agradecer a todos os meus familiares na pessoa da minha Madrinha Eliane, que foi o meu grande exemplo de uma pessoa que havia vencido na vida através dos estudos, e me apoiou muito, inclusive me acolhendo em sua casa por vários anos durante a minha formação acadêmica

Quero agradecer à família Stoessel de Brito, na pessoa do professor Cléber Leite, por serem amigos queridos e ter dividido os momentos bons e ruins comigo durante esses anos na jornada da educação.

Quero também externar minha eterna gratidão aos meus queridos alunos, em especial os da EJA, por ter me tornado uma pessoa e professor melhor, e fazer eu olhar o mundo por outras perspectivas, através das lentes da empatia.

Quero, por fim, externar todo o meu agradecimento a minha vovó Nega e aos meus tios e tias, primos e primas, irmãos e irmãs, colegas e amigos, enfim, a todos que se alegraram comigo neste momento tão especial na vida.

A felicidade que estou sentindo é algo singular, porque é um sonho sendo realizado, o sonho que idealizei nas primeiras aulas da graduação do professor Cleiton, quando passei a entender o que era mestrado e doutorado, assim falei para mim mesmo, vou fazer mestrado e doutorado. E é isso, hoje estou aqui defendendo a minha dissertação e sonhando com a tese.

Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder; é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes.

Daniel 2:20-21, Bíblia Sagrada.

"É preciso respeitar os saberes dos educandos, sobretudo os dos jovens e adultos, cuja vida já lhes ensinou muito."

Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia.

"Não se pode fazer educação com jovens e adultos sem escutar suas histórias, seus passos, seus tropeços e suas vitórias."

Miguel Arroyo, Passageiros da Vida.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo investigar o processo de evasão escolar que ocorre nas turmas de EJA da Escola Estadual Stoessel de Brito, em Maxaranguape/RN. A partir da pesquisa socioeconômica realizada com os estudantes da 3ª EJA e a análise das cartas biográficas dos ejianos e dos relatos dos ex-estudantes da EJA, cujas contribuições nos possibilitaram a salientar como principais fatores que levam à evasão escolar são: a necessidade de cuidar dos filhos; o cansaço após um exaustivo dia de trabalho; a falta de uma escola acolhedora, que receba as pessoas sem preconceito e compreenda a vida exaustiva dos ejianos. Desta maneira, para pensarmos sobre esses paradigmas fomos buscar amparo teórico em Freire (1980); Arroyo (2008); Di Pierro (2023); Ventura (2023). Assim percebemos que uma das melhores maneiras de trabalhar o ensino de História nas turmas da EJA é através de sequências didáticas. Portanto, utilizaremos como dimensão propositiva a criação de uma sequência didática acerca da luta da classe trabalhadora pelos seus direitos trabalhistas.

Palavras-chave: Ensino de História. EJA. Evasão Escolar. Escola Estadual Stoessel de Brito.

RESUMEN

Esta tesis doctoral tiene como objetivo investigar el proceso de deserción escolar que se produce en las clases de EJA de la Escuela Estatal Stoessel de Brito en Maxaranguape, Rio Grande do Norte. A partir de una investigación socioeconómica realizada con estudiantes del 3.er programa de EJA y del análisis de cartas biográficas de estudiantes de EJA y relatos de exalumnos, nuestras contribuciones nos han permitido destacar los principales factores que conducen a la deserción escolar: la necesidad de cuidar a los hijos; el cansancio tras una jornada laboral agotadora; y la falta de una escuela acogedora que acoja a las personas sin prejuicios y comprenda la vida agotadora de los estudiantes de EJA. Para reflexionar sobre estos paradigmas, buscamos el apoyo teórico de Freire (1980); Arroyo (2008); Di Pierro (2023); y Ventura (2023). Así, nos dimos cuenta de que una de las mejores maneras de enseñar Historia en las clases de EJA es mediante secuencias didácticas. Por lo tanto, utilizaremos la creación de una secuencia didáctica sobre la lucha de la clase trabajadora por los derechos laborales como dimensión propositiva.

Palabras clave: Educación histórica. Educación de adultos. Abandono escolar. Escuela pública Stoessel de Brito.

LISTA DE ABREVEIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEE/RN – Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação

EAD – Educação a Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFRN – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

NEJA – Núcleo de Educação de Jovens e Adultos

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PNE – Plano Nacional de Educação

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PPP – Projeto Político-Pedagógico

RN – Rio Grande do Norte

SEEC/RN – Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte

SEDUC – Secretaria da Educação

SEDUC/RN – Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Norte

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura

SUED – Subcoordenadoria de Educação de Jovens e Adultos

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Formandos da EJA 2023.1.....	21
IMAGEM 2 - Distância entre Maxaranguape e Natal.....	45
IMAGEM 3– Portão de entrada da Escola Stoessel de Brito.....	45
IMAGEM 4- Escola Germano cede o prédio a Escola Stoessel.....	46

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Sucesso e insucesso na frequência escolar - 2023.....	48
QUADRO 2 - Quanto tempo a pessoa entrevistada ficou longe da escola antes de retornar aos estudos?	68

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Qual é a sua idade?.....	49
GRÁFICO 2 – Atualmente, você está exercendo alguma atividade remunerada?.....	50
GRÁFICO 3 – Sobre a localização do seu trabalho:	51
GRÁFICO 4 – Você já perdeu alguma oportunidade de emprego por não ter concluído o ensino médio?	52
GRÁFICO 5 – Você já iniciou alguma vez o ano letivo e desistiu antes da conclusão? 53	
GRÁFICO 6 – Você dispõe de tempo para estudar fora do horário de aula?	54
GRÁFICO 7 – Você pretende continuar estudando após a conclusão do Ensino Médio?	55
GRÁFICO 8 – Você acha que as turmas da 1ª EJA e 3ª EJA juntas atrapalham o ensino-aprendizado?	56
GRÁFICO 9 – Na sua opinião, os conteúdos estudados durante as aulas da EJA devem ser voltados para as temáticas do mundo do trabalho?.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Memorial: de uma trajetória acadêmica à profissional	16
1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EJA.....	27
1.1 Historicizando a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....	27
1.2 A EJA no Rio Grande do Norte	33
1.3 As recentes pesquisas sobre a EJA.....	35
1.4 Reflexão teórica sobre a EJA	40
2 A EJA EM MAXARANGUAPE	44
2.1 Contextualizando o Stoessel.....	44
2.2 Pesquisa socioeconômica	49
2.3 Cartas biográficas dos ejianos	57
2.4 Análises das experiências dos ex-alunos da EJA	67
3 A LUTA DA CLASSE TRABALHADORA ATRAVÉS DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	74
3.1 Apresentação da sequência didática	74
3.2 Sequência Didática 01.....	77
3.3 Sequência Didática 02.....	80
3.4 Sequência Didática 03.....	83
3.5 Sequência Didática 04.....	85
3.6 Culminância	87
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	92
FONTES.....	92
BIBLIOGRAFIA.....	93
APÊNDICES	98
APÊNDICE A – Questionário socioeconômico.....	99
APÊNDICE B – Carta biográfica.....	101
APÊNDICE C – Atividade de pesquisa	102

INTRODUÇÃO

Memorial: de uma trajetória acadêmica à profissional

Neste primeiro momento, peço licença para fazer uma narração em primeira pessoa da minha trajetória acadêmica, profissional e o meu interesse em cursar o Mestrado Profissional no ProfHistória.

A minha primeira graduação foi no curso de História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de 2012 a 2016. Falar da minha primeira graduação é lembrar de um momento mais que especial na minha vida. Na verdade, é falar da realização de um sonho, que foi conquistado com muita luta e persistência devido à fragilidade da minha educação básica, principalmente o ensino fundamental, onde estudei na rede pública de ensino e mais da metade dos meus professores na época eram pedagogos, e não especialistas das áreas de conhecimento. Isso trouxe déficit na estrutura da minha formação educacional.

Concluí o ensino médio em 2007, ano no qual fiz o meu primeiro vestibular, porém não consegui a tão sonhada vaga. Dessa forma, tirei um ano sem pensar em estudar, mas logo depois em 2009 tentei novamente, porém sem sucesso. Contudo, o sonho em ser um estudante universitário só crescia, e eu continuava estudando nos cursinhos preparatórios à noite, pois durante o dia trabalhava no comércio.

No ano de 2010, mudei a escolha de curso de Administração para História, a minha grande paixão no ensino médio. Resistia, sobretudo, à ideia de ser professor, muito pelo trabalho que dei aos meus professores na educação básica. Apesar de ter alcançado excelente desempenho nas provas de História, Geografia e Literatura, não obtive o resultado esperado, pois meu desempenho na redação foi insatisfatório. Isso se deve, em grande parte, à formação gramatical deficiente que recebi durante a educação básica.

O ano de 2011 foi um dos piores momentos da minha vida, mas também o que recebi uma das melhores notícias: a da aprovação no vestibular em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Um dia memorável! Parece que foi hoje, quando eu e meu irmão fomos à *Lan House* ver o resultado do vestibular, e o meu nome estava lá, depois de quatro tentativas. Digo “memorável” porque sou filho de uma mãe com o ensino fundamental incompleto e de um pai que concluiu a educação básica apenas após os 50 anos de idade. Em outras palavras, um filho da classe baixa e aluno de escola pública que conquistou o acesso à universidade – um espaço historicamente reservado às

classes média e alta. Ainda hoje, em cursos como Medicina e Direito, as vagas continuam sendo majoritariamente ocupadas por jovens dessa classe, cujos filhos estudam em escolas bem estruturadas, com professores especializados em suas áreas. Essa realidade contribui para uma formação mais sólida dos estudantes da classe média, em contraste com os filhos da classe trabalhadora, que enfrentam escolas sucateadas e a constante falta de docentes.

Ainda sobre o ano de 2011, nessa época, o meio de ingressar na UFRN era pelo vestibular da Comperve, que custava R\$ 110,00 reais a inscrição, e era exatamente o único dinheiro que tinha no bolso, pois naquele momento eu estava desempregado e vivendo da venda de açaí nas portas dos comércios no bairro de Nova Parnamirim/RN.

Por esse e outros motivos, esse ano vinha sendo muito difícil para mim. Diferente dos outros anos, naquele eu não estava estudando em cursinho e estava passando por problemas emocionais que fragilizaram muito o meu psicológico. Desse modo, chegou o último dia para fazer o pagamento da inscrição, e eu pensei muito se ia ou não fazer aquele pagamento, devido a tudo que vinha vivendo e por só ter aquele dinheiro no momento. Mas, enfim, acabei fazendo o pagamento e conseguindo a aprovação no vestibular. Talvez, por isso, que me identifico tanto com a Educação de Jovens e Adultos, pois são pessoas que enfrentam desafios semelhantes para realizar seus sonhos.

O ano de 2012 marcou o início da realização do meu sonho: estudar História na UFRN. Apesar das dificuldades iniciais, especialmente na escrita e no domínio das regras gramaticais, segui firme, pois era movido pelo desejo de aprender e pela vontade de superar os limites impostos pela minha formação anterior. Para ter uma ideia, só vim ter um professor formado em História no ensino médio. Desse modo, tinha muita dificuldade em escrever minhas ideias, organizá-las e acertar as regras gramaticais, mas o meu sonho era maior e vencia as dificuldades com muita dedicação e perseverança.

O ingresso na universidade me deu oportunidade de trabalhar como professor temporário na cidade onde fui criado e na escola onde estudei o meu ensino fundamental anos finais. A experiência foi incrível, pois fiz da minha sala de aula um laboratório. Pela manhã estudava a teoria na universidade e à tarde colocava em prática todo aquele conhecimento adquirido no âmbito acadêmico, e ali fiquei trabalhando até 2016.

A minha entrada na universidade foi através do curso de Bacharel em História, porém o meu grande desejo era cursar Licenciatura. Desse modo, consegui fazer a transferência de habilitação e passar me dedicar nas disciplinas voltadas ao ensino, como: Didática, Organização da Educação Brasileira, Fundamentos sociofilosóficos da

educação, enfim, disciplinas que mudaram a minha visão da educação e a minha forma de dar aula, principalmente quando passei a ter contato com as ideias de Piaget e Paulo Freire, a partir das quais, passei a ouvir mais os alunos e construir o conhecimento a partir do conhecimento prévio deles, e não do meu. Isso me possibilitou perceber que o professor não é o único detentor do saber e que todos podem ensinar e aprender através da troca de saberes.

A universidade pública é um local de inclusão social e oportunidades, pois foi através da graduação que passei a conhecer o interior do Estado do Rio Grande do Norte por meio das viagens de campo. A primeira aconteceu na Disciplina de Pré-História para visitar os sítios arqueológicos de Santana do Matos, depois em outras oportunidades fui ao Seridó nas cidades de Acari, Currais Novos e Caicó. Logo, a área que mais me fascinou na graduação, além da educação, foi a arqueologia, onde tive a oportunidade de cursar a Disciplina com o professor Roberto Aron e trabalhar como voluntário no Laboratório de Arqueologia da UFRN, experiência enriquecedora na qual pude aprender as teorias arqueológicas e realizar a prática da prospecção nas aulas de campo nos sítios arqueológicos.

Após nove semestres de estudo, chegou o grande dia de qualquer graduando, que é o momento de receber o tão sonhado diploma. Foi uma noite memorável no auditório da Reitoria da UFRN. Não sai da minha mente o momento no qual recebi o meu diploma com os olhos cheios de lágrimas, um dos momentos mais felizes da minha vida. Passava um filme na minha cabeça naquele momento, fazendo-me lembrar de onde eu saí e de onde eu estava naquele momento. Por conseguinte, eu era o primeiro da família a me formar no ensino superior. Meus avós eram agricultores, e os meus pais não conseguiram concluir os estudos na idade estipulada, pois precisavam trabalhar para levar o sustento para casa.

As minhas palavras sobre a universidade parecem até românticas, talvez sejam porque eu estava vivendo um sonho. Na verdade, eu estava tão inebriado com a alegria de estar naquele lugar que muitas vezes não percebia o que acontecia ao meu redor. Isto é, as discriminações raciais, classistas, homofóbicas, e tantas outras que ocorrem nas universidades. Entretanto, após o sexto semestre, percebi que já não era mais aquele aluno do primeiro semestre, pois naquele momento conseguia perceber que para o filho de um trabalhador estar ali era uma conquista, mas isso desagradava os filhos dos burgueses.

Em 2016, recebi a notícia da minha aprovação no concurso para professor efetivo da Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Norte. Lembro-me da surpresa de

muitos colegas, que pareciam não acreditar que alguém com tantas dificuldades na escrita e na gramática pudesse alcançar tal conquista. No entanto, a universidade me ensinou que o sucesso depende, sobretudo, de dedicação, de esforço e do apoio das pessoas certas. Com o incentivo de professores, amigos e, principalmente, da minha família, alcancei o tão sonhado diploma, resultado de uma rede de apoio que acreditou no meu potencial.

A convocação do concurso aconteceu em novembro de 2017, outro momento de grande alegria na minha vida, porém, ali iniciava uma jornada das mais difíceis que já vivi. A burocracia estatal do Rio Grande do Norte é lenta e promove sofrimento aos professores recém-contratados, pois passamos a receber o salário após cinco meses da convocação. A justificativa alegada é que os trâmites burocráticos demoram entre um departamento e outro. Todavia, quem sofre são os professores que trabalham e não recebem seu salário no final do mês. Também é verdade que recebemos todo o retroativo, no entanto, as necessidades humanas são diárias, como iremos à escola sem dinheiro para as passagens? Outros professores têm um segundo emprego, mas e quem não têm? – Que era o meu caso. Em suma, foi um dos piores momentos da minha vida.

Quando a minha convocação saiu, fui encaminhado à Escola Estadual Barão de Ceará-mirim, uma ótima escola com alunos maravilhosos, mas o meu coração estava em Maxaranguape, a cidade onde cresci e sonhava voltar a lecionar. Assim, em abril de 2018, consegui a minha transferência para a Escola Estadual Stoessel de Brito, em Maxaranguape, onde estou até o momento.

Em 2021, iniciei a minha segunda graduação no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na UFRN. No mesmo ano, iniciei também um curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, no Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

Dessa forma, nasceu o meu interesse em pesquisar sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e dar continuidade à minha formação acadêmica. Em 2023, fui aprovado no Mestrado Profissional em História da UFRN. Logo no início do curso, nas aulas da professora Margarida Dias, ela nos perguntou: “Qual é o maior problema que vocês enfrentam no dia a dia da escola?”. Sem hesitar, respondi: “O maior desafio na minha escola é a evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos”.

Assim, esta pesquisa tem por objetivo refletir e buscar soluções para o problema da evasão escolar dos estudantes da EJA, devido à necessidade de trabalhar. Pois, no dia a dia, em sala de aula, nos deparamos com muitas dificuldades dos nossos alunos, que alegam enfrentar muitos desafios em continuar com os estudos ao tocante em se dividir

entre a escola e o emprego. De acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD, 2024), os dados mostram que 8,7 milhões de jovens entre 14 e 29 anos não concluíram o ensino médio, tendo como principal causa a necessidade de trabalhar em detrimento aos estudos.

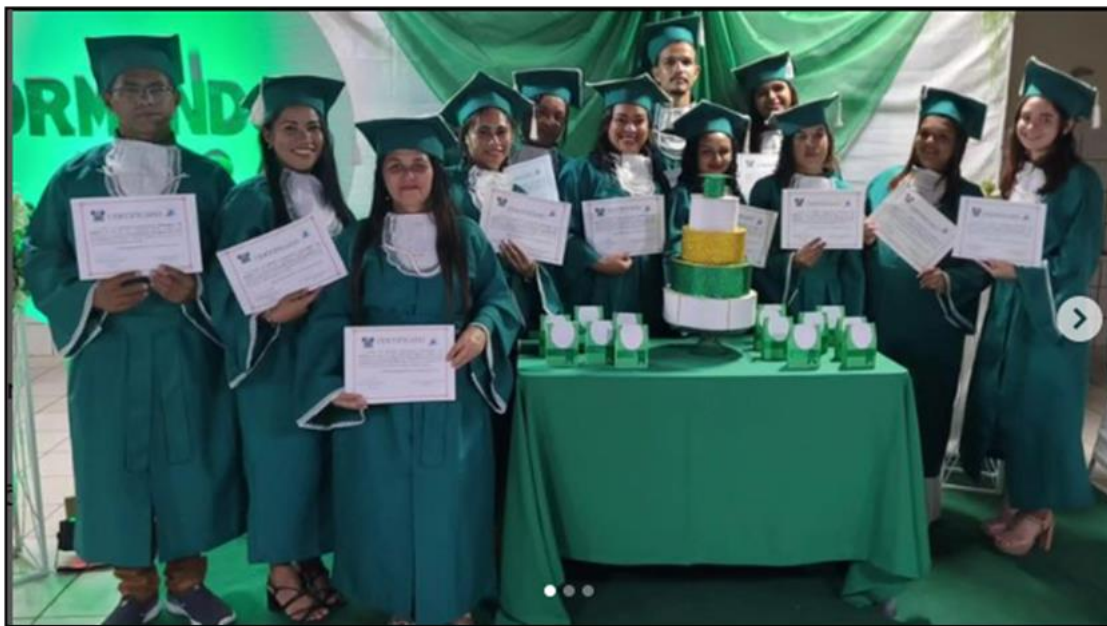
Os estudantes da EJA enfrentam desafios como cansaço após um dia de trabalho. Muitas vezes, precisam deixar seus filhos sob os cuidados de terceiros para poder chegar à sala de aula, como no caso de uma aluna que estava pensando em desistir dos estudos, pois não tinha ninguém que pudesse ficar com sua filha, que vinha passando por crises de ansiedade. Além disso, os anos longe dos estudos se tornam mais um desafio para conseguir acompanhar o conteúdo das aulas.

Dentro de tudo isso, o que nós professores devemos fazer? Devemos tratar os estudantes da EJA da mesma forma que os da turma regular? Devemos negligenciar os desafios enfrentados pelos estudantes da EJA? Em nossa sala de aula, tentamos ser o ajudador dessas pessoas que estão lutando pelos seus sonhos, tentamos ser como um farol que guia os pescadores (estudantes) na imensidão dos mares (vida), sendo aquele porto-seguro nas horas da adversidade, assim como alguém foi para nós outrora.

Nas aulas de História, tentamos mostrar que eles já são vencedores por estarem ali na sala. Na verdade, a principal didática utilizada é a motivação, ficamos a todo tempo lembrando que eles já são campeões e precisam apenas completar a jornada do ensino médio. Lembro-os também que estaremos juntos, de mãos dadas, enfrentando e vencendo cada obstáculo que aparecer no nosso caminho e que no final serão todos coroados com o diploma tão sonhado.

Nesse sentido, o diploma não é simplesmente um certificado de conclusão, é mais que isso, é a conquista de toda uma família, de uma mãe que tem o seu primeiro filho, mesmo com seus 46 anos, concluindo o ensino médio. O diploma é a garantia do direito à educação negada por tanto tempo a alguns brasileiros.

Imagem 1 – Formandos da EJA 2023.1



FONTE: Instagram @stoesseldebrito. Disponível: https://www.instagram.com/p/Cw0IDx-AP65/?img_index=1, acesso 27/09/2024.

Desse modo, a educação de jovens e adultos precisa ser inclusiva, um local de acolhimento para garantir os direitos básicos, pois acreditamos que os estudantes podem chegar aonde quiserem, e não há limites para alcançar os sonhos idealizados que outrora pareciam impossíveis. Dentro disso, precisamos garantir o que é estabelecido na LDB, isto é, uma educação de qualidade e equidade a todos.

A EJA não pode ser vista como um espaço para onde são enviados os estudantes que não se adaptaram ao ensino regular, como se fosse o lugar dos “sem futuro” ou dos “problemáticos”. A EJA deve ser compreendida como um espaço de acolhimento e de reconstrução de trajetórias, destinado a pessoas que tiveram seus direitos educacionais negados e cujas formas de vida e experiências não foram contempladas pelo modelo tradicional de ensino.

A intenção desta pesquisa é trazer esperança para essas pessoas que passaram por tantas dificuldades em sua vida. E o interessante é que em sala de aula escutamos testemunhos dos estudantes que se arrependem de não terem aproveitado outrora a oportunidade e lamentam o tempo perdido. Chegam prometendo para si mesmos que vencerão qualquer desafio que aparecer em sua frente para concluir a educação básica.

A evasão escolar dos estudantes da EJA é um dos principais problemas enfrentados pela Escola Estadual Stoessel de Brito, em Maxaranguape/RN. Os professores, os coordenadores e os gestores da escola tentam de várias maneiras assegurar

o direito da educação aos estudantes, no entanto, os índices da evasão todo ano permanecem elevados. Desse modo, enquanto educador, me incomoda tal situação, que só faz agravar mais e mais o problema da exclusão escolar.

Quando ressaltamos altos índices de evasão escolar, é devido à consulta que realizamos na Ata de Resultados Finais do ano letivo de 2022 da referida escola. Por exemplo, o 1º EJA “A” teve 33 matriculados dos quais 25 foram aprovados, 7 retidos e 1 transferido. Enquanto o 1º EJA “B” teve 23 matriculados, dos quais 10 foram aprovados e 13 retidos. Deste modo, podemos perceber que quase 40% dos matriculados ficaram retidos no 1º EJA e não puderam avançar à turma subsequente.

Assim, os professores nas reuniões do conselho de classe sempre evidenciam o problema da evasão, e sempre tentamos discutir caso a caso, partindo sempre da pergunta: como podemos ajudar este estudante a não desistir dos estudos? Por que as frequências nas aulas estão baixas? O que podemos fazer enquanto escola? E assim, começamos a perceber que os problemas são os mais diversos possíveis, como o cansaço após um dia exaustivo de trabalho ou mesmo a dificuldade de chegar à sala de aula devido ao horário de saída do emprego ou mães que não conseguem deixar suas crianças com ninguém para cuidar enquanto elas vão à escola.

Todavia, as dificuldades enfrentadas pelos estudantes da Escola Estadual Stoessel de Brito não é algo isolado, na verdade, o problema da evasão escolar em nosso país é histórico e nacional. Segundo a Busca Ativa Escolar (2024),

Entre os homens de 14 a 29 anos de idade que abandonaram ou nunca frequentaram a escola, o principal motivo declarado foi a necessidade de trabalhar (53,6%). Em seguida, aparecem não ter interesse em estudar (26,9%) e problemas de saúde permanente (4,2%). Entre as mulheres, o motivo mais citado foi a necessidade de trabalhar (25,1%). Em seguida, vinham a gravidez (23,4%) e a falta de interesse (22,5%) (BUSCA ATIVA ESCOLAR, 2024).

Nesse sentido, os fatores que acarretam a evasão escolar, levantados pela Busca Ativa Escolar, são semelhantes aos desafios enfrentados pela Escola Estadual Stoessel de Brito. Na verdade, o problema de os estudantes deixarem de frequentar a escola não se delimita ao Nordeste ou Norte do Brasil, de modo algum, em uma pesquisa realizada nas últimas dissertações escritas no ProfHistória sobre este tema, podemos ver trabalhos de todas as regiões do Brasil evidenciando a evasão como causa da exclusão escolar.

O que sabemos, de fato, é que a EJA deve ser um espaço de acolhimento para aqueles que foram historicamente oprimidos pelo sistema político, social e econômico. É

nesse espaço que muitos encontram refúgio e oportunidade de reconquistar a cidadania negada. Isso porque, em diversos momentos de suas vidas, precisaram escolher entre estudar ou trabalhar – e, muitas vezes, perderam oportunidades de emprego ou de crescimento profissional por não possuírem o diploma de conclusão da educação básica.

A sala de aula é o local onde os estudantes irão aprender que tem direito à educação, à saúde, à moradia, ao trabalho, ao lazer, enfim, conhecerão os direitos constitucionais que por muitas vezes em suas vidas foram negados. Porque “a EJA tem que ter seu enfoque na reinserção do indivíduo na sociedade onde a cultura da alfabetização ainda é um divisor de águas dos que possuem e dos que não possuem a tão sonhada norma culta” (Santos, 2018, p. 256). Tal processo os enche de esperança, pois construirão novos caminhos e, desta vez, com a escolarização completa, com conhecimento sobre seus direitos e deveres e tendo a compreensão que são capazes de conquistar e realizar todos seus sonhos, que em outros momentos haviam sido frustrados pelas dificuldades da vida.

O problema da evasão escolar só será solucionado quando os estudantes sentirem interesse nos estudos. Desse modo, acreditamos que, por meio de aulas que os preparem para o mundo do trabalho e que também proporcionem conhecimento sobre seus direitos e deveres, os estudantes poderão compreender que é possível ascender socialmente e transformar suas próprias vidas e as de seus familiares. Nesse sentido, tais aulas contribuirão para aumentar a motivação e a autoestima dos alunos, fortalecendo sua resiliência diante dos desafios da vida.

Nesse viés, trabalhar com a EJA é promover a justiça social aos cidadãos brasileiros que em outrora tiveram seu direito à educação negado, porque, segundo as pesquisadoras Gomes e Melo (2021, p. 2),

o princípio igualitário e isonômico que norteia a gestão educacional brasileira parece ser insuficiente para a superação das desigualdades de renda, raça, gênero ou status social, na medida em que são justamente os locais mais periféricos os que mais se beneficiam do acesso a uma educação de qualidade.

Partindo da reflexão de Gomes e Melo (2021), os locais que estão afastados dos grandes centros urbanos sofrem com a oferta de educação de qualidade. Ressaltamos isso respaldado pelo tempo de trabalho que temos na escola estadual em Maxaranguape, um município que fica a 40 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Mesmo não sendo tão distante assim da capital, sofre com o descaso que a gestão educacional brasileira realiza com os locais periféricos.

O município de Maxaranguape é um exemplo da ineficiente gestão educacional brasileira, pois os maxaranguapenses não usufruem do isonômico direito à educação no quesito possuir um prédio de uma escola estadual. O ensino médio no município é oferecido por uma instituição estadual, porém, sem prédio próprio. No caso, a escola passa a existir apenas no turno noturno, quando a Escola Municipal Germano Gregório cede o seu prédio à instituição estadual para oferecer o ensino médio aos estudantes maxaranguapenses.

Os desafios enfrentados pelo alunado maxaranguapense estão longe de serem apenas problemas estruturais. No artigo das pesquisadoras Gomes e Melo (2021, p. 2), elas ressaltam que os locais periféricos recebem “profissionais menos qualificados ou menor infraestrutura pedagógica”. Nesse sentido, a Escola Estadual Stoessel de Brito enfrenta um problema semelhante, caracterizado pela dificuldade em manter professores efetivos em seu quadro. Observa-se que a escola tem sido vista, por muitos docentes, como um local apenas para o cumprimento do estágio probatório, sendo posteriormente deixada em favor de escolas situadas em Natal, capital do Estado. Essa constatação se confirma pelo fato de que, no início do ano letivo de 2024, a instituição apresentava um déficit de cinco professores efetivos. Essa situação só foi solucionada no segundo semestre com a chegada de docentes contratados pelo regime celetista.

O ensino médio em Maxaranguape está longe de ser algo isonômico¹ e que proporcione equidade aos diversos estudantes, principalmente os da EJA. Os alunos já vivenciaram o processo de exclusão escolar e voltaram ao lugar onde outrora não foram acolhidos para gozarem de um direito que são deles, além de realizarem o sonho de concluir a educação básica, pois somente “a educação é o instrumento principal para tornar os indivíduos em cidadãos crítico/reflexivo” (Santos, 2018, p. 259).

O grande problema da EJA na Escola Estadual Stoessel de Brito, além da acolhida, do problema estrutural e do déficit de professores efetivos, é a evasão escolar. No primeiro período da EJA, pode chegar a quase 50% da turma. Entretanto, esse problema não é só em Maxaranguape, como já afirmamos, é um desafio nacional. Segundo Ventura e a Rummert (2023), a situação da escolarização da população brasileira na conjuntura atual são que milhões de brasileiros estão na condição de analfabetismo, e essas pessoas são “os sujeitos de direito da EJA, um público demandante que pode chegar à casa dos

¹ Afirmamos isso porque os estudantes maxaranguapenses não têm a opção de estudar o ensino médio no diurno, pois não existe uma instituição da rede pública que ofereça. Logo, o direito de igualdade perante a lei não está sendo garantido em Maxaranguape.

70 milhões de brasileiros, majoritariamente da classe trabalhadora, aos quais o direito constitucional é negado” (Ventura; Rummert, 2023, p. 8).

Nesse sentido, pensar a EJA é “ter o ser humano e sua humanização como problema pedagógico” (Arroyo, 2008, p. 225), pois são milhões de brasileiros que tiveram seu direito à educação negado e vivem em exclusão escolar. Assim, é importante nos processos formadores valorizar as experiências de vida de cada aluno e evitar a institucionalização da EJA, isto é, reduzir a EJA a questões educativas e a conteúdos mínimos. “A história da EJA mostra que os avanços pedagógicos somente foram possíveis com liberdade para criar” (Arroyo, 2008, p. 225). E essa criação deve ser voltada para a formação humana, utilizando como caminho a experiência dos estudantes da EJA.

De acordo com a perspectiva do professor Miguel Arroyo, é necessário pensar a EJA de modo humano. Nesse contexto, os pesquisadores Leite e Moraes (2025, p. 80) explicam que

dentro da educação de jovens e adultos, questões como metodologias apropriadas a esse público já vinham sendo discutidas, uma vez que essa é uma modalidade onde o educador precisa estar atento à complexidade das questões sociais que envolvem seus alunos e saber utilizá-las como ferramentas para compor a base a fim de definir estratégias que viabilizem a construção do conhecimento de forma favorável e produtiva.

Desse modo, pensamos em uma proposta pedagógica que valorizasse as experiências de vida e promovesse conhecimento acerca do mundo do trabalho aos ejianos. Assim, propomos a criação de uma sequência didática na qual os estudantes terão contato com o conteúdo de História ligado à luta da classe trabalhadora, porque, conforme Giacomini (2015, p. 42) ressalta, “a proposta de ensino de História na EJA deve superar a simples transmissão de conteúdo forte, promovendo práticas pedagógicas críticas que possibilitem aos educandos a leitura da realidade social e histórica em que estão inseridos”.

Além disso, de acordo com Silva (2018, p. 29), “os alunos da EJA carregam consigo trajetórias marcadas pelo trabalho, pela resistência e pela exclusão. Essas vivências não podem ser ignoradas no currículo de História, sob pena de se reforçar a marginalização que já enfrentam”. Assim, vamos trabalhar com conteúdo que valorize as experiências de vida dos ejianos, como a luta operária na Revolução Industrial, que trouxe os primeiros direitos trabalhistas; a luta da classe trabalhadora brasileira pelos seus direitos através das Revoltas Sociais na Primeira República; a luta da classe trabalhadora na Greve de 1917. Desse modo, trabalharemos a Idade Contemporânea dando ênfase à

Revolução Industrial na Inglaterra e a História do Brasil no recorte temporal da Primeira República (1889-1930).

Na primeira seção deste trabalho, trouxemos uma breve contextualização sobre a EJA no Brasil e no Rio Grande do Norte, destacando seu desenvolvimento histórico, a legislação envolvida e os desafios enfrentados, como a evasão escolar. Além da análise das recentes pesquisas sobre a EJA no repositório do ProfHistória e da CAPES, destacando o ensino de História como ferramenta essencial na construção da cidadania crítica e na valorização das vivências dos alunos, sendo proposto o uso das narrativas de vida como estratégia pedagógica. Finalizamos com reflexões teóricas dos principais pesquisadores da EJA, os qual defendem que a EJA deve ir além da mera transmissão de conteúdos escolares, tornando-se um espaço de transformação social e emancipação crítica.

Na segunda seção, iremos conhecer a Escola Estadual Stoessel de Brito, objeto de nossa pesquisa, mais especificamente as turmas de ensino médio da EJA. Após a contextualização da Escola, analisaremos a turma do 3º período da EJA do ano letivo 2024.1 através de uma pesquisa socioeconômica que tentará responder a alguns questionamentos que temos sobre os altos índices de evasão escolar na EJA. Logo depois, analisaremos as cartas biográficas que os estudantes do 3º período da EJA do ano letivo de 2023.1 escreveram para os futuros ingressantes da EJA, narrando as suas experiências de vida. Além disso, partiremos para analisar uma atividade de pesquisa dos alunos do 2º período da EJA do ano letivo de 2024.2, na qual propusemos a eles entrevistarem pessoas que concluíram a sua educação básica na EJA.

Na terceira seção, iremos trabalhar uma sequência didática elaborada como produto educacional do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), aplicada à turma do 3º período da EJA da Escola Estadual Stoessel de Brito, na qual terão contato com conteúdo de História ligados à perspectiva do mundo do trabalho através do ensino da luta da classe trabalhadora na Inglaterra do século XIX (Revolução Industrial) e no Brasil da Primeira República (1889–1930), utilizando metodologias ativas e integrando os conhecimentos históricos com as vivências dos estudantes.

1. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A EJA

1.1 Historicizando a Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Analisando a História da Educação de Jovens e Adultos (EJA)² no Brasil, nos períodos Colonial e Imperial, observa-se que o ensino possuía um caráter predominantemente religioso e não era visto como um direito constitucional. No período Colonial, por exemplo, os padres jesuítas utilizavam a educação como instrumento de evangelização, buscando converter os indígenas à fé cristã católica. “É importante ressaltar que a educação de jovens e adultos era carregada de um princípio missionário e caridoso. O letramento destas pessoas era um ato de caridade das pessoas letradas às pessoas perigosas e degeneradas” (Sterlhow, 2012, p. 3).

Com o advento da República, os jovens e adultos analfabetos continuavam excluídos, tanto moralmente quanto constitucionalmente, pois a Constituição de 1891 os excluía do sufrágio, e perante a sociedade eram vistos como ignorantes e incapazes de escolherem seus representantes.

Com o objetivo de promover a inclusão das pessoas analfabetas no desenvolvimento do país, a Liga Brasileira contra o Analfabetismo (1915) e a Associação Brasileira de Educação (ABE) atuaram ativamente na defesa da ampliação do acesso à educação ao buscarem reduzir os altos índices de analfabetismo que marcavam a sociedade brasileira no início do século XX.

O sistema capitalista impõe uma dualidade na forma de oferecer o ensino, isto é, dando à classe rica oportunidades e condições para estudarem nos cursos que iriam prepará-los para liderar a classe trabalhadora, enquanto para os pobres eram oferecidos cursos voltados para o ensino técnico, ou seja, operacional. E o Brasil, segundo a pesquisadora Kuenzer (1991, p. 6), não foge desse paradigma: “Dessa forma, são criados pelo governo federal, em 1909, os primeiros cursos profissionais, com o nascimento de 19 escolas de aprendizes artífices, subordinadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio”.

A criação no Brasil dessas escolas de aprendizes artífices se deu de modo desordenado e sem justiça social, pois, além da industrialização acontecer de maneira

² O termo Educação de Jovens e Adultos (EJA), tem seu surgimento com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, em 1996. Diante disso, a partir deste momento para um melhor entendimento quando utilizarmos o termo Educação de Jovens e Adultos ou a sigla EJA, estamos nos referindo de modo geral a todo tipo de educação, ensino, modalidade ou prática educacional referida aos jovens e adultos.

tardia no Brasil, as escolas foram fundadas em locais onde não havia indústrias. Assim, as instituições serviram “para a qualificação de artesãos do que para a qualificação de profissionais para a indústria” (Kuenzer, 1991, p. 7).

Podemos dizer que a década de 1930 foi um período de transformações e conquistas que a sociedade brasileira viveu. Através da “mudança econômica começa-se a mudar algumas coisas no âmbito da educação com o surgimento dos ideais da Escola Nova e posteriormente as ações da Pedagogia de Paulo Freire em conjunto com os movimentos sociais” (Sterlhow, 2012, p. 4).

Nesse sentido, o Plano Nacional de Educação (1934) foi um marco na educação de adultos, pois foi o primeiro plano da história da educação que estendia o ensino às pessoas adultas. Além disso, na década de 1940 foi regulamentado o Fundo Nacional do Ensino Primário, e que este destinasse 25% dos recursos ao ensino supletivo.

Além disso, em 1946, com a Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo, foi criada a Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos com o objetivo de erradicar o analfabetismo no Brasil. Essa política estava, sobretudo, mais preocupada com “a quantidade de pessoas formadas do que com a qualidade”, além de tratarem tais alunos como incapazes, ou seja, “sem jeito para as letras”. Dessa forma, essas pessoas recebiam a mesma didática utilizada na educação das crianças, “pois esses adultos analfabetos estavam inaptos a compreender” (Sterlhow, 2012, p. 5).

Na década de 1950, começamos a ver transformações no tratamento das pessoas não alfabetizadas devido à contribuição do pedagogo Paulo Freire, que passa a tratá-las como sujeitos subjetivos e capazes de transformar seu destino. Tendo como inspiração as ideias freirianas, podemos citar algumas políticas educacionais criadas neste contexto histórico, por exemplo, a Campanha de Pé no chão Também se Aprende, da Prefeitura de Natal. “Esses movimentos procuravam reconhecer e valorizar o saber e a cultura popular, considerando assim, a pessoa não alfabetizada uma produtora de conhecimento” (Sterlhow, 2012, p. 6).

A discussão acadêmica no Brasil sobre o ensino da classe trabalhadora surgiu entre as décadas de 1950 e 1960, buscando mais participação política e oportunizando o direito à educação. Entretanto, o desenvolvimento educacional que o Brasil vinha vivendo passou por uma abrupta interrupção com golpe civil-militar em 31 de maio de 1964, criando o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1967, “com o objetivo de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada” (Sterlhow, 2012, p.

6), porém tratando as pessoas não alfabetizadas como incapazes de analisar o seu contexto sociocultural, e rebaixando o ensino ao simples ato de ler e escrever, e os responsabilizando pela “sua situação de analfabetismo e pela de subdesenvolvimento do Brasil” (Sterlhow, 2012, p. 7).

No início do século XX, a Liga Brasileira contra o Analfabetismo (1915) e a Associação Brasileira de Educação (ABE) buscavam promover a inclusão das pessoas analfabetas no desenvolvimento do país, defendendo a ampliação do acesso à educação. No entanto, como observa Freire (1980, p. 19), o controle sobre o conhecimento sempre esteve relacionado à manutenção das relações de poder, uma vez que permitir “a participação das massas alfabetizadas [...] modificava já notavelmente o esquema das relações de poder”, representando para os grupos dominantes a perda de privilégios e, para o povo, “o começo de uma verdadeira democracia”.

O período militar trouxe de volta a prática política de manter a massa popular na ignorância de seus direitos para que fosse mais fácil de ser manobrada, garantindo que grupos dominantes permanecessem no poder. Tal prática consistia em deixar o maior número possível de pessoas não alfabetizadas para que não usufríssem do seu direito ao voto. Assim, era a ideologia que fundamentava o MOBRAL, que chega ao seu fim em 1985, e com muitos escândalos de corrupção e críticas ao método ineficaz de ensino-aprendizado.

A Nova República traz esperança para os brasileiros não alfabetizados. A Constituição de 1988 passou a garantir a “oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (Brasil, 1988, Art. 208, I), “assegurando assim a universalização, a qualidade e a equidade do ensino obrigatório” (Brasil, 1988, Art.211, § 4º) a todos os cidadãos brasileiros.

A Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), ratifica o direito constitucional de educação ao longo da vida, além de “acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para todos os que não os concluíram na idade própria” (Brasil, 1996, Art.4), através da retificação da Lei nº 12.796, de 2013.

No ano de 2023, a Lei nº 14.533 incluiu o inciso XII no Art. 4º da LDB, assegurando a

educação digital, com a garantia de conectividade de todas as instituições públicas de educação básica e superior à internet em alta velocidade, adequada para o uso pedagógico, com o desenvolvimento de competências voltadas ao

letramento digital de jovens e adultos, criação de conteúdos digitais, comunicação e colaboração, segurança e resolução de problemas (Brasil, 1996).

Ademais, a LDB assegura o acesso à educação para jovens e adultos no período noturno, oportunizando que trabalhadores tenham condições de acesso e permanência na escola.

A seção cinco da LDB, composta pelos artigos 37 e 38, é exclusiva às diretrizes sobre a educação de jovens e adultos:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (Brasil, 1996).

Desse modo, podemos observar a preocupação do Estado brasileiro com o acesso à educação ao longo da vida, além de garantir o ensino gratuito e estímulos à permanência dos estudantes que já são trabalhadores e precisam da conclusão dos estudos, além de uma qualificação profissional.

Em 1998, foi instituído o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) com a intenção de garantir a educação à população do campo, tanto para a modalidade da EJA quanto para qualificação continuada aos profissionais da educação, além de garantir aos assentados acesso ao ensino técnico profissional de nível médio e curso superior em diversas áreas do conhecimento.

Em 2005, o governo federal, em articulação com o parágrafo 3º do art. 37 da LDB, cria o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Entretanto, em 2006, através do Decreto nº. 5.840, de 13 de julho, são feitas alterações no que se diz respeito a sua ampliação e

concepções pedagógicas, passando a ser denominado de Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

Assim, o PROEJA é concebido como ferramenta de democratização do ensino, trazendo para os mais diversos estudantes (jovens, adultos, terceira idade, trabalhadores rurais, trabalhadores operários, além de outros segmentos) a oportunidade de conclusão da Educação Básica, juntamente com uma formação profissional e cidadã, dando-lhes condições reais de exercer a cidadania no seu meio social e de se disponibilizar para o mundo do trabalho, enquanto mão de obra qualificada.

Nesse sentido, proporciona a qualificação dos estudantes através de cursos profissionalizantes integrados à educação básica, além de outros programas, como, Programa Mulheres Mil (2011), ofertado pela Rede Federal; Programa Nacional de Inclusão de Jovens (2008), conhecido como ProJovem Urbano; Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada (2009). O Certific tem o propósito de reconhecer saberes e certificar os trabalhadores que atuavam de modo informal, sem reconhecimento institucional; o Programa Nacional de Acesso do Ensino Técnico e Emprego, o Pronatec, foi instituído em 2011 com a finalidade de ampliar a oferta de educação profissional e tecnológica por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira.

Em 2014, foi publicado o Plano Nacional de Educação – PNE, através da Lei nº 13.005, de 25 de junho, legislação que traz metas e estratégias para toda educação brasileira, inclusive para a modalidade EJA. No art. 2º e no inciso I, propõe a erradicação do analfabetismo, além de no inciso II propor em dez anos a universalização do atendimento escolar, sendo a EJA ferramenta imprescindível para alcançar esta diretriz.

A respeito das estratégias e metas da modalidade EJA, podemos citar a busca ativa da população entre 15 a 17 anos fora da escola; fomentar programas de qualificação social profissional para aqueles que estejam fora da escola e com defasagem no fluxo escolar; assegurar a oferta gratuita da educação de jovens e adultos a todos os que não tiveram acesso à educação básica na idade própria; criar benefício adicional no programa nacional de transferência de renda para jovens e adultos que frequentarem cursos de alfabetização (Brasil, 2014).

Em 2017, com a Lei nº 13.415, conhecida como a Lei do Novo Ensino Médio, no que se diz respeito à Educação de Jovens e Adultos, a oferta foi ainda mais flexibilizada,

“permitindo que até 80% de sua carga horária total seja realizada de modo não presencial” (Ventura, 2023, p. 39). Ou seja, normatizando a EJA na modalidade EaD.

Em 2022, o governo federal, através de decreto, cria o Programa Brasil Alfabetizado com o intuito de atender as pessoas com 15 anos ou mais de idade, e assim garantir o direito à educação ao longo da vida e ao mesmo tempo desenvolver social e economicamente o país. O referido Programa tem como princípio a integração e a cooperação dos entes federativos (Brasil, 2022, Art. 2º) para que juntos possam cumprir uma das metas estabelecida pelo PNE em 2014, a erradicação do analfabetismo, além de garantir a educação aos cidadãos brasileiros que tiveram seu direito negado outrora.

Através da Lei nº 14.818, em 2024, é criado o Programa Pé-de-Meia, que tem como finalidade promover a “permanência e a conclusão escolar de estudantes matriculados no ensino médio público” (Brasil, 2024, Art. 1º). Programas deste tipo são fundamentais para combater a evasão escolar, pois o principal motivo do abandono escolar é a busca por trabalho para completar a renda familiar ou mesmo para garantir o sustento total da família.

O Programa Pé-de-Meia consiste em incentivo financeiro-educacional, na modalidade de poupança. No final do ensino médio o aluno pode garantir um “pé-de-meia” de até R\$9.200. Desse modo, o Programa tem como objetivos:

- I - democratizar o acesso dos jovens ao ensino médio e estimular a sua permanência nele;
- II - mitigar os efeitos das desigualdades sociais na permanência e na conclusão do ensino médio;
- III - reduzir as taxas de retenção, de abandono e de evasão escolar;
- IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação;
- V - promover o desenvolvimento humano, com atuação sobre determinantes estruturais da pobreza extrema e de sua reprodução intergeracional;
- VI - estimular a mobilidade social (Brasil, 2024, Art. 2º).

No que se diz respeito à modalidade EJA, o Programa, nos seus Art. 1º e 2º parágrafos, garante o incentivo financeiro-educacional aos estudantes de 19 anos a 24 anos (Brasil, 2024). São medidas assim que democratizam o acesso à educação, combatem a evasão escolar e promovem a inclusão social às pessoas que estão em situação de vulnerabilidade.

Portanto, podemos dizer que

A história da EJA é expressão clara das condições de desigualdade social sobre as quais esse país foi construído e, ao mesmo tempo, essa modalidade é uma forma de reparar a imensa dívida social que a sociedade brasileira contraiu ao

longo dos anos para com sua população trabalhadora, situação até hoje não superada (Ventura, 2023, p. 41).

A história da EJA é a história dos trabalhadores, do povo negro, isto é, das pessoas pobres que construíram este país com muita luta e resiliência. Assim, estudar a relação entre jovens e EJA significa a possibilidade de dar visibilidade a um segmento social que, apesar da discriminação e da exclusão social que sofrem, seguem criando e recriando estratégias para resistir (Passos, 2005, p. 54).

1.2 A EJA no Rio Grande do Norte

No Estado do Rio Grande do Norte, a história da Educação de Jovens e Adultos remonta às escolas noturnas do início do século XX para atender à necessidade dos trabalhadores, que não poderiam participar das aulas durante o dia (Rio Grande do Norte, 2024, p. 9).

Entretanto, foi só nos anos 1970 que passaram a existir políticas educacionais efetivas à EJA no Rio Grande do Norte, através dos programas de alfabetização de adultos e dos cursos de supletivos, cujo encaminhamento vinha do Programa Nacional de Alfabetização (PNA), criado em 1967 pelo Governo Federal, o que trouxe qualificação aos professores para combater o analfabetismo no Estado (Rio Grande do Norte, 2024).

A partir de 1988, com a Constituição Federal, dá-se início às bases legais da Educação de Jovens e Adultos na contemporaneidade, as quais garantem o acesso à educação ao longo da vida aos cidadãos brasileiros. “Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, estabelece que a EJA deva ser oferecida como uma modalidade de ensino regular, com currículo e programas específicos” (Rio Grande do Norte, 2024, p. 11).

Em 2003, através da implantação do Governo Federal do Programa Brasil Alfabetizado, o Rio Grande do Norte, por meio dos seus municípios, formou um elo para proporcionar a inclusão social aos norte-rio-grandenses que tiveram o acesso à educação negado outrora.

Os estudantes potiguares também utilizam como meio para conseguir a certificação da educação básica o Exame Nacional para Certificação de Competência de Jovens e Adultos (ENCCEJA). As provas ocorrem anualmente e o exame é reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e apoiado pela Secretaria Estadual de

Educação e Cultura (SEEC). O Rio Grande do Norte também disponibiliza os Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), assim criando mais oportunidades aos cidadãos norte-rio-grandenses que foram excluídos outrora dos espaços escolares.

O Rio Grande do Norte, em 2016, através da Lei estadual de nº 10.049, de 27 de janeiro, aprova o Plano Estadual de Educação (PEE), na qual no artigo 2º e inciso I propõe a “universalização, expansão e democratização do acesso à educação básica” durante um período de dez anos (2015-2025).

Desse modo, o PEE estabelece metas para toda a educação do Rio Grande do Norte. No que se diz respeito à modalidade da EJA, podemos destacar as metas 5 e 6 da dimensão 1, a qual assegura o acesso gratuito aos jovens e adultos que estão longe da escola por meio de regime de colaboração entre o Estado e os Municípios para realizar a busca ativa e diagnosticar os estudantes que estão afastados da escola. Além disso, o PEE propõe a erradicação do analfabetismo por meio de Programas nas redes de ensino de estadual e municipal (Rio Grande do Norte, 2016).

Em 2019, através da Portaria-sei nº 212, de 29 de maio, o Estado do RN “estabelece as Normas de Avaliação da Aprendizagem Escolar para a Rede Estadual de Ensino e dá outras providências”, inclusive especificando e orientando como deve ocorrer a verificação de aprendizagem na modalidade EJA, na qual devem ser aplicadas no mínimo duas avaliações por semestre. Além disso, os estudantes do 1º e 2º períodos que ficarem “reprovados em até dois componentes curriculares serão promovidos em regime de Progressão Parcial” (Rio Grande do Norte, 2016, Art.18).

Outra providência relevante sobre as avaliações da modalidade EJA é o Art. 22 e o parágrafo único:

Aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, serão asseguradas oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características dos estudantes, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (Rio Grande do Norte, 2016).

O Art. 22 é de grande importância, pois demonstra uma profunda empatia com os estudantes da EJA. O retorno à escola, para muitos deles, é um processo desafiador e repleto de obstáculos – como os horários tardios após uma longa jornada de trabalho ou a dificuldade de encontrar com quem deixar os filhos para poder estudar. Essas são situações comuns vivenciadas nas turmas da EJA. Assim, por meio dos Exames Supletivos, esses estudantes têm a oportunidade de obter o certificado de conclusão da educação básica e, finalmente, exercer um direito que lhes foi negado por muito tempo.

Em maio de 2024, o Governo do Rio Grande do Norte lança uma proposta para toda a sociedade em construir as Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (DCEJAI/RN)³ com a intenção de criar um currículo pertinente às necessidades singulares da comunidade escolar do RN.

A proposta de construção das diretrizes é democrática e de escuta à comunidade, através de encontros presenciais, lives temáticas e compartilhamentos de links. Tudo isso com o objetivo de construir as Diretrizes Curriculares à Educação de Jovens e Adultos e que leve em consideração as vivências dos profissionais de educação e as experiências de vida do alunado, isto é, construir um currículo a partir da escuta dos sujeitos que vivenciam a Educação de Jovens e Adultos.

A escuta aconteceu durante o evento “EJA e Projeto Político de Sociedade: equidade e democracia”, com o seguinte subtítulo: “Diretrizes Curriculares para a EJA no RN: caminhos para uma prática coletiva de EJA”, no mês de julho de 2024, com as 16 Diretorias Regionais de Educação (DIREC) espalhadas por todo o Estado do Rio Grande do Norte. Durante três dias os professores, coordenadores pedagógicos e os gestores das escolas participaram de palestras, oficinas e construção de propostas das Diretrizes Curriculares da EJA, assim construindo um documento coletivo através das contribuições dos sujeitos que fazem a EJA no Rio Grande do Norte.

1.3 As recentes pesquisas sobre a EJA

Na pesquisa realizada⁴ no repositório do ProfHistória, encontramos 18 dissertações com a palavra-chave EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Entretanto, nenhuma que aborde a Evasão Escolar nesta modalidade de ensino. Assim, resolvemos dedicar nossos esforços no repositório da CAPES, no qual encontramos 96 trabalhos sob a EVASÃO + EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, dividido entre 6 teses de doutorado; 56 dissertações do mestrado acadêmico; 30 dissertações do mestrado profissional; 3 Trabalhos de Conclusão de curso profissionalizante. Assim, para filtrar mais ainda, resolvemos acrescentar a palavra-chave ENSINO DE HISTÓRIA, o que diminuiu o número para 25 trabalhos divididos entre 2 teses de doutorado; 19 dissertações

³ Disponível:

https://sei.rn.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?dqBlq_KF4_2fdKMgucKGw2SOsdRDgKOTtYkpTOQj2qQnCWtX97KaJZObyvYQycSxjS6SLi6DABMC0MremSeHPDgyyaPfkJZRZ6Ny38EH1odwpLOkGS20ZZ3DwdDW. Acesso em: 23 maio 2024.

⁴ A pesquisa foi realizada no dia 09 de novembro de 2023.

de mestrado acadêmico; 4 dissertações de mestrado profissional. Dessa forma, passamos a analisar as pesquisas que utilizaram como metodologia as narrativas de vida na elaboração do produto pedagógico. Assim diagnosticamos oito trabalhos que utilizaram as experiências de vida dos estudantes da EJA como dimensão propositiva.

A partir do levantamento que fizemos nos repositórios do ProfHistória Nacional e da CAPES, partimos para realizar a leitura dos resumos e na introdução dos trabalhos selecionados, e os principais problemas diagnosticados na investigação foram: falta de interesse dos estudantes ao ensino tradicional proposto nas salas de aulas, assim como crise no ensino de História na EJA devido à falta de preparo tanto dos professores quanto das instituições escolares ao ensino da EJA. Entretanto, conseguimos perceber na análise que o desinteresse escolar dos estudantes para com os estudos é o principal fator levantado pelos professores-pesquisadores da evasão escolar dos alunos da EJA.

Os autores sempre citados como referencial teórico no tocante à Educação de Jovens e Adultos foram Miguel Arroyo, Paulo Freire, Lev Vigotski, Maria Clara Di Pierro, Sérgio Haddad e Pedro Demo. Já no ensino de História, podemos ressaltar: Jörn Rüsen e Circe Bittencourt. Já os teóricos Walter Benjamin, Maurice Halbwachs e Michael Pollak são citados como as sustentações teóricas para pensar o uso da memória na construção de narrativas de vidas.

As principais dimensões propositivas utilizadas nas pesquisas do ProfHistória são: Material Didático aos professores, assim como Oficinas de formação continuada; Sequência Didática; construção de narrativas sobre as experiências de vida dos estudantes da EJA; Cinema e História. Sobretudo, a dimensão propositiva mais escolhida para tentar solucionar os seus problemas elencados foi a Sequência Didática, da qual podemos citar os trabalhos de Souza Júnior (2002), Santos (2018) e Almeida (2018). Assim, a partir deste momento iremos começar traçar semelhanças e diferenças de problemas, objetivos e dimensões propositivas que os professores-pesquisadores salientaram em suas pesquisas.

A pesquisa de Sousa Júnior (2022), realizada no ProfHistória da UFRN, nos faz encontrar muitas semelhanças nos desafios encontrado em nossa escola, no que se diz respeito à dualidade entre escola e mundo do trabalho, “salas de públicos heterogêneos, de diversas idades, cada um com seus devidos objetivos” (2022, p. 16), além da semelhança que encontramos nas estratégias de cativar os estudantes em continuar com os estudos em detrimento da necessidade de trabalhar.

Ainda sobre a pesquisa de Souza Júnior (2022), achamos interessante o modelo de questionário socioeducacional aplicado pelo pesquisador em uma das suas turmas de EJA, cujas perguntas nos chamaram a atenção devido à semelhança encontrada na nossa escola entre os estudantes ejianos. Desse modo, para construir o nosso questionário, utilizamos como modelo o da pesquisa de Souza Júnior (2022) a fim de nos nortear na investigação dos nossos alunos.

Nesse sentido, Buzeto (2020, p. 18) ressalta que “a Educação de Jovens e Adultos precisa ser interpretada como educação essencial e afirmativa”, uma vez que seu papel é fundamental para garantir o direito à educação a brasileiros que, por diferentes razões, tiveram esse acesso negado. Além disso, a ausência da certificação escolar os impede de ocupar espaços sociais em que a conclusão dos estudos é requisito básico, como o ingresso em faculdades, empregos formais e concursos públicos, resultando, assim, na negação de sua cidadania plena.

Além disso, outro ponto ressaltado por Buzeto (2020, p. 18), com o qual concordamos, é a respeito do currículo da modalidade que

precisa ser priorizado no sujeito, com intencionalidade educativa e política, aproximando as experiências e conhecimentos prévios ao contexto escolar, considerando suas necessidades sócio-histórico-econômicas, proporcionando a problematização da sua realidade, o diálogo, a conscientização e a transformação social.

A falta de um currículo voltado à EJA é uma grande dificuldade encontrada pelos professores na hora do seu planejamento; além das escassas formações continuadas voltadas ao Ensino de Jovens e Adultos; ademais, as graduações de licenciatura abordam de maneira superficial o ensino nessa modalidade. Desse modo, quando os educadores chegam à sala de aula, precisam se reinventar enquanto profissionais, pois irão se deparar com desafios nunca vistos, como, por exemplo, a evasão escolar e os seus desdobramentos, que são a baixa assiduidade, atraso para chegar à sala, sazonalidade nas aulas, enfim, obstáculos para os quais a graduação não prepara.

Na pesquisa de Pedott (2021), encontramos semelhanças no tocante à motivação da escolha do objeto de pesquisa. Na nossa pesquisa também surgiu a inquietação de tentar buscar explicação para a evasão dos estudantes da EJA. Quais são os motivos das ausências ou dos abandonos? E o que nós, enquanto professores e escola, podemos fazer? Na verdade, o que observamos investigando as dissertações produzidas é que os problemas se estende de Norte a Sul no Brasil, isto é, o problema diagnosticado por nós

aqui em uma praia do interior do Nordeste é o mesmo problema enfrentado por Pedott (2021) no Rio Grande do Sul.

O trabalho de Samuel Pereira Marcolin (2016), do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, “Escritas entre si: memórias e narrativas históricas de estudantes da EJA de Florianópolis”, nos trouxe inspiração para pensar o aperfeiçoamento do projeto propositivo, no qual seria a criação de um Perfil de *Instagram* para publicar as principais falas que seriam retiradas das cartas biográficas dos estudantes da EJA.

A dissertação “Ensino de história das mulheres: experiência na educação de jovens e adultos – EJA”, em Imperatriz/MA, da pesquisadora Jucileide da Silva Almeida (2018), do programa de pós-graduação profissional em ensino de História, da Universidade Federal do Tocantins, optou pelas narrativas de vida dos estudantes para investigar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA. É nítido que o sonho em concluir a educação básica é a força motriz que impulsiona cada um deles a vencer os desafios diários.

Em sua dissertação, intitulada “Rompendo o silêncio: história de vidas no ensino de história na educação de jovens e adultos na EMEF Oviedo Teixeira em Aracaju/SE”, Farias (2018), do Programa de mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe, propõe uma análise sobre a importância da memória no espaço escolar como ferramenta para auxiliar a construção do ensino-aprendizado e cita como parâmetro teórico a obra *A memória coletiva*, de Halbwachs (1990).

Desse modo, Farias (2018) utilizou a História Oral para reconstruir as trajetórias de vida dos estudantes da EJA. Seguindo essa perspectiva, pretendemos recorrer às memórias desses estudantes como fonte histórica a fim de investigar suas experiências e identificar pontos de semelhança que possam contribuir para a compreensão e, possivelmente, o enfrentamento de desafios semelhantes vivenciados por outros alunos.

A pesquisa de Carvalho (2021) faz parte da linha de pesquisa sobre conhecimento histórico em diferentes espaços de memória do Programa Profhistória, da Universidade Federal de Santa Catarina, que tem como objetivo dialogar com três alunas da EJA, da cidade de Biguaçu – SC. Podemos perceber que as experiências de vida dos estudantes da EJA têm um caráter transformador. Assim, suas narrativas servirão de paradigma motivador aos novos ingressantes da EJA.

Fraga (2021), do Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, da Universidade do Vale dos Rios dos Sinos, em Porto Alegre – RS, questiona as razões para

a evasão escolar na EJA, especificamente no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Intitulada “O que faz continuar? Fatores de permanência na Educação de Jovens e Adultos”, a pesquisa utilizou entrevistas com alunos e ex-alunos da EJA para investigar os fatores que levam à evasão e permanência desses estudantes na escola.

Menezes (2008), do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, em sua dissertação de mestrado, “As masculinidades na Escola: Histórias e Memórias da Escolarização de Alunos da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de João Pessoa”, analisou o perfil dos estudantes da EJA, em especial os meninos, por meio da entrevista oral com o intuito de investigar como as concepções de masculinidade estão interferindo no processo de escolarização e no cotidiano escolar.

Bezerra (2019), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, propõe uma pesquisa voltada à análise de narrativas das histórias de vida dos estudantes da EJA para tentar compreender os motivos da evasão escolar. O que nos chamou atenção é a escolha das narrativas de vida como objeto de investigação da EJA, pois percebemos que as experiências de vida dos alunos da modalidade são enriquecedoras na construção de estratégias para combater a evasão escolar, pois nos mostrarão os desafios que essas pessoas enfrentaram para concluir o Ensino Médio, e pode servir de motivação e incentivo para outras pessoas concluírem a educação básica.

Nesse sentido, encontramos na pesquisa de Bezerra (2009) um objetivo semelhante ao nosso, que é “compreender como os jovens e adultos significam o abandono dos estudos em sua fase escolar” (2019, p. 11). Assim, nossa intenção é que o produto desenvolvido sirva como fonte de inspiração e motivação para que os estudantes não abandonem os estudos. Desejamos que percebam que os desafios enfrentados no presente já foram superados por outros, e acreditamos que eles também serão capazes de vencê-los e alcançar o tão almejado diploma.

O produto realizado pela professora Bezerra (2019) foi uma análise de entrevistas narrativas,

na qual dez participantes compartilharam suas narrativas de vida escolar entre os colegas e o pesquisador, deixando suas marcas subjetivas de todo o seu contexto social vivenciados enquanto estudante, assim como as convicções futuras, pessoais, estudantis e profissionais (Bezerra, 2019, p. 11).

Em nossa pesquisa, propomos a elaboração de um produto semelhante, por meio da construção de cartas biográficas, nas quais estudantes da EJA escrevem aos futuros alunos relatando os desafios que enfrentaram para concluir o ensino médio. Nossa

expectativa é inspirar e fortalecer a esperança daqueles que estão ingressando nas turmas da EJA, mostrando-lhes que não estão sozinhos. Assim como outros conseguiram superar os obstáculos impostos pela vida, acreditamos que eles também alcançarão a conclusão da educação básica.

1.4 Reflexão teórica sobre a EJA

O ensino de História precisa gerar uma conscientização libertadora nos estudantes. Segundo Freire (2014), a liberdade vem com a consciência crítica, através da escolaridade e erudição. Além disso, é um ato de amor, de esperança, de humanidade, de empatia e de simpatia poder testemunhar a construção do pensamento crítico de um indivíduo que teve por tanto tempo seus sonhos oprimidos.

Entretanto, para isso, os jovens e adultos precisam ser corajosos para enfrentar os desafios que a sociedade capitalista impõe aos seus cidadãos, fazendo muitos jovens abandonarem os estudos para vender sua força de trabalho por um mísero salário, mas de extrema importância na complementação da renda familiar e assim escolhendo o trabalho em detrimento dos estudos.

Além disso, outro grande obstáculo na educação libertadora é o sectarismo⁵, pois é sempre limitador, além de se nutrir do fanatismo tanto da direita quanto da esquerda. Assim, Freire (2014, p. 32) defende que “a radicalização pelo contrário, é sempre criadora pela criticidade que a alimenta”.

O radical, comprometido com a libertação dos homens não deixa prender em “círculos de segurança”, nos quais aprisione também a realidade [...]. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos (Freire, 2014, p. 32).

Os estudantes da EJA precisam ter um pensamento transformador que proporcione mudanças dentro de si, precisam sair da armadilha do sectarismo na qual os opressores tentam aprisionar os trabalhadores na ignorância dos seus direitos e do seu potencial. A EJA é este local de libertação onde os estudantes observam o quanto são fortes e capazes de vencer quaisquer desafios colocados pela vida.

⁵ Sectarismo significa intolerância, isto é, estado de quem expressa intransigência. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sectarismo/>. Acesso em: 06 ago. 2024.

Dessa maneira, como devemos tratar a EJA? Simplesmente como um ensino ou uma educação? “O legado histórico da concepção de formação humana básica perdida no conceito estreito de ensino foi recuperado pela concepção de educação presente nas experiências populares de EJA” (Arroyo, 2008, p. 224).

Segundo Arroyo (2008), as maneiras cujas nomenclaturas são utilizadas pelos pesquisadores da EJA estão equivocadas, pois, segundo ele, “a EJA nomeia os jovens e adultos pela sua realidade social: oprimidos, pobres, sem-terra, sem teto, sem horizonte. Pode ser um retrocesso encobrir essa realidade brutal” (2008, p. 223) com nomes mais modernos de discurso, como escolares. “Esses nomes escolares deixam de fora dimensões de sua condição humana que são fundamentais para as experiências de educação” (Arroyo, 2008, p. 223). Portanto, podemos mudar como forem as nomenclaturas, “mas sua condição humana, suas possibilidades de desenvolvimento humano, entretanto, continuaram as mesmas ou piores. Não aumentou apenas o número de analfabetos, mas de excluídos” (Arroyo, 2008, p. 223).

Ventura e Rummert (2023) expõem a situação da escolarização da população brasileira na conjuntura atual:

no ano de 2021, 46,8% da população brasileira de 15 anos ou mais ainda não concluíram a educação básica e, destes, cerca de 11 milhões ainda se encontrava em condição de analfabetismo. Estes são fundamentalmente o público e os sujeitos de direito da EJA, um público demandante que pode chegar à casa dos 70 milhões de brasileiros, majoritariamente da classe trabalhadora, aos quais o direito constitucional é negado (Ventura; Rummert, 2023, p. 8).

Nesse sentido, pensar a EJA é “ter o ser humano e sua humanização como problema pedagógico” (Arroyo, 2008, p. 225), pois são milhões de brasileiros que tiveram seu direito à educação negado, o que os levou a viver em exclusão escolar. Segundo Haddad (2020, p. 6), “os sujeitos da EJA não deixaram a escola apenas por vontade própria; muitos foram empurrados por condições familiares, econômicas e culturais que os marginalizaram”. Nesse sentido, é importante nos processos formadores valorizar as experiências de vida de cada aluno e evitar a institucionalização da EJA, isto é, reduzir a EJA a questões educativas e a conteúdos mínimos.

“A história da EJA mostra que os avanços pedagógicos somente foram possíveis com liberdade para criar” (Arroyo, 2008, p.225). E essa criação deve ser voltada para a formação humana, utilizando como caminho a experiência dos estudantes da EJA.

A EJA “aprendeu a educar fora das grades”, respeitando a singularidade dos seus sujeitos. Enquanto pensarmos em institucionalizar o processo, generalizar os sujeitos,

achar que encontramos a forma adequada de ensino, a EJA “sucumbirá atrás das grades e dos regimentos escolares e curriculares se neles for enclausurada” (Arroyo, 2008, p. 226), pois a EJA é um local de diversidade, onde encontramos humanos que tiveram seus direitos básicos em outrora negados devido a apresentarem sexualidade diferente do padrão normativo que a sociedade impõe. Precisamos compreender que os seres humanos são diversos e a sexualidade demonstra a diversidade humana. Desse modo, não podemos mais fingir que essas pessoas não existem. Precisamos reconhecer seus direitos humanos e garantir uma escola que produza educação na qual respeite a diversidade das pessoas.

De acordo com Haddad (2020, p. 7), “a educação de jovens e adultos não pode ser pensada apenas como política educacional, mas como política de justiça social que considera a família e o trabalho como parte do processo educativo”. Desse modo, a EJA vem recuperar estas pessoas que foram tão machucadas e prejudicadas por uma sociedade preconceituosa. Com isso, o mundo do trabalho e as escolas são influenciados e excluem muitas pessoas do seu direito básico à educação e a possibilidade de garantir a sua dignidade humana. Sobretudo, precisamos compreender que educação e emprego não são privilégios, e sim um direito constitucional que vem sendo negado a diversas pessoas na história do nosso país.

Nesse sentido, Di Pierro (2023) nos faz refletir sobre a EJA na conjuntura atual do nosso país. Em 2018, a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD) evidencia que mais de 11 milhões de jovens, adultos e idosos não sabiam ler e escrever, na qual menos de 5% estavam estudando no Ensino Fundamental e Ensino Médio, além de 85% dos estudantes optarem pelo período noturno.

A pesquisadora Di Pierro nos alerta sobre um equívoco que acontece na sociedade brasileira, por alguns intelectuais que defendem o maior investimento na educação de crianças e jovens em detrimento aos dos adultos, ou até mesmo, os próprios “pais ou responsáveis que têm pouca escolaridade” (Di Pierro, 2023, p. 166), entretanto, lutam pelo direito à educação dos seus filhos. Mas quando a luta é pela sua educação ao longo da vida, cujo direito é constitucional, não encontramos tanto afinco por parte dos adultos e idosos. E essa é a crítica de Di Pierro, na qual ressalta a garantia tanto para as novas gerações quanto para as velhas gerações, pois são direitos que não devem ser mais violados.

Esse padrão de comportamento é nutrido por preconceitos arraigados que subestimam a capacidade de aquisição de conhecimentos na fase adulta e na velhice. De um lado, isso se deve às dolorosas experiências de insucesso e de exclusão escolar que muitas dessas pessoas viveram na infância e na adolescência e, de outro, ao insuficiente desenvolvimento da psicologia da

aprendizagem na vida adulta, abrindo espaço ao mito de que essa é uma etapa de estagnação ou de declínio cognitivo (Di Pierro, 2023, p. 166).

Não existe idade certa para aprender, pois toda fase da vida é um momento oportuno para buscar conhecimento. Paulo Freire (2014) afirmava que podemos aprender tanto com uma criança de cinco anos quanto com um idoso de sessenta e cinco; todos têm algo a ensinar e a aprender. A construção do conhecimento se dá por meio da troca de saberes, na qual a idade não representa uma limitação, seja para ensinar, seja para aprender. Desse modo, é fundamental defender a educação ao longo da vida, reconhecendo que a maturidade também constitui um estágio fértil para o aprendizado.

A pesquisadora Di Pierro (2023, p. 167) observa que “não é fácil motivar as pessoas jovens, adultas e idosas das camadas de baixa renda a voltarem para a escola”, afirmação com a qual concordamos plenamente. Nossa experiência em sala de aula na Escola Estadual Stoessel de Brito confirma essa realidade, pois enfrentamos um índice de evasão escolar elevado – segundo o Censo Escolar de 2022, aproximadamente 20% de abandono. A situação é ainda mais preocupante nas turmas do anexo da escola, localizado no distrito de Maracajaú, onde o turismo constitui uma das principais fontes de renda. Nesse contexto, muitos estudantes optam por trabalhos informais, recebendo menos que um salário mínimo ou sendo remunerados por diárias ou produtividade, em vez de concluírem os estudos e ampliarem suas oportunidades profissionais.

Assim, detectamos nas turmas da 1ª série regular e na 1ª EJA os altos índices de evasão escolar na Escola Stoessel porque os estudantes vão para a sala de aula após uma jornada de trabalho exaustiva debaixo do sol ardente. A maioria deles trabalha como instrutores de mergulho, condutores de quadriciclos, fotógrafos de turismo de aventura, garçons nas plataformas de mergulhos e nos restaurantes. Desse modo, muitos estudantes acabam direcionando seus esforços ao trabalho em detrimento dos estudos, uma vez que o retorno proporcionado pela educação ocorre a longo prazo. Em contrapartida, o turismo oferece ganhos imediatos, embora de natureza efêmera. O estudo, por sua vez, exige tempo, investimento e dedicação, mas garante um retorno sólido e duradouro.

Quando falamos em altos índices de evasão escolar, estamos comparando os números de matriculados nas turmas subsequentes, e conseguimos ver a diferença nas matrículas de uma série para a outra. No início do ano letivo de 2023, as turmas das 1ª EJAs tinham 37 alunos matriculados, e com o fim do ciclo vinte estudantes foram aprovados, sete foram reprovados, dezenove deixaram de frequentar e um foi transferido.

Os números são assustadores e quando vamos investigar a retenção, encontramos situações de abandono durante os bimestres; infrequência dos estudantes; notas baixas devido a não acompanhar as aulas e reprovação em várias disciplinas devido ao baixo desempenho durante o ano letivo. Como falamos anteriormente, o investimento nos estudos requer um longo tempo e energia, elementos esses que são direcionados ao mundo do trabalho, que traz um retorno imediato e em curto prazo, principalmente no distrito de Maracajaú, onde para se trabalhar não necessita a priori do ensino médio completo.

Todavia, sempre estamos recebendo ex-alunos, que voltam a procurar a escola para recuperar o tempo perdido outrora, pois perderam oportunidades de emprego ou mesmo de crescimento na empresa que estão empregados. Recentemente, em sala de aula, uma aluna nos relatou que perdeu uma vaga de emprego, pois não tinha o diploma do ensino médio. Situações como essas são corriqueiras no nosso dia a dia e nos fazem refletir e nos indagar sobre como podemos ajudar esses estudantes a usufruírem de um direito que é deles, e que há tempos vem sendo negado.

Para responder essa questão, a pesquisadora Di Pierro (2023, p. 166) ressalta

que as políticas de formação de adultos tenham caráter intersetorial (abordando também outros direitos humanos como trabalho e renda, saúde e moradia, assistência social etc.), que os sistemas de aprendizagem sejam bastante flexíveis, e que os governos e a sociedade civil atuem de modo proativo na mobilização da demanda por formação.

Os estudantes precisam sentir-se acolhidos nas escolas ao ponto que suas necessidades primárias, como alimentação, saúde, transporte e moradia, sejam supridas na dimensão familiar para que os estudantes optem pelos estudos invés do trabalho.

2. A EJA EM MAXARANGUAPE

2.1. Contextualizando o Stoessel

A Escola Estadual Stoessel de Brito fica localizada no município de Maxaranguape/RN, aproximadamente a 40 km da capital do Estado do Rio Grande do Norte, a cidade de Natal. Segundo o Censo de 2022, o município tem 10.255 habitantes divididos entre a sede, distritos e assentamentos rurais. A escola fica localizada na sede

Imagem 4 – Escola Germano cede o prédio à Escola Stoessel



Fonte: Acervo do autor (2025).

A situação da escola Stoessel é inusitada, pois desde sua fundação⁶ nunca teve um prédio próprio⁷. Devido a esse fato e por ser o único estabelecimento de ensino médio do município, atende os estudantes do distrito de Maracajaú, Caraúbas e Assentamento São José e Novo Horizonte. Entretanto, para evitar o deslocamento de mais de cem alunos, foi criado um anexo na Escola Municipal Professor Calixto no distrito de Maracajaú para atender os estudantes daquela localidade e do assentamento Novo Horizonte.

Não ter um prédio próprio acarreta vários problemas, como falta de laboratórios, sala de professores, biblioteca, quadra esportiva, além de não oferecer o ensino diurno e nem o integral, ou seja, os direitos dos estudantes estão sendo negados.

Além disso, a escola não dispõe de professores em número suficiente para atender a toda a sua demanda. Há carência de docentes nas disciplinas de Geografia e Química, e outros componentes curriculares acabam sendo ministrados por profissionais de áreas distintas. É o caso, por exemplo, da professora de Língua Portuguesa, que complementa sua carga horária lecionando Sociologia, ou do professor de Espanhol, que assume aulas de Inglês. Essa situação se repete em diversas disciplinas. Compreendemos que a gestão

⁶ A Escola Estadual Stoessel de Brito não possui Projeto Político-Pedagógico. Logo, ficamos sem informações relevantes para esta pesquisa, como a data de fundação da escola.

⁷ É de suma importância ressaltar que o referido texto foi escrito com base nas informações de 2024 porque no início do ano de 2025 o Estado do Rio Grande do Norte iniciou as reformas na desativada Escola Estadual Raimundo de Oliveira, em Maxaranguape/RN. Assim, após a conclusão das reformas, esta será a nova sede da Escola Estadual Stoessel de Brito. Em suma, até o exato momento (julho de 2025), a referida escola continua sem prédio próprio.

escolar adota essa prática com o intuito de evitar que os estudantes fiquem sem aula e de possibilitar que os docentes completem sua jornada de trabalho em uma única instituição.

O déficit de profissionais especializados em suas respectivas áreas não só prejudica o aprendizado dos estudantes, que não usufruem da melhor qualidade no ensino, como acarreta outros problemas, como deixar de abrir duas turmas da EJA, pois não teria professor suficiente, além de proporcionar muitos horários vagos e aumento no número de turmas, problema que não existiria se houvesse o quadro completo de professores.

Desse modo, as turmas da 1ª EJA “B” e 3ª EJA “B”, que estão localizadas no distrito de Maracajaú, vem sendo prejudicadas, pois os estudantes da 1ª EJA estão assistindo aula juntamente com a 1ª série do ensino médio regular e os estudantes da 3ª EJA com a 3ª série do ensino médio regular. Dessa maneira, existe uma perda enorme de aprendizado dos estudantes da EJA, pois a metodologia do ensino é diferente, além de muitos alunos desistirem dos estudos por não terem se adaptado ao ritmo das turmas e se sentirem envergonhados em uma turma com faixa etária mais nova.

Além de todo esse problema, as turmas de EJA que ficam na sede do município estão juntas na mesma sala, ou seja, a 1ª EJA “A” e a 3ª EJA “A” estão tendo aula em uma única turma. Esses fatores dificultam ainda mais o ensino-aprendizado dos estudantes, que outrora foram excluídos do processo educacional devido às escolas não estarem preparadas para acolhê-los em suas dificuldades diárias, e acharem mais conveniente se livrar do “problema”, isto é, deixando os estudantes evadirem ou serem reprovados, sem fazer nenhuma ação para ajudá-los.

Nesse sentido, a escola Stoessel de Brito não promove uma educação inclusiva na modalidade EJA aos maxaranguapenses. Pelo contrário, criam ainda mais dificuldades ao acesso à educação e elevam o índice de evasão escolar das turmas de EJA da escola. O quadro a seguir expõe os dados a partir dos diários de classe de 2023⁸:

⁸ Os seguintes dados fazem referência ao ano letivo de 2023, não temos os dados do 3º período EJA porque só seria iniciado em 2024.1.

Quadro 1 – Sucesso e insucesso na frequência escolar – 2023

TURMA	MATRICULADO	APROVADO	REPROVADO	DEIXOU DE FREQUENTAR	TRANSFERIDO
1ª EJA “A”	21	10	2	8	1
1ª EJA “B”	26	10	5	11	-
2ª EJA “A”	15	12	1	2	-
2ª EJA “B”	10	6	1	3	-

Fonte: Os dados foram retirados do diário de classe de 2023. Acervo do SigEduc.

A princípio, observamos que, no 1º Período da EJA, houve 47 matrículas, enquanto no 2º Período registraram-se apenas 25 estudantes. Essa redução significativa no número de matriculados entre um período e outro está relacionada, sobretudo, às reprovações e, principalmente, à evasão escolar. Os dados da tabela evidenciam que o número de estudantes que deixaram de frequentar a escola é superior ao de reprovações.

Mas por que isso ocorre? Porque muitos desses estudantes vivenciam novamente processos de exclusão semelhantes aos do passado, marcados pela falta de acolhimento às suas singularidades. Entre os fatores que contribuem para esse cenário, destacam-se a ausência de um espaço seguro para deixar os filhos durante o período de aulas – o que dificulta a dedicação plena aos estudos – e a forma de organização das turmas. Em algumas escolas, por exemplo, há separação entre estudantes do 1º e do 3º períodos, o que permite um ensino mais adequado a cada nível. No entanto, essa prática não ocorre na Escola Estadual Stoessel de Brito, o que acaba comprometendo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

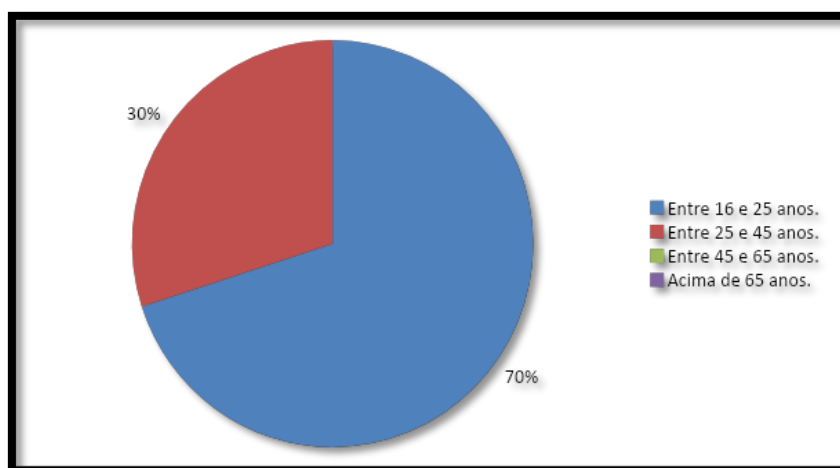
No ano letivo de 2024, as dificuldades aumentam, pois os estudantes da 3ª EJA “B” que estudam no anexo da escola no distrito de Maracajaú estão frequentando as aulas junto com a turma da 3ª série do ensino médio regular até o fim do primeiro semestre. Estratégia essa criada pela gestão da escola para que os estudantes possam concluir os estudos. Assim, eles estão matriculados na 3ª EJA “A” localizada na sede do município e frequentando as aulas no anexo da escola em Maracajaú, que fica a 14 quilômetros da sede da escola.

Desse modo, dos sete estudantes matriculados na turma da 3ª EJA “B”, atualmente apenas quatro permanecem frequentando as aulas. As outras duas estudantes deixaram de comparecer, sentindo-se constrangidas por fazer parte de uma turma composta majoritariamente por jovens. Eram duas mulheres entre 35 e 45 anos que, após mais de uma década afastadas da escola, retornaram aos estudos em 2023. Com muito esforço, dedicação e o apoio de professores e colegas, conseguiram superar as dificuldades decorrentes do longo tempo longe da sala de aula, sendo aprovadas nos 1º e 2º períodos, etapas em que muitos outros desistiram ou foram reprovados. Entretanto, ao ingressarem no 3º período, não conseguiram dar continuidade ao processo educacional, sentindo-se novamente excluídas. Assim, o sonho de concluir o ensino médio precisou, mais uma vez, ser adiado.

2.2 Pesquisa socioeconômica

Para conhecermos melhor os desafios que os estudantes da EJA enfrentam no seu dia a dia, resolvemos aplicar um questionário (Apêndice A) socioeducacional na turma da 3ª EJA, que no caso era a turma na qual estávamos ensinando em 2024.1. Logo, pedimos a ajuda dos estudantes da referida turma para buscarmos informações e responder algumas perguntas que surgiram no decorrer da nossa pesquisa.

o 1 – Qual é a sua idade?

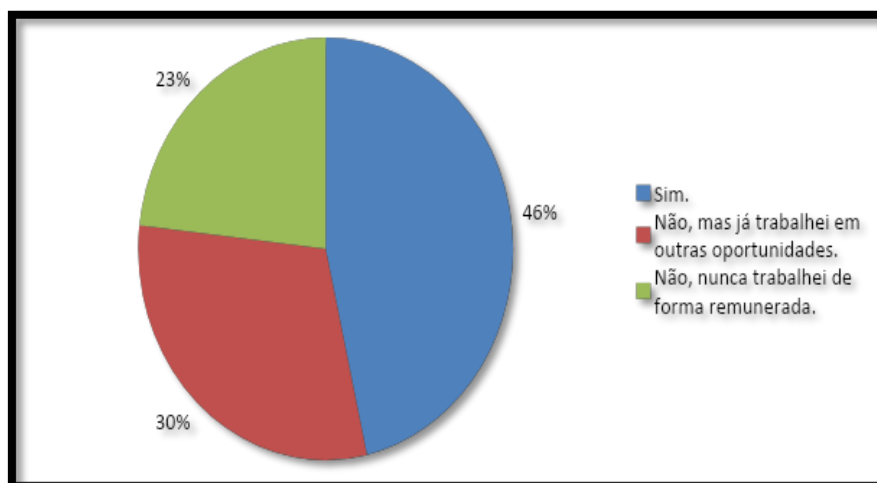


Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado (2024.1).

A pesquisa foi realizada com 13 estudantes, em 18 de junho de 2024, em uma sala de aula do prédio sede da nossa escola. Desse modo, podemos analisar através dos

referidos dados que 70% dos estudantes da EJA são jovens-adultos, e 30% dos discentes têm entre 25 e 45 anos, no entanto, não temos nenhum aluno acima de 45 anos estudando na 3ª EJA. Dentro deste contexto, a EJA atende as diretrizes da Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 (Plano Nacional de Educação – PNE), que define metas de ampliação de atendimento e melhoria da qualidade, incluindo monitoramento da permanência e do aproveitamento escolar.

Gráfico 2 – Atualmente, você está exercendo alguma atividade remunerada?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado (2024.1).

Analisando os dados do Gráfico 2, a respeito dos estudantes que estão exercendo alguma atividade remunerada, podemos observar que 46% dos alunos estão trabalhando, e 53 % nunca trabalharam, no entanto, 23% dos discentes nunca exerceram atividade remunerada, enquanto 30% já tiveram alguma oportunidade de trabalhar de modo remunerado, mas atualmente estão desempregados. Neste contexto, as pesquisadoras Elisa Campos Teodoro e a Silvia Alves dos Santos (2020), em seu artigo publicado na Revista da Educação Popular, ressalta que:

o jovem que pertence ao mundo do trabalho, ou do desemprego, como é mais comum, incorpora-se na EJA objetivando concluir etapas de sua escolaridade para buscar melhores ofertas no mercado de trabalho por sua inserção no mundo letrado. (Teodoro; Santos, 2020, p. 29).

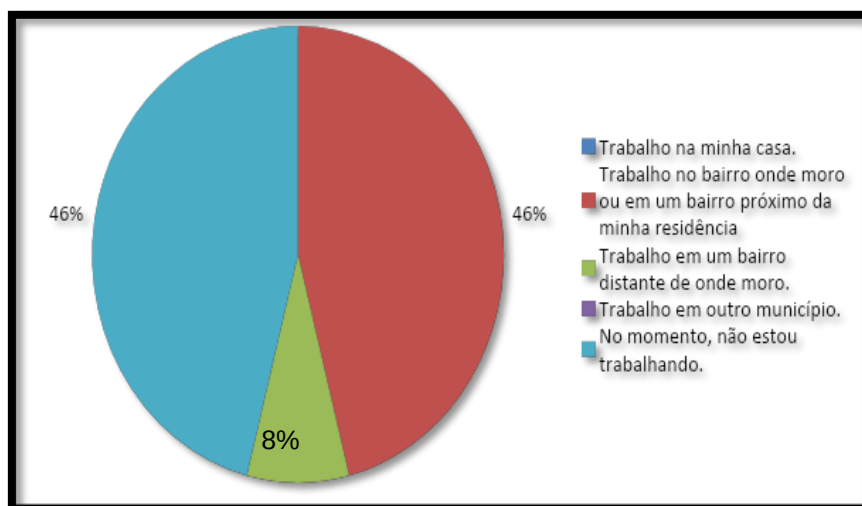
A situação ressaltada pelas pesquisadoras Teodoro e Santos, são vivenciadas pelos nossos estudantes na escola Stoessel de Brito, na qual relatam:

Os motivos que os levam a retornar para a escola, em grande parte, se resumem à melhoria das condições de vida material. São sujeitos que almejam ter qualidade de vida com a garantia de um diploma, de um emprego estável, de

uma casa própria e de um meio de transporte próprio. (Teodoro; Santos, 2020, p. 31).

Ou seja, a EJA é este lugar de reparação histórica, de justiça social, de oportunidades que em outros momentos da vida foram negados a essas pessoas, e hoje sonham em dar melhores condições de vida a si mesmo e à sua família.

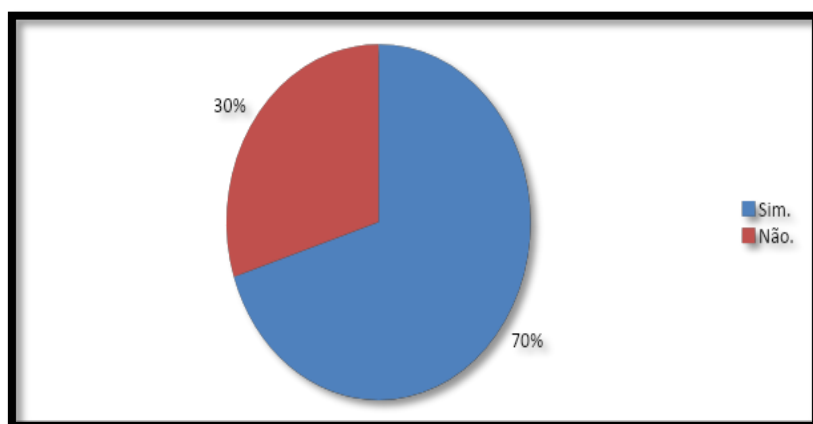
Gráfico 3 – Sobre a localização do seu trabalho



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado (2024.1).

O Gráfico 3 nos mostra que 46% dos estudantes trabalham próximo a sua casa, enquanto 8% trabalham distante da sua residência, evidenciando o que afirmam Teodoro e Santos (2020, p. 31): “os alunos da EJA, na busca pela sobrevivência, continuam vivendo a dualidade na relação trabalho e escola, com tempo exíguo para o estudo”. No entanto, vale salientar que o município de Maxaranguape é pequeno, a distância de um bairro para o outro não é igual à das cidades grandes, como Natal, capital do Rio Grande do Norte, onde é necessário utilizar transporte público para chegar ao seu emprego. Entretanto, as oportunidades de trabalho que Maxaranguape dispõem muitas vezes são informais e exploram a força de trabalho dos jovens em jornadas de 10 a 12 horas de serviço, como nos mercadinhos da cidade e nos restaurantes no distrito de Maracajaú, que atendem os turistas que vão mergulhar nas piscinas naturais. Logo, os estudantes chegam exauridos de um dia desgaste de trabalho ao qual se sujeitam a essas condições pela necessidade de levar o sustento à sua casa.

Gráfico 4 – Você já perdeu alguma oportunidade de emprego por não ter concluído o ensino médio?



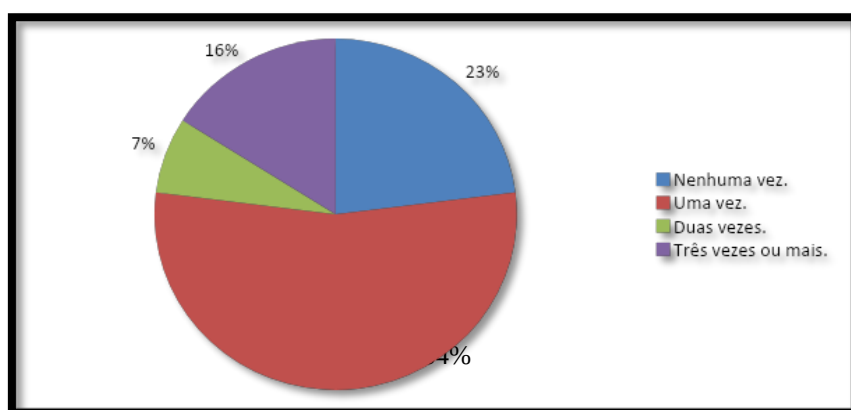
Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado (2024.1).

A partir da análise dos dados do Gráfico 4, a respeito das oportunidades de emprego perdidas por não terem concluído o ensino médio, 70% dos estudantes responderam que sim; em contrapartida, 30% responderam que não. Desse modo, podemos observar que quase três quartos dos estudantes perderam oportunidade de emprego e de trazer renda à sua família e se inserir na população economicamente ativa do nosso país.

A partir da educação, os estudantes têm a possibilidade de transformar suas vidas e de atuar de forma mais ativa em suas comunidades e no mercado de trabalho, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa (Ireland, 2009, apud Linhares; Silva; Silva, 2025, p. 749).

Como o pesquisador Timothy Ireland afirma, a grande obsessão dos ejianos é a conclusão da educação básica para assim terem as condições necessárias de inserção ao mundo do trabalho e poderem sustentar de modo digno a sua família.

Gráfico 5 – Você já iniciou alguma vez o ano letivo e desistiu antes da conclusão?

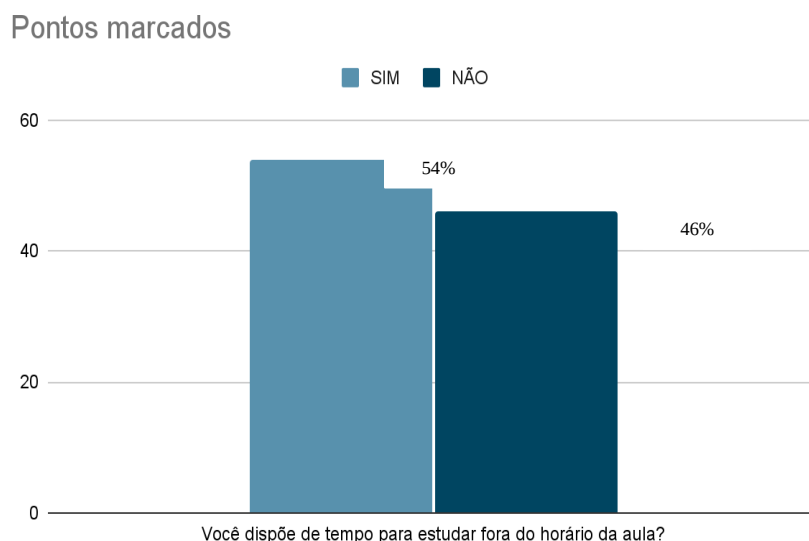


Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado (2024.1).

O Gráfico 5 nos permite analisar os dados dos estudantes que iniciaram o ano letivo alguma vez na sua vida e desistiram antes da conclusão. Dessa maneira, conseguimos observar que 23% dos estudantes nunca desistiram dos estudos, no entanto, subentende-se que eles foram reprovados em séries anteriores e a EJA está sendo utilizada para garantir o direito da educação em idade ideal, como garante a LDB, que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (Brasil, 1996, Art. 37).

Por conseguinte, os outros dados mostram que 54% dos educandos já desistiram pelo menos uma vez, enquanto 7% duas vezes e 16% três vezes ou mais. Por meio da pesquisa, observamos que os principais motivos das desistências são: gravidez na adolescência e necessidade de trabalhar em detrimento dos estudos.

Gráfico 6 – Você dispõe de tempo para estudar fora do horário de aula?

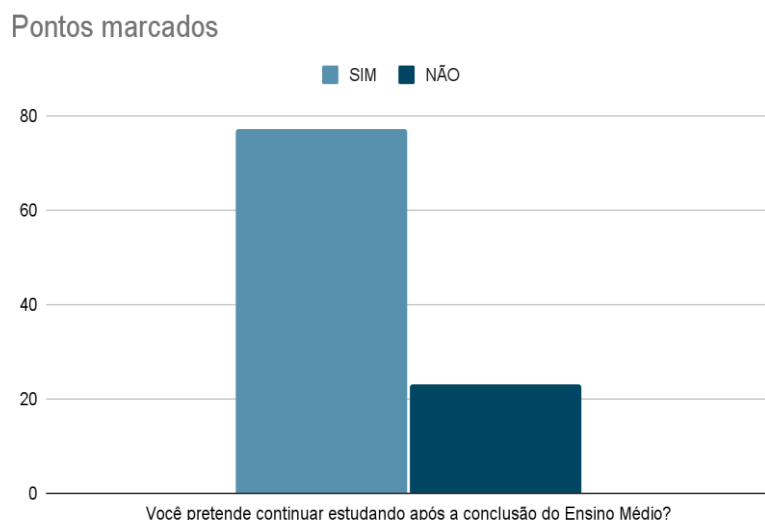


Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado (2024.1).

Os dados fornecidos pelo Gráfico 6 entram em consonância com as informações de gráficos anteriores no sentido de que os estudantes que têm tempo para estudar fora do horário da aula são exatamente os que não estão trabalhando. Deste modo, conseguimos perceber a pluralidade da EJA, em acolher tanto trabalhadores quanto jovens-adultos que ainda não estão inseridos no mundo do trabalho. Assim, o professor, no momento do seu planejamento, precisa levar em consideração essas particularidades, na verdade, o docente precisa compreender que os alunos da EJA são pessoas de vida plena⁹, que precisam dividir seu tempo entre a sua família, o emprego e a escola. Nesse contexto, o planejamento das aulas precisa ter um viés de acolhimento.

⁹ O termo “pessoas de vida plena” foi mencionado durante uma formação destinada aos professores da Rede Estadual do Rio Grande do Norte que, à época, atuavam na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O evento teve como tema “EJA e Projeto Político de Sociedade: equidade e democracia”, e como subtítulo “Diretrizes Curriculares para a EJA no RN: caminhos para uma prática coletiva de EJA”, realizado no mês de julho de 2024, na cidade de João Câmara/RN. O referido termo faz alusão aos estudantes que precisam conciliar diferentes dimensões de suas vidas: o trabalho, as responsabilidades domésticas, o exercício da cidadania em suas comunidades e, ainda, o compromisso com os estudos nas turmas noturnas da EJA.

Gráfico 7 – Você pretende continuar estudando após a conclusão do Ensino Médio?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado (2024.1).

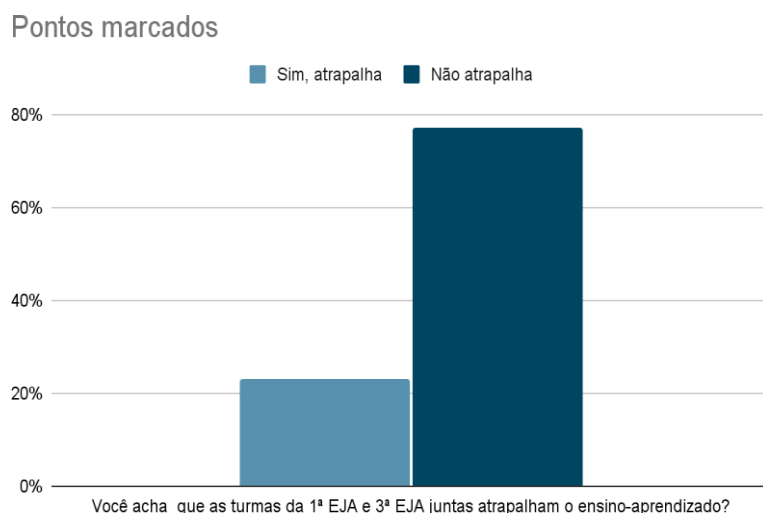
Os dados do Gráfico 7 nos mostram o interesse de 77% dos estudantes em continuar os seus estudos após a conclusão do ensino médio. Assim, a EJA consegue alcançar um dos seus objetivos, que é tirar as pessoas da exclusão escolar.

A EJA não deve ser vista apenas como uma resposta à falha do sistema educacional regular, mas também como uma estratégia de transformação social, em que a educação se torna um instrumento para a construção de cidadania plena, autonomia e inserção no mundo do trabalho.” (Machado, 2009, apud Linhares; Silva; Silva, 2025, p. 748).

Assim, no momento que os cidadãos voltam à escola, e ainda querem dar continuidade aos estudos, estão exercendo o seu direito à educação, disposto a todos os brasileiros na Constituição Federal de 1988.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988, Art. 205).

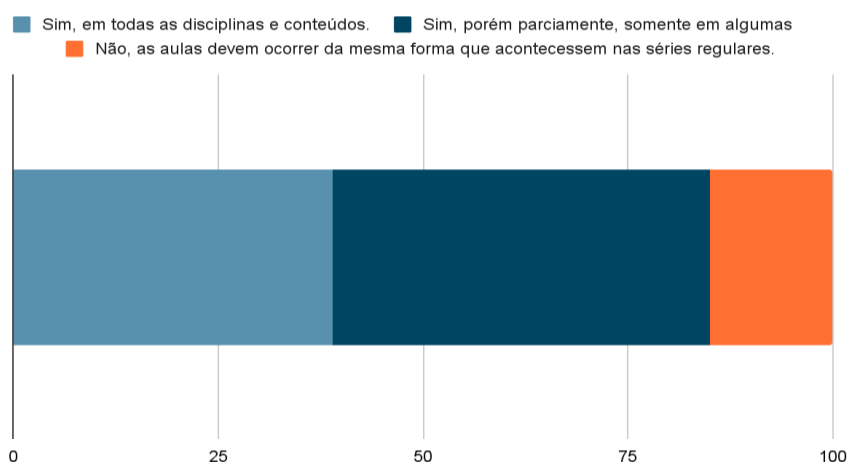
Gráfico 8 – Você acha que as turmas da 1ª EJA e 3ª EJA juntas atrapalham o ensino-aprendizado?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado (2024.1)

O Gráfico 8 nos traz uma informação interessante no que diz respeito à junção das duas turmas da EJA em uma só sala. As respostas dos alunos foram inesperadas, pois acreditávamos que a junção era prejudicial ao ensino-aprendizado. Sobretudo 77% dos estudantes responderam que não atrapalhava o fato de as duas turmas estarem juntas na mesma sala. Contudo, a prática docente é prejudicada, pois o professor fica impedido de trabalhar de modo diferenciado entre as turmas de níveis diferentes. Logo, se torna mais um desafio no momento do planejamento: adaptar componentes curriculares que atendam a necessidade dos estudantes que estão chegando ao ensino médio e para os que estão concluindo.

Gráfico 9 – Na sua opinião, os conteúdos estudados durante as aulas da EJA devem ser voltados para as temáticas do mundo do trabalho?



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do questionário aplicado (2024.1)

Os dados do Gráfico 9 nos mostram que mais de 80% dos estudantes acreditam ser importante o oferecimento de disciplinas voltadas ao mundo do trabalho. Segundo eles¹⁰, “as aulas de informática pelo menos uma vez na semana” os ajudariam na busca por emprego. Outro estudante disse: “era bom uma nova matéria didática preparatória para ensinar os jovens a ter noção do mercado de trabalho, assim saber se comportar no momento das entrevistas”.

2.3 Cartas biográficas dos ejianos

A partir deste tópico iremos analisar as cartas biográficas (Apêndice B) que os estudantes da EJA escreveram sobre as suas experiências de vida. A ideia de propor a escrita das suas vivências surgiu a partir das leituras de outras dissertações no momento da pesquisa sobre o objeto de estudo, e os trabalhos lidos nos trouxeram inspiração para propor algo semelhante aos nossos alunos. Nesse sentido, ao final do ciclo do 3º Período da EJA, propusemos aos estudantes que relatassem suas vivências, de modo que as cartas biográficas fossem destinadas aos futuros alunos da modalidade. O objetivo foi permitir que os relatos de vida desses estudantes servissem de inspiração e motivação para os

¹⁰ As seguintes falas são dos próprios entrevistados, na qual deixaram no questionário aplicado, pois utilizamos a metodologia de pesquisa mista, intercalando perguntas objetivas com dissertativas, para tanto obter informações quantitativas quanto qualitativas, como no caso das seguintes falas dos entrevistados que demonstram a opinião deles sobre o que faltou na sua experiência na Educação de Jovens e Adultos.

novos ingressantes, ajudando-os a enfrentar os desafios que surgem ao longo da jornada educacional.

Assim como os alunos do 3º período conseguiram superar suas dificuldades e avançar na conquista da educação básica, acreditamos que os novos estudantes também serão capazes de alcançar esse objetivo, desde que não desistam dos estudos e estejam abertos a receber apoio da família, dos amigos e da própria escola. Essa perspectiva será aprofundada nas análises das cartas biográficas apresentadas a seguir.

Ademais, os relatos dos ejianos são importantes para o entendimento de como realizar o ensino-aprendizado nesta modalidade de ensino, pois, diferente do ensino regular¹¹, o alunado da EJA é composto por pessoas de vida plena, que dividem o seu tempo entre família, o emprego e a escola. Por conseguinte, será de grande valia conhecer as particularidades dos ejianos, para promover um ensino-aprendizado adequado às suas vivências.

Nesse sentido, vamos começar a analisar¹² a carta biográfica da aluna Hera¹³:

Estou muito feliz, por ter chegado até aqui, houve dias que pensei em desistir, mas a minha vontade de vencer me fez mais forte, venci o cansaço, mesmo com três filhos pequenos que por muitas vezes fui obrigada a sair de casa e deixá-los doentes. Todas as vezes que pensei em desistir lembrei que sou uma guerreira resiliente e tenho objetivo na vida: consegui o meu diploma do ensino médio com muito orgulho, quero ter o prazer de quando me perguntarem: qual o seu grau de estudo? Ensino médio completo.

Quero desde já agradecer a todos os professores que tiveram toda a paciência de explicar as matérias e nos encorajar a não desistir. Também aos meus colegas de sala que sempre me deram forças. Por fim, a todos que fizeram parte dessa luta, aos gestores da escola e a todos os demais que fizeram parte da nossa educação.

Quero dizer que não foi fácil, mas eu resisti, persiste e não desisti e consegui. Agradeço também a minha e em especial a meu esposo que me deu o maior apoio para voltar a estudar e concluir meus estudos. E por fim é muito mais especial a Deus que sem ele nada disso seria possível. Gratidão a todos sempre!

¹¹ A partir da definição que as pessoas de vida plena são aquelas que dividem o seu tempo entre as obrigações do dia a dia de casa, com os filhos e os cônjuges, além do emprego e da participação política na sociedade, os estudantes da EJA dividem seu tempo com a escola. Enquanto os alunos do ensino regular ainda não vivem essas experiências em suas vidas – alguns não têm idade nem para tirar o título de eleitor e os pais são seus responsáveis devido a serem menores de idade e estarem sob os seus cuidados no dia a dia. Desse modo, concluímos que os educandos do ensino regular de fato e direito não vivem uma vida plena se comparados aos ejianos.

¹² As cartas biográficas serão apresentadas do mesmo modo como os estudantes escreveram, ou seja, os possíveis erros gramaticais da escrita dos alunos serão mantidos para resguardarmos a originalidade dos relatos.

¹³ Passaremos a utilizar pseudônimo para nos referirmos aos estudantes que escreveram as cartas biográficas para que assim possamos preservar o anonimato das suas identidades.

O relato da estudante Hera é bastante significativo para compreendermos a importância da rede de apoio na trajetória de um estudante da EJA. Mesmo diante das dificuldades mencionadas – como o cansaço e a necessidade de deixar os filhos em casa –, sua permanência nos estudos só foi possível graças ao apoio do esposo, dos colegas e à empatia dos professores, que reconheceram os desafios enfrentados pelos alunos da EJA para concluir a educação básica. Assim, sua resiliência foi fortalecida tanto pelo incentivo dessa rede de apoio quanto pela fé que a sustentava.

Polonia e Dessem (2005) ressaltaram em seu artigo a importância da relação entre família e escola na formação educacional dos alunos: “os benefícios de uma boa integração entre a família e a escola relacionam-se a possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos, sociais e de personalidade dos alunos” (Polonia; Dessem, 2005, p. 305). Isso acontece com os estudantes da EJA, com os quais o apoio familiar é de vital relevância no sucesso do aprendizado porque a rede de apoio proporcionará uma estrutura confortável para os estudantes se dedicarem aos estudos.

Vamos analisar o texto de outro estudante, o qual chamaremos de Apolo:

Bem... desde o começo não foi fácil o pós trabalho, chego em casa super cansado, exausto, e tenho que arrumar e ir para a escola, sim pensei em desistir várias vezes, não é uma tarefa fácil todo dia a mesma rotina, o cansaço me consome, muitas das vezes as atividades acumularam, provas para estudar, conteúdos para pegar mas mesmo assim não desisti, pois o meu maior objetivo é terminar meus estudos porque futuramente quero poder proporcionar uma vida melhor para meu filho e minha esposa e para mim, tenho a maior certeza de que se eu parasse meus estudos não ser fácil de encontrar um trabalho melhor e dificultava tudo em minha vida, para ter sucesso precisamos ter fé, força de vontade, coragem, ânimo, para alcançar algo nessa vida precisamos nos esforçar lutar, batalhar e tenha plena certeza que tudo valerá a pena e nada será em vão.

O estudante Apolo é um jovem de 18 anos que acabou de se tornar pai, e nos mostra através das palavras o quão é desafiador dividir o seu tempo entre trabalho e estudo, além da fadiga e do cansaço a serem enfrentados. Porém, o sonho de concluir o ensino médio é maior, na verdade, até mesmo os estudantes universitários que trabalham de dia e à noite precisam ir ao *campus* universitário sofrem com a exaustiva rotina. Diante disso, as aulas precisam ter metodologias diferenciadas, pois, segundo Gadotti (2001, p. 43), “é uma humilhação para um adulto ter que estudar como se fosse uma criança, renunciando a tudo o que a vida lhe ensinou. É preciso respeitar o aluno por meio de uma metodologia apropriada, uma metodologia que resgate a importância da sua biografia”. Nesse sentido, as aulas precisam gerar curiosidade no ato de aprender, assim tornando as

aulas interessantes, para que a motivação de ir à escola seja maior que o cansaço e a fadiga.

O próximo relato é de uma estudante que iremos chamar de Atena:

Não foi fácil chegar até aqui, muitos dias de luta, dias cansativos e dias bons, dias que pensava em desistir, por causa do trabalho do dia a dia, chegava cansado na escola com dor de cabeça, mas nunca desistir e hoje estou aqui né pertinho de concluir, aprendi muito no decorrer do tempo, gostei muito de estar na escola todo dia aprendendo muitas coisas, aprendi a respeitar, aprendi a escrever e ter conhecimento, fazer amizade novas, foram dias bons e dias cansativos, mas hoje estamos aqui se Deus permitir estarei concluindo e para começar a fazer um curso para dá uma melhor para minha família, só tenho a agradecer os professores por me ensinar a ser uma pessoa melhor.

As palavras da estudante Atena nos fazem refletir o quão importante é a EJA, no que diz respeito a proporcionar um local de oportunidade, pois, a partir do relato, observamos a dificuldade que o estudante enfrentou no seu dia a dia para ir à escola depois de um dia cansativo de trabalho. Dessa maneira, podemos perceber a relevância da EJA em promover a justiça social na vida das pessoas que não tiveram a oportunidade de usufruir do direito à educação na idade ideal. Assim, como o pesquisador Jucenilton Alves dos Santos ressalva: “para o ser humano exercer a cidadania é necessário saber calcular, medir, raciocinar, argumentar e resolver situações. [...] aprender a ler e escrever é um direito básico de todas as pessoas e uma necessidade individual e social” (Santos, 2018, p. 256). Contudo, a partir do relato de Atena e da ressalva do pesquisador Santos (2018), observamos que a EJA ensina respeito ao próximo, ensina a escrever, a adquirir conhecimento, além de criar motivação para continuar com os estudos após a conclusão da educação básica.

Agora, vamos analisar as palavras da estudante Afrodite:

Abandonei os estudos, em 2014, logo após descobrir que estava grávida, isso já no final do 3º bimestre, no ano seguinte tentei novamente, mas infelizmente tive que interromper outra vez os meus sonhos foi quando perdi meu porto seguro, a minha vó, que me criou desde os 11 dias de nascida e não tinha como deixar meu bebê para estudar, antes já trabalhava, mas quando me vi sozinha para cuidar do meu filho e trabalhar, ficou impossível estudar. Com o passar dos anos, em 2017, tentei outra vez, fiz a matrícula, mas não dei conta, não era fácil sair de casa às 7h00, e chegar em casa cuidar de uma criança e em seguida ir para a escola voltando somente às 22h00, então resolvi parar. Com a chegada do segundo filho foi impossível até fazer a matrícula, então pensei que daqui a uns dois anos tentarei de novo. Três anos se passaram após o segundo filho, e as dificuldades de encontrar um bom emprego após a Pandemia estava cada vez mais difícil, me olhei no espelho e disse para mim mesma que eu poderia mais, que eu posso onde sempre quis. E hoje, em 2023, após nove anos, estou em sala de aula tentando e vou terminar o ensino médio, foi muito difícil me adaptar a rotina de aulas,

trabalhos, pesquisas, enfim. Mas aqui estou eu preste a concluir o tão esperado ensino médio e logo em seguida cursar meu sonho: Serviço Social, com pós, mestrado, doutorado e tudo o que tiver pela frente e assim proporcionar aos meus filhos uma vida mais confortável, e guiá-los no caminho da educação, pois o conhecimento é algo que ninguém nos tira.

Hoje posso afirmar com muita certeza que voltar a estudar foi a melhor decisão tomada em minha vida e vejo que nunca é tarde para realizar o meu sonho.

As palavras da estudante Afrodite são relevantes e nos fazem refletir sobre a vida humana em sua plenitude. Diante disso, Vigano e Laffin (2016, p. 15) ressaltam que

A presença das mulheres nas turmas de Educação de Jovens e Adultos decorre de um longo período de exclusão de direitos a que foram submetidas, não podendo estudar ou sendo “condicionadas” a deixar a escola por questões impostas pela família, pela condição social ou pelo trabalho.

Além disso, sabemos que para as pessoas que são pobres, a vida é ainda mais difícil, no entanto, é claro que as pessoas ricas também passam por dificuldades. Contudo, os jovens ricos têm uma rede de apoio formada pelos seus pais e pelos recursos que eles possuem, todavia, um jovem pobre não tem o privilégio de uma rede de apoio com recurso, muitas vezes o maior recurso são as palavras de incentivo dos pais, a sua própria realidade de vulnerabilidade e o sonho em proporcionar condições melhores aos seus futuros filhos. “Pode-se afirmar com isso que, atualmente, a EJA tem sido para muitas mulheres uma possibilidade de conquista de autonomia e emancipação” (Vigano; Laffin, 2016, p. 31). Como o caso da estudante Afrodite, na qual passou por muitas dificuldades em sua trajetória, porém observava nos estudos o caminho para vencer os desafios colocados pela vida.

O relato de agora é do estudante Ares:

Meu nome é Ares, estou chegando na última etapa do ensino médio. Não foi fácil para mim chegar onde estou, tive muita dificuldade no meu trabalho, porque não tinha tempo para estudar para as provas. O meu trabalho é muito corrido, quantas vezes eu tive preconceito por ser mais velho estudando na turma, para eu conseguir um objetivo e um conhecimento maior para que eu ficasse trabalhando tinha que concluir o meu ensino médio, não foi fácil chegar onde estou, quantas vezes me deu vontade de desistir de estudar, os obstáculos que eu enfrentei em casa, no trabalho, às vezes chegava atrasado, tive que falar com a minha encarregada para fazer uma declaração para provar o horário que eu saía do meu trabalho para eu poder entrar na escola.

A dificuldade é grande, mas estou chegando no final de tudo e que o meu objetivo é concluir o meu ensino médio e para eu receber o meu diploma.

Obrigado a todos os professores por tudo! Agradecer a Deus por eu conseguir os meus estudos, obrigado Senhor! E a minha esposa também por ela ter me apoiado.

O depoimento de Ares nos impacta, pois é mais um relato sobre os desafios que a classe trabalhadora precisa vencer para usufruir dos seus direitos. O estudante Ares é um exemplo de perseverança na busca pelo seu sonho. Afirmamos isso porque fomos testemunhas da garra que o estudante teve para concluir o ensino médio, pois desde a 1ª EJA que ele chegava atrasado na escola devido à jornada diária de trabalho. Tudo isso porque saía de casa às 5h e só conseguia chegar em casa às 19h, quando se organizava para ir à escola, mas acabava chegando atrasado às aulas.

Os desafios enfrentados pelo estudante Ares nos fazem refletir o quão é importante a EJA ser um local acolhedor porque as pessoas que procuram a modalidade buscam usufruir um direito que outrora foi negado. Assim, os professores e a escola precisam se adaptar e se adequar às singularidades que essas pessoas necessitam para lograr o direito à educação. Silva, Bonamino e Ribeiro (2012, p. 382) afirmam que “chama a atenção a afetividade entre alunos e professores e entre os alunos, o que contribui para a permanência destes na escola, pois garante o envolvimento e o compromisso de professores e alunos com o ensino e a aprendizagem”. No caso do estudante Ares, a escola e os professores entenderam as suas particularidades e não colocaram mais obstáculos em seu caminho. Eles formaram uma rede de apoio juntamente com a família do aluno, motivando-o e ajudando-o a resolver os problemas diários da vida.

Vamos analisar agora o relato da estudante Ártemis:

Olá, me chamo Ártemis! Parei de estudar aos 24 e depois de 18 anos voltei às salas de aula, no começo estava tudo bem, mas depois veio as dificuldades que por pouco não me fez desistir. Também tive que ter muita paciência para aprender tudo do zero, tinha muita vergonha no aprendizado, a pior matéria era Química e Física, tinha vergonha até de abrir a boca, porque não sabia as respostas. A minha maior dificuldade foi deixar minha filha em casa sozinha, pois a mesma sofria de depressão e quando eu vinha para a escola deixava ela só e eu vinha com o coração na mão, tudo isso fazia com que eu desistisse, mas eu sempre colocava Deus na frente, pois eu estou terminando meus estudos com muita dificuldade, mas agradeço aos professores, porque sem eles eu não teria conseguido, pois quando cheguei a falar do meu caso, era porque não estava mais aguentando e eles foram bem compreensíveis, por isso não desistir. Amo todos vocês e obrigado por não me fazerem desistir e me ajudar na hora que mais precisei.

O relato supracitado nos motiva cada vez mais a acreditar na educação como mecanismo de transformação social. Um dos principais objetivos da EJA é oferecer a oportunidade de conclusão da educação básica às pessoas que, por diferentes motivos, não puderam fazê-lo na idade considerada adequada. Esse é o caso da estudante Ártemis,

que retornou às salas de aula após dezoito anos afastada da escola. Observamos, entretanto, que muitos estudantes que passam longos períodos longe do ambiente escolar enfrentam diversas dificuldades em seu retorno. Por isso, é fundamental que os professores planejem suas aulas de forma diferenciada, considerando as especificidades e os desafios das turmas da EJA, compostas por pessoas com trajetórias e experiências variadas.

Nesse viés, Ventura e Silva (2024, p. 2) ressaltam que o

currículo para a EJA precisam problematizar os variados processos de produção social da existência, as expectativas e diferenças dos estudantes, jovens, adultos e idosos da classe trabalhadora, como representantes da diversidade de vozes silenciadas pela desigualdade estrutural da sociedade brasileira.

Outrossim, é relevante a empatia dos professores, da coordenação, da gestão escolar, enfim, de todos que fazem a EJA. Afirmamos isso porque a empatia dos professores da estudante Ártemis foi de suma importância para sua permanência na escola. Dessa forma, a “motivação dos alunos, o aproveitamento do tempo e o clima acadêmico favorável [...] contribuem para o bom desempenho e minimizam a evasão dos alunos da EJA” (Silva; Bonamino; Ribeiro, 2012, p. 382). Nesse sentido, voltamos a salientar a relevância da rede de apoio aos alunos da EJA para que eles possam concluir a educação básica, por exemplo, a situação da filha da estudante Ártemis, que sofria de depressão, e isso angustiava a aluna, que precisava deixar a filha sozinha em casa para ir à escola. Diante disso, se não fosse a empatia e a rede de apoio criada pela escola para acolher a estudante em suas angústias, ela teria desistido dos estudos. Todavia, o apoio dos professores foi fundamental na conclusão do ensino médio pela estudante.

Vamos agora analisar o relato da estudante Deméter:

São tantas coisas que não sei por onde começar, mas de uma coisa eu sei, em meio tanta coisa vivida me sinto hoje orgulhosa e feliz, por ter conseguido chegar até aqui. Foram longos anos afastada de uma sala de aula, por motivos pessoais os quais eu me permiti a desistir, por achar que não daria conta de tanta coisa. Mas tem tempo para tudo basta querer, e eu quis retornar meus estudos e com essa decisão vieram também as lutas a serem enfrentadas. Foram turbilhões de coisas que por muitas vezes me levaram a pensar em desistir de novo. Meu pai vinha lutando há anos contra um câncer, foram exames, cirurgias, quimioterapias e em todos esses processos eu estava junto com a minha mãe e irmãos, e assim íamos nos revezando para acompanhá-lo em tudo, foram várias noites e dias em um hospital, e depois consegui um trabalho meio período manhã e meio período a tarde e a noite tinha as aulas que por várias vezes fui triste e cansada, porque não tava sendo fácil conciliar tudo, mas fico feliz por saber que consegui, fui forte por ele e por mim. Hoje meu paizinho está olhando por sua família lá do céu, e eu consegui pai, estou com o meu

diploma, uma vitória para mim. Agradeço a Deus por ter me dado forças durante esse processo, agradeço a todos os professores, por todo cuidado, dedicação e conselhos, também é claro que esse diploma é uma grande conquista, estou orgulhosa de mim, conseguir concluir essa fase, é um momento único e gratificante, só gratidão. Obrigada a Deus e a todos professores que esteve comigo e com os meus colegas de classe, obrigada por tudo. Vencemos juntos esse desafio, e estou muito feliz, muito mesmo.

Trata-se de mais um relato marcante, desta vez protagonizado pela estudante Deméter, que compartilhou conosco suas vivências de forma sensível e inspiradora. Suas palavras nos motivam a continuar exercendo a docência com comprometimento e empatia, ao evidenciar o impacto positivo que nossas ações e discursos em sala de aula podem ter sobre os estudantes que enfrentam diversas dificuldades em suas trajetórias de vida. Muitos deles chegam à escola, especialmente no turno da noite, física e emocionalmente exaustos, e é nesse contexto que o papel do professor se torna ainda mais relevante: acolher, oferecer palavras de incentivo e propor aulas didaticamente envolventes, capazes de minimizar o cansaço e fortalecer o desejo de aprender. Nesse sentido, Cavalcante (2023, p. 36) destaca: “tento me colocar no lugar deles e atender da melhor forma e aconchego possível [...]. Acredito que o afeto é até mais importante do que um conselho avaliativo de nota; a boa frequência, a boa convivência e as boas relações são mais importantes”.

Dessa forma, reafirmamos que os estudantes da EJA são sujeitos maduros e detentores de um vasto repertório de experiências e saberes. Muitas vezes, o que lhes falta não é o conhecimento em si, mas a certificação formal de conclusão da educação básica. Nas palavras da estudante Deméter, percebemos a felicidade com a qual ela se expressa ao destacar que está concluindo o ensino médio. Nas palavras dela, é como se o diploma fosse um troféu, e por que não seria?

O diploma torna-se a premiação tão sonhada pelas pessoas que em outros momentos abandonaram os estudos por vários motivos. No caso das meninas, a gravidez na adolescência é um acontecimento determinante para a escolar. Além disso, o desinteresse pelos estudos na idade adequada constitui outro fator determinante para a evasão escolar. Nessa perspectiva, o diploma passa a ser percebido, por muitos que permanecem afastados da escola por longos períodos, como um objetivo distante ou até inatingível. No entanto, o projeto da EJA busca justamente reintegrar esses sujeitos ao ambiente escolar, garantindo-lhes a oportunidade de exercer plenamente o direito à educação. Assim, a conquista do diploma adquire um significado simbólico profundo,

representando não apenas a conclusão de uma etapa, mas também a superação de desafios e a valorização de trajetórias de vida marcadas pela persistência e pelo esforço.

Vamos analisar agora o relato da estudante Minerva:

Como em minha vida nada é fácil, assim também foi a conquista do meu diploma, pois aos meus 20 anos enfrentei meu primeiro obstáculo, que foi ser mãe solo e por não ter como cuidar da minha filha, trabalhar e estudar tive que fazer a escolha de abandonar os estudos.

O mercado de trabalho é bem concorrido e exige o ensino médio completo e hoje com a necessidade de um emprego, assim aos 45 anos resolvi voltar a estudar e concluir meus estudos e mesmo com todas as dificuldades e obstáculos a vontade de ser independente é maior.

A estudante Minerva nos mostra em seu relato duas dificuldades que os alunos da EJA sempre enfrentam: a gravidez e a necessidade do ensino médio completo para conseguir emprego. Dessa maneira, evidenciamos a importância da EJA na vida das pessoas que buscam usufruir de sua cidadania de modo pleno, pois “a chance que veem para a concretização desse desejo passa pela educação escolar, e a EJA é uma das oportunidades mais imediatas” (Teodoro; Santos, 2020, p. 31) para exercer o direito constitucional (a educação) que proporcionará oportunidades de crescimento no mundo do trabalho.

Vamos agora analisar o relato da estudante Diana:

Oi, me chamo Diana, tenho 36 anos, sou casada, nasci e cresci em Maxaranguape, quando parei de estudar eu tinha 15 anos de idade, pois casei muito cedo e engravidei da minha primeira filha, assim tive que parar de estudar para cuidar dela, era muito nova e não tinha como conciliar os estudos com uma criança pequena. Assim com os meus 30 anos resolvi voltar a estudar, e tive várias dificuldades porque tinha que trabalhar durante o dia e estudar à noite. Comecei na EJA, pois lá era mais fácil porque tinha o supletivo, mesmo assim tive muita dificuldade pelo cansaço, mas não desisti, pois com muito esforço ia normalmente para a escola. Hoje consegui terminar, não foi fácil, mas quando queremos alguma coisa nós conseguimos é só querer de verdade e muita força de vontade. Hoje sei que estou pronta para os novos obstáculos que vier. Agradeço sempre a Deus por tudo e a cada um dos professores pela sua paciência conosco.

Mais um relato que mostra o direito à educação ao longo da vida sendo usufruído. Além disso, a estudante Diana, assim como tantas outras estudantes as quais já analisamos os relatos, precisou interromper os seus estudos devido à gravidez na adolescência. “Infelizmente é fato comprovado: a gravidez é uma das causas de evasão e, também, é um ponto negativo para manutenção contínua da pobreza estruturante” (Silva, 2020, p. 181), sobretudo o direito à educação ao longo da vida. Direito esse que foi colocado na

Constituição Federal exatamente para atender os cidadãos que necessitam interromper os estudos na idade ideal.

Outro aspecto recorrente no relato da estudante Diana diz respeito à sua jornada de trabalho exaustiva durante o dia, seguida pela frequência às aulas no período noturno. Nesse contexto, é imprescindível que os professores e a instituição escolar considerem as condições específicas enfrentadas pelos alunos da EJA, cuja rotina diária é marcada pelo cansaço físico e mental. Um planejamento pedagógico adaptado a essa realidade é fundamental para garantir a permanência desses estudantes na escola, visto que muitos acabam desistindo por não conseguirem conciliar as atividades escolares com suas responsabilidades profissionais, alegando falta de tempo para realizar as tarefas propostas.

Dessa forma, metodologias centradas exclusivamente na exposição oral do professor, com o uso de slides como principal recurso didático, tendem a tornar as aulas monótonas e pouco atrativas, favorecendo a desatenção e até o sono, especialmente após um dia intenso de trabalho. Em contrapartida, a adoção de metodologias ativas, que promovam a participação e o protagonismo dos estudantes no processo de aprendizagem, mostra-se mais eficaz para manter o engajamento e a motivação em frequentar a escola no período noturno. Esse argumento também é defendido por Leite e Moraes (2025), que afirmam que “um dos grandes desafios na educação de jovens e adultos é encontrar metodologias de ensino que ofereçam ao estudante métodos simples e eficientes de aprendizagem onde ele seja o protagonista da sua própria história” (Leite; Moraes, 2025, p. 85).

A estudante Vênus relata:

Meu nome é Vênus, tenho 38 anos, casada, tenho uma filha de 13 anos. Trabalho no Hospital Walfredo Gurgel, numa escala noturna de 12 por 36. Após mais de 20 anos sem estudar decidi voltar aos estudos ano passado, em 2023, e com toda essa bagagem não foi fácil, tinha que cuidar de tudo e a noite de folga ir para a escola sem contar que tinha que estudar dobrado sozinha com os recursos que tinha, por causa do trabalho perdia muitas aulas e atividades. Mas, com incentivos dos colegas e principalmente dos professores que sempre foram compreensivos e pacientes estou chegando ao fim desse ciclo, e só tenho a agradecer a todos pela compreensão, pelo carinho e acima de tudo o empenho que cada um teve por mim, então aqui quero deixar o meu muito obrigado a todos que fizeram parte dessa imensa jornada. Muito obrigada!

A trajetória da estudante Vênus revela-se especialmente significativa para refletirmos sobre as práticas pedagógicas adotadas na EJA. Tal importância decorre do fato de que sua experiência trouxe à tona um novo desafio a ser enfrentado pela equipe

escolar. Ao relatar sua situação, a estudante explicou que, em determinados dias, não poderia comparecer às aulas em razão da escala de trabalho estabelecida por seu emprego. Diante dessa circunstância, professores e equipe gestora inicialmente se sentiram incertos quanto às possíveis soluções. No entanto, Vênus demonstrou comprometimento ao propor que retiraria o conteúdo e as atividades referentes aos dias em que não pudesse estar presente. Essa iniciativa foi prontamente acolhida, e o resultado mostrou-se bastante positivo: a estudante manteve-se participativa e engajada, apresentando um nível de envolvimento superior ao de muitos colegas que não enfrentavam as mesmas limitações.

Dentro deste contexto, os pesquisadores Leite e Moraes (2025, p. 80), ressaltam que

Dentro da educação de jovens e adultos, questões como metodologias apropriadas a esse público já vinham sendo discutidas, uma vez que essa é uma modalidade onde o educador precisa estar atento à complexidade das questões sociais que envolvem seus alunos e saber utilizá-las como ferramentas para compor a base a fim de definir estratégias que viabilizem a construção do conhecimento de forma favorável e produtiva.

Assim como as questões das metodologias estão em discussão, outras particularidades também estão, como a situação de estudantes que trabalham em escala de plantão e precisam ir à escola dia sim, dia não. Dessa forma, partimos da reflexão de que a EJA precisa oferecer um ensino diferenciado, pois os estudantes que frequentam essa modalidade apresentam realidades e necessidades específicas, distintas daquelas encontradas no ensino regular. Assim, é fundamental que os professores e a escola estejam preparados para acolher as singularidades dos ejianos – seja compreendendo suas jornadas de trabalho exaustivas que os levam a estudar à noite, oferecendo espaços de apoio para mães com filhos pequenos que não têm com quem deixá-los, ou flexibilizando a frequência para estudantes que trabalham em regime de plantão e não podem comparecer diariamente.

Em suma, a escola deve ser um espaço acolhedor, capaz de reconhecer e atender às particularidades de cada estudante da EJA.

2.4 Análises das experiências dos ex-alunos da EJA

Nesse momento da dissertação, iremos analisar uma atividade de pesquisa (Apêndice C) que os nossos alunos da 2ª EJA de 2024.2 fizeram com pessoas que concluíram a educação básica na EJA. Vale ressaltar que a escolha da turma se deu porque no exato momento da pesquisa era a turma de EJA com a qual estávamos trabalhando.

A referida atividade foi proposta aos alunos como uma das avaliações que iria compor a nota final do bimestre. Logo, eles deveriam procurar em seus ciclos sociais pessoas que haviam concluído a educação básica na Educação de Jovens e Adultos. Assim, as respostas ao questionário às vezes vêm com a transcrição da fala do entrevistado pelo entrevistador e em outras respostas encontramos a fala direta do entrevistado. Além disso, mantivemos as respostas originais, que se encontram nos questionários. Assim, a partir das análises das respostas, iremos analisá-las e sugerir eventuais sugestões aos problemas diagnosticados.

Os estudantes entrevistaram onze pessoas, das quais duas se declararam do gênero masculino e nove do gênero feminino. Nenhum dos entrevistados se declarou binário ou de quaisquer outras orientações sexuais. Quando perguntamos quanto tempo eles passaram longe da escola, as respostas foram essas:

Quadro 2 – Quanto tempo a pessoa entrevistada ficou longe da escola antes de retornar aos estudos?

Não soube informar	1
Entre um mês e um ano	4
Entre dois anos e cinco anos	2
Entre seis anos e dez anos	2
Entre onze anos e vinte anos	2
Mais de vinte anos	Nenhum

Fonte: Elaboração do autor a partir da atividade de pesquisa (2024.2).

A partir da análise do Quadro 1, podemos observar que quatro pessoas ficaram sem estudar por um ano, e duas pessoas ficaram entre dois e cinco anos, e mais duas entre seis e dez anos, e as duas últimas entre onze e vinte anos. Os respectivos dados mostram a diversidade da EJA, que acolhe tanto as pessoas que deixaram a escola recentemente

quanto as que passaram duas décadas longe da escola, e assim garantem o direito à educação ao longo da vida.

Os nossos alunos perguntaram aos seus entrevistados os motivos de terem abandonado os estudos, e estas são as referidas respostas:

Ela engravidou e ficou com vergonha por ser muito nova, tudo iria mudar, seria uma nova fase, um novo desafio também. Então ela preferiu deixar seus estudos para trás (Entrevistado 11).

Após engravidar no ano de 2014 quando cursava já a 3ª série do ensino médio pela gestação difícil e após o nascimento da criança tive que deixar os estudos e consequentemente trabalhar o que também dificultou pois não era fácil cuidar de um bebê, e em 2017 não consegui por ser cansativo (Entrevistado 10).

Porque ficou muito difícil ir, pois minha mãe trabalhava um dia sim e outro não, e o pai do meu filho estudava também, e não tinha com quem ficasse com meu bebê recém-nascido, e ficava ruim de acompanhar os conteúdos (Entrevistado 09).

Ela abandonou os estudos porque não tava dando pra conciliar o emprego de Jovem Aprendiz em outra cidade e voltar para Maxaranguape todos os dias pra estudar, pra facilitar mais mudou-se de cidade pra ficar mais perto do emprego (Entrevistado 08)

Ela parou de estudar porque ela já tava sem cabeça pra continuar os estudos”(Entrevistado 07).

Abandonei meus estudos com 15 anos de idade, pois casei e logo engravidei e por ter uma gravidez de risco, fui obrigada a largar meus estudos (Entrevistado 06).

Engravidou aos 14 anos, por isso parou de frequentar a escola (Entrevistado 05).

Porque comecei a trabalhar muito cedo, tinha que dormir no trabalho. Depois me casei e aí veio o desafio da casa e dos filhos, depois voltei a trabalhar e assim não tinha tempo (Entrevistado 04).

Foi pra outra cidade, vivia de mudança, foi pra Rocas, Felipe Camarão, Parnamirim e passou a morar em vários lugares e foi trabalhar todo dia na firma da sucata (Entrevistado 03).

Ela abandonou o estudo para cuidar dos filhos (Entrevistado 02).

No meu caso eu não abandonei os estudos, mas passei um ano sem estudar, porque eu tava trabalhando de noite, aí ficava muito difícil para mim, foi por causa disso que eu fiquei sem estudar (Entrevistado 01).

A partir das respostas dos entrevistados, podemos perceber que das onze pessoas, oito pararam de estudar para cuidar dos filhos ou porque engravidaram ou porque não conseguiram conciliar a maternidade e os estudos; dois pararam devido à jornada de trabalho exaustiva, e assim não ter condições de render com os estudos à noite; e um entrevistado deixou de frequentar por falta de interesse nos estudos. Diante disso, percebemos o propósito da EJA sendo cumprida na vida dessas pessoas, pois a Constituição Federal garante o direito à educação ao longo da vida às pessoas que não tiveram condições plenas de usufruir desse direito na idade ideal.

Outrossim, a respeito do dilema das mães em se dividir entre a maternidade e a escola, o poder público poderia oferecer espaços nas escolas para as mães deixarem seus

filhos, lugares como um berçário ou uma creche com cuidadoras, para que as estudantes pudessem se concentrar em sala de aula, cientes de que seus filhos estão em um lugar seguro porque “a gravidez para as mulheres [...] impõe às alunas mais um motivo de evasão” (Vigano; Laffin, 2016, p. 24).

Os nossos alunos também perguntaram aos entrevistados qual foi o maior desafio que eles encontraram para concluir o Ensino Médio, e estas foram as respostas:

Por seus filhos serem pequenos e não ter apoio em nada, era chato ter que sempre pedir para alguém ter que ficar com eles para poder concluir seus estudos, fora o cansaço do dia a dia também (Entrevistado 11).

Readaptação da rotina dos estudos diários e principalmente a paciência nos primeiros dias (Entrevistado 10).

Foi entregar todos os dias atividades no prazo, e ter que ir todos os dias e deixar meu filho em casa (Entrevistado 09).

O maior desafio foi morar de favor na casa de outra pessoa para poder terminar os estudos (Entrevistado 08).

O desafio dela foi terminar e fazer um curso pra ela poder realizar os objetivos dela (Entrevistado 07).

O meu maior desafio foi conciliar meu trabalho com os estudos. Pois muitas vezes não dava tempo de chegar nos horários das aulas (Entrevistado 06).

O desafio foi continuar a trabalhar e cuidar da casa e continuar a ir à escola (Entrevistado 05).

O desafio foi conciliar o trabalho, casa e estudar. No início foi muito difícil, mas conseguir (Entrevistado 04).

Não teve desafio, ele foi diplomado, mas conseguiu trabalhar normalmente (Entrevistado 03).

O maior desafio foi conciliar isso e estudar (Entrevistado 02).

Levou utilizar os mesmos critérios da pergunta anterior de cima, o trabalho é também. Já em cima do horário do colégio, aí era muito complicado para mim desse jeito. Então foi isso (Entrevistado 01).

Os relatos nos mostram os desafios que os entrevistados enfrentaram para concluir o Ensino Médio. Conciliar as atividades diárias da vida com os estudos foi a principal dificuldade enfrentada pelos entrevistados. Além disso, a dificuldade em acompanhar as atividades escolares foi ressaltada devido ao tempo que estavam longe da escola. Entretanto, percebemos que muitos dos entrevistados tiveram dificuldade em concluir o Ensino Médio por falta de apoio para deixar os seus filhos em segurança. Uma entrevistada nos relatou que precisou ficar hospedada “de favor na casa de outra pessoa”. Nesse sentido, Haddad (2020, p. 5) resalta que “é preciso superar a ideia de que o fracasso escolar é apenas responsabilidade individual. Muitas vezes, ele é resultado da ausência de uma política educacional que leve em conta a realidade familiar e social do aluno”. Em suma, os estudantes da EJA precisam de uma rede de apoio para usufruir do direito à educação, e muitas vezes ter ou não ter apoio é fator crucial para conseguir concluir o Ensino Médio.

Dentro desse contexto, a próxima pergunta que os nossos alunos fizeram aos entrevistados foi se eles tiveram apoio da família para concluir o Ensino Médio. Assim, vamos analisar as respostas:

Mais ou menos, tinha a irmã dela que ficava com os filhos dela para ela poder ir para a escola (Entrevistado 11).

Sim, meu esposo me ajudava bastante cuidando das crianças para que pudesse dar tempo de estudar e fazer os trabalhos e provas (Entrevistado 10).

Tive apoio sim, meu filho tava maior então quando minha mãe não podia ficar com ele, ficava com o pai dele, então ficava mais fácil ir a escola (Entrevistado 09).

Não tive apoio, foi na raça e na disciplina mesmo (Entrevistado 08).

Os meus familiares não sabiam que eu tinha desistido dos meus estudos (Entrevistado 07).

Sim! Bastante apoio do meu esposo e dos meus filhos, eles foram uma base para mim, sempre me incentivando quando pensei em desistir, porque não sabia e por causa do cansaço muitas vezes ficaram acordados comigo nas madrugadas para realizar as atividades, já que era os horários que dava para realizar (Entrevistado 06).

Teve apoio sim, foram meus pais, irmãos, que me ajudaram falando que continuasse para concluir. Me incentivaram muito (Entrevistado 05).

Sim, meu esposo e minha filha e colegas, mesmo chegando cansada do trabalho eles me incentivaram a não desistir, vá que você consegue, falta pouco e isso me ajudou bastante e também os professores também foi de grande ajuda (Entrevistado 04).

Não teve nenhum apoio (Entrevistado 03).

Os pais de casa foram os filhos (Entrevistado 02).

Sim, a minha família sempre me apoio com todas forças do mundo é também sempre me orientava de várias formas possíveis para o meu desempenho no colégio é também como na minha saúde mental, que no caso o mais importante naquele momento do fim do ensino médio, então foi isso a minha experiência (Entrevistado 01).

A partir dos relatos, podemos perceber o quanto importante é o apoio da família no sucesso ou insucesso da conclusão da educação básica aos estudantes da EJA. Afirmamos isso, pois, das onze pessoas entrevistadas, nove ratificaram a importância do apoio familiar, de amigos e dos professores no sucesso da conclusão do Ensino Médio. “Muitas vezes, o apoio da família – mesmo que simbólico – é determinante para que o jovem ou adulto continue frequentando as aulas” (Haddad, 2020, p. 4). Tudo isso porque o maior desafio que os ejianos encontram na escola é vencer o cansaço de um dia exaustivo de trabalho. Assim, como os entrevistados ressaltaram, as palavras de motivação ou até mesmo ter companhia de madrugada para fazer as atividades escolares são fatores decisivos para continuarem na escola.

Diante disso, os nossos alunos perguntaram aos entrevistados se a conclusão do Ensino Médio trouxe algum benefício à vida deles. Estas foram as respostas:

Sim. Hoje com o ensino médio você tem mais oportunidade de emprego, ela resolveu voltar aos estudos porque está fazendo um curso, e por isso precisava ter o ensino concluído, assim como qualquer outro trabalho (Entrevistado 11).
Sim, principalmente na busca de trabalho, não era vista com bons quando falava que não tinha ensino médio completo, hoje é bem mais fácil (Entrevistado 10).
Sim trouxe vários benefícios, além do conhecimento, abriu várias portas de emprego (Entrevistado 09).
Trouxe sim, conseguiu um emprego na área e na empresa que ela queria, e todos os dias ela se esforça pra poder subir de cargo (Entrevistado 08).
Sim. Os objetivos dela (Entrevistado 07).
Com certeza! Concluído o ensino médio foi e está sendo bastante importante para mim, principalmente, em poder responder algumas perguntas com clareza, sem medo de errar (Entrevistado 06).
Trouxe sim benefício, terminei meus estudos, consegui um emprego e tive oportunidade de fazer cursos (Entrevistado 05).
Sim, por enquanto, a satisfação de concluir que parecia um sonho distante e no futuro pretendo fazer algum curso que só é possível com a conclusão do ensino médio (Entrevistado 04).
Seguir normalmente como ele fazia quando estudava e trabalhava (Entrevistado 03).
Sim, teve vários profissionalmente e pessoalmente (Entrevistado 02).
No meu caso sim, porque na minha visão fica mais fácil da pessoa arrumar um trabalho mais rápido com o ensino médio completo, mas no meu caso ainda não arrumei um trabalho até agora, mas isso é só questão de tempo mesmo, vai dar certo (Entrevistado 01).

No início do ano letivo, realizamos uma roda de conversa para nos conhecermos no primeiro dia de aula. Nesse momento, costumamos perguntar quais foram os motivos que levaram os estudantes a retornar à escola. A resposta mais recorrente é que decidiram voltar porque perderam oportunidades de emprego ou de promoção na empresa em que já trabalham, em razão de não possuírem o certificado de conclusão do Ensino Médio. Isso confirma o que Teodoro e Santos (2020, p. 18) afirmam: “grande parte dos alunos que frequentam o ensino noturno é oriundo da classe trabalhadora e precisa do estudo como fonte de acesso ou permanência no mercado de trabalho”.

Nesse sentido, observa-se uma coerência entre as respostas dos entrevistados, que destacaram que os benefícios da conclusão da educação básica vão além do conhecimento adquirido em sala de aula. Para muitos, representa a realização de um sonho; para outros, a conquista de um emprego desejado; e, para alguns, a etapa necessária para ingressar em um curso técnico ou em uma faculdade.

Na finalização da entrevista, os nossos alunos perguntaram aos entrevistados se eles sentiram falta de algo na escola onde concluíram o Ensino Médio. Estas foram as respostas:

Não, pelo contrário, para ela a turma dela foi a melhor e maravilhosa também, teve muito apoio e principalmente união (Entrevistado 11).

Não, os professores foram excelentes e sempre compreensivos com todos os alunos da EJA, só tenho a agradecer pela compreensão e paciência de todos (Entrevistado 10).

Senti falta do entretenimento da sala e das aulas (Entrevistado 09).

Ela não sentiu falta de nada, aliás, os professores sempre estiveram dispostos para apoiar e dar forças pra conseguir terminar os estudos. Todos os professores com bom conteúdo e sabendo explicar sua matéria com amor (Entrevistado 08).

Sim. Estou sentindo falta desde do início que terminei os meus estudos, que sinto falta dos professores são ótimos em puxar as orelhas porque querem ajudar (Entrevistado 07).

Posso dizer que na Escola Stoessel de Brito, encontrei uma nova família, tive apoio de todos os professores, coordenadores, enfim, todos que fazem a escola. Sem o apoio, carinho, cuidado e atenção deles, eu não teria conseguido (Entrevistado 06).

Não faltou nada. Os professores eram ótimos (Entrevistado 05).

Sim, teria sido melhor que tivesse curso. Computador iria ajudar em algumas pesquisas (Entrevistado 04).

Pra ele não faltou nada (Entrevistado 03).

Não, o entrevistado respondeu que faltou nada, sempre foi tratado com muito carinho (Entrevistado 02).

Na minha opinião, a falta de professores, porque a gente não tinha todas as matérias é isso é um negócio muito triste e também sério para escola e para nós alunos (Entrevistado 01).

A minoria dos entrevistados destacou a falta de alguns recursos, como professores, cursos e computadores que pudessem auxiliar nas pesquisas escolares. Entretanto, a maioria relatou não ter sentido falta de nada durante a conclusão do Ensino Médio, pois se sentiram bem acolhidos pela escola, com professores e coordenadores solícitos, que sempre tratavam os estudantes com atenção e carinho. Esse sentimento reflete o que afirmam Silva, Bonamino e Ribeiro (2012, p. 387): “o acolhimento, o respeito e os vínculos que são estabelecidos entre a equipe pedagógica e os alunos fazem com que eles se sintam bem no espaço da escola”.

Desse modo, reforçamos a importância do acolhimento escolar na trajetória dos ejianos, uma vez que, em outros momentos de suas vidas, foi justamente a ausência desse acolhimento que contribuiu para a exclusão escolar dessas pessoas.

3 A LUTA DA CLASSE TRABALHADORA ATRAVÉS DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

3.1 Apresentação da sequência didática

A seguinte sequência didática é a dimensão propositiva do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), no qual escolhemos como objeto de estudo as turmas da EJA da Escola Estadual Stoessel de Brito, em Maxaranguape/RN. A nossa escolha pela sequência didática parte do mesmo entendimento de Cunha (2019, p. 52), o qual defende que “a sequência didática, ao ser elaborada com intencionalidade pedagógica, torna-se um recurso potente para estimular o pensamento crítico e a compreensão histórica”.

A sequência didática foi pensada para o ciclo do 3º período EJA, que corresponde a dois bimestres do ano letivo escolar, ou há um semestre. Nesse sentido, as sequências didáticas foram organizadas em dois grandes momentos que correspondem ao 1º bimestre e ao 2º bimestre. Assim, os estudantes concluem a última etapa da educação básica se reconhecendo “como sujeitos históricos e não apenas como ouvintes da história oficial” (Santos, 2013, p. 70).

O recorte temporal escolhido para trabalhar foi a Idade Contemporânea, entre os séculos XIX e XX, enquanto o recorte espacial foi a Inglaterra no contexto da Revolução Industrial e o Brasil na conjuntura da Primeira República (1889 - 1930). O tema escolhido foi a luta da classe da trabalhadora pelos seus direitos e melhores condições de trabalho, porque acreditamos que “trabalhar com as vivências dos estudantes é fundamental para o ensino de História na EJA, pois isso lhes permite se reconhecerem como sujeitos históricos e não apenas como ouvintes da história oficial” (Santos, 2013, p. 70).

A escolha da temática surgiu a partir da escuta que fizemos dos discentes da EJA através dos questionários. Apresentamos as análises no segundo capítulo desta dissertação porque “as histórias de vida trazidas pelos alunos da EJA transformam a sala de aula em um espaço de reconstrução de memórias e identidades”. (Giacomini, 2015, p. 88). Diante disso, partimos para pensar em algo que ajudasse os estudantes em suas vivências e que tivesse inserido no currículo do 3º período da EJA do Ensino Médio, pois “a articulação entre conteúdos escolares e experiências de vida possibilita uma aprendizagem mais significativa para os alunos da EJA, especialmente no

ensino de História, onde a dimensão temporal é vivida cotidianamente” (Ribeiro, 2017, p. 92)

Dessa maneira, dividimos a sequência didática em duas fases, na qual a primeira corresponde à análise de fontes históricas sobre as conquistas dos direitos trabalhistas na Inglaterra durante a Revolução Industrial e concluímos com as resenhas fílmicas sobre o contexto da luta da classe trabalhadora. Logo, esta primeira fase corresponde ao primeiro bimestre ou então à primeira etapa do terceiro ciclo da EJA do Ensino Médio. Após a conclusão da primeira fase da sequência didática, damos início à segunda fase com a criação de posts temáticos sobre as Revoltas Sociais da Primeira República no Brasil e, por fim, a análise das fontes históricas sobre a Greve Geral de 1917.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
PÚBLICO-ALVO: 3º período da EJA	PERÍODO DE __ / __ / __ a __ / __ / __
ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas	COMPONENTE CURRICULAR: História
UNIDADE TEMÁTICA: A luta da classe trabalhadora	
OBJETOS DE CONHECIMENTO • A luta pelos direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho na Inglaterra do século XIX; • A luta da classe trabalhadora na Primeira República no Brasil: as Revoltas Sociais no campo e nas cidades.	
COMPETÊNCIAS DA BNCC • A EJA promove o acesso ao conhecimento como forma de reparação social, reconhecendo o saber prévio do aluno e respeitando sua trajetória de vida e trabalho. • Desenvolver habilidades comunicativas orais e escritas em diferentes contextos, incluindo leitura de mundo, letramento digital e práticas sociais relevantes. • Incentivar o uso crítico e ético das tecnologias, promovendo inclusão digital como parte da cidadania. • Estimular os estudantes a argumentarem com base em dados e vivências, promovendo o exercício democrático e o direito à voz.	
HABILIDADES DA BNCC	

- **EF09HI01:** Identificar os principais conflitos sociais e políticos que marcaram o Brasil na Primeira República, compreendendo as causas, os sujeitos históricos envolvidos e seus desdobramentos.
- **EF09HI04:** Analisar as transformações nas relações de trabalho ocorridas com a Revolução Industrial e os impactos sobre a vida dos trabalhadores, considerando diferentes grupos sociais.
- **EF09HI05:** Discutir as lutas dos trabalhadores por direitos, como melhores condições de trabalho, salário justo, jornada de trabalho e organização sindical, relacionando com a realidade atual do estudante.
- **EF09HI06:** Relacionar as mudanças sociais e políticas da Primeira República com os processos de urbanização, industrialização e exclusão das camadas populares do poder político.
- **EM13CHS103:** Avaliar as lutas sociais por direitos (trabalhistas, civis, políticos, humanos) ao longo da história e seu impacto na construção da cidadania.
- **EM13CHS102:** Analisar os processos de transformação das estruturas produtivas e das relações sociais e políticas, relacionando-os aos modelos de desenvolvimento e às lutas sociais no Brasil e no mundo.

CRONOGRAMA

INÍCIO DO 1º BIMESTRE

AULA 01	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 01: analisar as fontes e responder o questionário.
AULA 02	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 01: correção do questionário e criação dos e-mails.
AULA 03	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 02: divisão dos grupos e preparação das resenhas fílmicas.
AULA 04	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 02: produção das resenhas fílmicas.
AULA 05	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 02: confecção dos posts temáticos.
AULA 06	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 02: confecção dos posts temáticos
AULA 07	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 02: apresentação dos posts temáticos.
AULA 08	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 02: apresentação dos posts temáticos.

INÍCIO DO 2º BIMESTRE	
AULA 09	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 03: divisão dos grupos e início da produção dos vídeos.
AULA 10	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 03: produção dos vídeos.
AULA 11	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 03: apresentação dos vídeos.
AULA 12	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 03: responder o Quiz Interativo.
AULA 13	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 04: aula expositiva.
AULA 14	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 04: aula expositiva.
AULA 15	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 04: analisar as fontes históricas.
AULA 16	SEQUÊNCIA DIDÁTICA 04: responder o questionário.

3.2 Sequência Didática 01

AS ORIGENS DAS LUTAS DOS TRABALHADORES E DOS DIREITOS TRABALHISTAS

DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

No primeiro momento da sequência didática, os estudantes irão analisar fontes históricas. A primeira fonte é uma charge do século XIX e a segunda são dados retirados do site *UK Parliament* sobre os primeiros direitos trabalhistas conquistados pela classe trabalhadora inglesa.

Assim, após a análise das fontes históricas, pediremos como atividade final da proposta a criação de um e-mail por meio dos estudantes a uma empresa fictícia, no qual eles irão propor ao dono da empresa melhorias nas condições de trabalho, reajuste salarial e cumprimento dos direitos trabalhistas garantidos pela Consolidação da Leis Trabalhistas (CLT).

PÚBLICO-ALVO

A atividade pode ser adaptada para turmas do Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e EJA.

TEMPO ESTIMADO

Duas horas-aulas de 50 minutos, totalizando 100 minutos.

OBJETIVOS

- Analisar fontes históricas, além de desenvolver a interpretação e a escrita dos estudantes;
- Trazer ao conhecimento dos alunos ao surgimento das leis trabalhistas;
- Preparar os estudantes ao mundo do trabalho, através da escrita de um e-mail de modo formal, além de solicitar o cumprimento dos direitos trabalhistas.

CONTEÚDO

O advento da Revolução Industrial na Inglaterra, entre os séculos XVIII e XIX, transformou o modo de aquisição de riqueza, não mais com o trabalho escravo, mas com a intensa exploração da mão de obra das classes sociais menos favorecidas, cuja riqueza só tinha sua força de trabalho para trocar por um mísero salário.

Dentro desse contexto, a classe trabalhadora, no início do século XIX, buscou por melhores condições de trabalho e direitos trabalhistas. Como forma de protesto, passou a quebrar as máquinas contra a jornada de trabalho entre 14 e 16 horas. Na ocasião, o movimento de quebra-máquinas ficou conhecido como Ludismo – termo que faz referência a Ned Ludd, um dos operários que teria liderado o movimento de quebra-máquinas. Não se confirmou até hoje a existência de Ned Ludd, mas mesmo assim o levante recebeu seu nome. Logo, o movimento se espalha pela Inglaterra. Entretanto, as autoridades reprimem violentamente os revoltosos.

Contudo, mesmo com a repressão do Estado aos protestos dos trabalhadores, a luta por melhores condições de trabalho foi se tornando cada vez mais forte. Como exemplo, podemos citar o movimento cartista, que, em 1838, mandou ao Parlamento inglês a Carta do Povo, na qual reivindicava o voto secreto, sufrágio universal masculino e parlamentos renovados anualmente. Porém, o Parlamento rechaçou as reivindicações da classe trabalhadora, e com isso eclodiu por toda Inglaterra greves, manifestações e prisões. Logo, a classe trabalhadora mostrava aos burgueses a força da multidão, e com o decorrer do século XIX e início do século XX, os direitos trabalhistas foram conquistados e trouxe melhores condições de trabalho ao proletariado.

ESTRATÉGIA

1º MOMENTO: O professor vai disponibilizar a primeira fonte (encontra-se no Anexo da sequência didática) aos alunos em papel impresso para que possam analisar a imagem a partir das orientações do professor. O tempo estimado é de 15 minutos.

2º MOMENTO: O professor vai disponibilizar a segunda fonte (encontra-se no Anexo da sequência didática) aos alunos em papel impresso, para que possam analisar os dados contidos na tabela a partir das orientações do professor. O tempo estimado é de 15 minutos.

3º MOMENTO: O professor vai disponibilizar um questionário impresso (encontra-se no Anexo da sequência didática) aos alunos, com perguntas acerca das duas fontes. O tempo estimado é de 30 minutos.

4º MOMENTO: Correção do questionário com os alunos em sala. O tempo estimado é de 20 minutos.

5º MOMENTO: Na parte final da sequência didática, os estudantes serão orientados a como enviar um e-mail de modo formal a uma empresa. O tempo estimado é de 30 minutos.

AValiação

A avaliação será de modo contínuo, isto é, avaliando o desempenho dos estudantes em todos os momentos da sequência didática, tanto nas análises das fontes quanto nas respostas do questionário e na participação da criação e envio do e-mail.

ANEXO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

FONTE 01



FONTE 02

LEGISLAÇÃO TRABALHISTA NA INGLATERRA

1802	Limitou a jornada de trabalho das crianças a 12 horas diárias.
1819	Proibiu o trabalho das crianças menores de 9 anos nas fábricas de algodão.
1824	As associações de trabalhadores deixaram de ser ilegais.
1833	Limitou o trabalho das crianças entre 9 e 13 anos a 8 horas diárias e, entre 13 e 18 anos, a 12 horas diárias. Estabeleceu que as crianças deveriam usar 2 horas do seu tempo para ir à escola.
1842	Proibiu o trabalho feminino e de meninos menores de 10 anos nas minas.
1871	O direito de formar sindicatos foi legalizado.
1908	Instituiu os primeiros sistemas de seguro social.
1919	Estabeleceu a jornada de 8 horas diárias.

QUESTIONÁRIO

1. O que foi Ludismo?
2. Por que na fonte 01 o Ned Ludd foi representado tão alto?

3. Qual a relação que podemos fazer entre o Ludismo e a conquista dos direitos trabalhistas? 4. Do primeiro direito garantido ao último que se encontra na fonte 02, quanto tempo se passou? 5. De todos os direitos, qual você considera o mais importante? Por quê?
FONTES
FONTES 01 <i>O Líder dos Ludistas</i>, gravura de 1812. Published in May 1812 by Messrs. Walker and Knight, Sweetings Alley, Royal Exchange; see British Museum reference. https://pt.wikipedia.org/wiki/Ned_Ludd#/media/Ficheiro:Luddite.jpg, acesso em 25/03/2025. FONTES 02 UK Parliament. Disponível em: https://www.parliament.uk, acesso em 01/04/2025.
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA
Thompson, Edward P. <i>Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. https://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/electionsvoting/chartists/overview/chartistmovement/, acesso em 02/04/2025.

3.3 Sequência Didática 02

RESENHA FÍLMICA NO INSTAGRAM SOBRE O MUNDO DO TRABALHO
DESCRIÇÃO DA PROPOSTA
Neste momento da sequência didática, os alunos irão assistir filmes alusivos ao mundo do trabalho. Logo depois, analisar-se-á alguns trechos e depois postar-se-á no Instagram as respectivas análises. Assim, os alunos irão criar uma conta no Instagram sobre resenhas fílmicas alusivas ao mundo do trabalho.
PÚBLICO-ALVO
A atividade pode ser adaptada para turmas do Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e EJA.
TEMPO ESTIMADO
Seis aulas de 50 minutos, totalizando 300 minutos.

OBJETIVOS
• Compreender as condições socioeconômicas e políticas apresentada pelos filmes sobre o processo industrial inaugurado pelos ingleses; • Aprofundar o aprendizado do mundo do trabalho aos estudantes, na expectativa de uma melhor organização da sociedade como um todo; • Utilizar o filme como uma síntese do contexto social retratado devido a ser uma excelente maneira de conhecer nossa comunidade, sociedade e mundo que vivemos.
CONTEÚDO
A referida atividade se encaixa no contexto da Revolução Industrial, que não transformou somente as formas de trabalho, mas também modificou as relações sociais e a relação do homem com a natureza, pois o tempo deixou de ser orientado pela natureza para ser dominado pelo relógio. Por conseguinte, era necessário produzir o máximo possível em menos tempo. Dessa forma, o meio ambiente começou a ser explorado mais intensamente, considerado fonte inesgotável de riquezas. Assim, o ser humano passou a ser visto como mão de obra barata. Diante disso, as fábricas inglesas passaram a abrigar centenas de trabalhadores que se concentravam em cidades com ruas apertadas, sem saneamento básico ou moradias adequadas. Nesse contexto conturbado entre os dois principais grupos dessa nova sociedade industrial, logo surgiu uma luta de classe entre burgueses e proletários, uns lutando por mais valia e outros por melhores condições de trabalho e direitos trabalhistas.
ESTRATÉGIA
1º MOMENTO: O professor organizará os grupos entre quatro e seis componentes, e distribuirá os filmes que cada grupo respectivamente ficará responsável, deixamos no Anexo da sequência didática uma lista com sugestões de filmes sobre a Revolução Industrial e o Mundo do Trabalho; 2º MOMENTO: Após a divisão dos grupos e os estudantes terem assistido o seu respectivo filme irão iniciar a análise, a partir das seguintes orientações: 1. Filme: informações gerais sobre o filme escolhido pelo grupo. Deve conter título (em português e na língua de origem, caso seja estrangeiro), país em que foi realizado, ano, duração em minutos e gênero. Se o grupo achar relevante, também pode citar os atores protagonistas. 2. Tema: identifique o assunto principal. 3. Resumo: elabore um texto breve apresentando os aspectos mais relevantes da história. 4. Descrição: decomponha o filme em partes (cenas específicas ou sequenciais) destacando as que confirmem o tema. Neste momento, é possível observar os elementos utilizados como ângulos da câmera, os efeitos sonoros, a narrativa, o enredo, os personagens principais e secundários. 5. Interpretação: reúna as partes decompostas, articulando os elementos de acordo com o tema. É o momento para analisar o filme e expressar a opinião do grupo. Levando em consideração o contexto social retratado no filme,

retome a questão: O que o trabalho representa para o ser humano e qual é a importância dele na vida de uma pessoa? 3º MOMENTO: Nesse momento da atividade, os grupos deverão criar uma conta no Instagram e personalizá-la como se fosse uma página especializada em análises de filmes. Alternativamente, o próprio professor poderá criar a conta e atuar como administrador, concedendo acesso aos grupos para que publiquem, na página, suas respectivas resenhas fílmicas. 4º MOMENTO: Após a criação do texto analítico sobre os filmes e a conta do Instagram, inicia-se a etapa de colocar o conteúdo desenvolvido no Instagram. A maneira como será publicado fica a critério de cada grupo, que poderá escolher uma publicação no <i>Feed</i> ou no <i>Reels</i> através de imagens ou vídeos. 5º MOMENTO: A última etapa da atividade será a apresentação das Resenhas Fílmicas em sala de aula. O professor reservará um local da escola que tenha acesso à internet para que os estudantes possam apresentar o seu trabalho diretamente do Instagram.		
AVALIAÇÃO		
A avaliação será de modo contínuo, observando o desempenho dos alunos em cada etapa da sequência didática, que corresponde à escolha do filme, produção da resenha fílmica, criação da conta de Instagram e apresentação do material produzido.		
ANEXO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA		
<table border="1"> <thead> <tr> <th>SUGESTÕES DE FILMES</th></tr> </thead> <tbody> <tr> <td> • As sufragistas. Direção de Sara Gavron. Reino Unido: Ruby Films et al., 2015 (106 min). • Germinal. Direção de Claude Berri. Bélgica/Itália/França, 1993 (170 min). • Tempos Modernos. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936 (86 min). • Oliver Twist. Direção de Roman. França/Itália/República Tcheca/Reino Unido, 2005 (116 min). • Que horas ela volta? Direção de Anna Muylaert. São Paulo: Pandora filmes, 2015. (112 min). </td></tr> </tbody> </table>	SUGESTÕES DE FILMES	• As sufragistas. Direção de Sara Gavron. Reino Unido: Ruby Films et al., 2015 (106 min). • Germinal. Direção de Claude Berri. Bélgica/Itália/França, 1993 (170 min). • Tempos Modernos. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936 (86 min). • Oliver Twist. Direção de Roman. França/Itália/República Tcheca/Reino Unido, 2005 (116 min). • Que horas ela volta? Direção de Anna Muylaert. São Paulo: Pandora filmes, 2015. (112 min).
SUGESTÕES DE FILMES		
• As sufragistas. Direção de Sara Gavron. Reino Unido: Ruby Films et al., 2015 (106 min). • Germinal. Direção de Claude Berri. Bélgica/Itália/França, 1993 (170 min). • Tempos Modernos. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936 (86 min). • Oliver Twist. Direção de Roman. França/Itália/República Tcheca/Reino Unido, 2005 (116 min). • Que horas ela volta? Direção de Anna Muylaert. São Paulo: Pandora filmes, 2015. (112 min).		
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA		
HOBBSAWN, Eric. <i>A era das revoluções (1789-1848)</i>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. XAVIER, Ismail. <i>O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência</i>. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. SCHNEIDER, Steven Jay. <i>1001 filmes para ver antes de morrer</i>. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.		

3.4 Sequência Didática 03

OS TRABALHADORES BRASILEIROS LUTANDO POR DIREITO À MORADIA, À POSSE DA TERRA E POR MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO, ATRAVÉS DAS REVOLTAS SOCIAIS REPUBLICANAS

DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

A transição do Brasil Imperial para o Republicano é de fundamental importância para compreendermos as discrepâncias sociais da atualidade, uma vez que o progresso prometido pela República beneficiou majoritariamente as classes mais abastadas, em detrimento da classe trabalhadora. Muitos trabalhadores sacrificaram suas próprias vidas na luta pelos direitos de que hoje usufruímos. No entanto, a luta continua, agora pela garantia de melhores condições de trabalho, salários dignos e acesso efetivo a direitos sociais, como moradia e lazer.

Nesse contexto, propomos, como atividade final da temática, a produção de vídeos curtos sobre as Revoltas Sociais da Primeira República (1889–1930). Após a exibição dos vídeos em sala de aula, o professor organizará a turma em círculo e, de forma coletiva e simultânea, os alunos participarão de um quiz interativo, com perguntas baseadas nos vídeos apresentados.

A proposta busca tornar o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e envolvente, promovendo um clima de competição saudável entre os grupos. Assim, o conhecimento é construído de maneira lúdica, participativa e significativa.

PÚBLICO-ALVO

A atividade pode ser adaptada para turmas do Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e EJA.

TEMPO ESTIMADO

Quatro aulas de 50 minutos, totalizando 200 minutos.

OBJETIVOS

- Conhecer os principais movimentos sociais do Brasil durante a Primeira República;
- Identificar as mudanças e permanências da luta dos trabalhadores na Primeira República com as dos dias atuais;
- Inserir os estudantes ao mundo virtual por meio de plataformas digitais.

CONTEÚDO

Os movimentos sociais da Primeira República são para refletirmos sobre a luta da classe trabalhadora pelos seus direitos à moradia, à posse da terra, a melhores condições de trabalho. Por exemplo, a Guerra de Canudos e do Contestado evidenciam a luta do sertanejo pelo acesso à terra, que se encontrava sob a posse dos latifundiários. Logo, podemos encontrar semelhanças com a sociedade brasileira atual, cujos pobres continuam sem o acesso à terra, ou seja, os trabalhadores continuam lutando pelo direito à posse da terra.

A Revolta da Vacina é outro exemplo de movimento social que evidencia a vulnerabilidade que a população pobre vivia na Primeira República. Esse movimento acontece no contexto da Reforma Urbana do centro do Rio de Janeiro, quando derrubaram as moradias que a classe trabalhadora vivia para dar lugar a grandes avenidas e construções influenciada pela *Belle Époque*. Além disso, a população passou pelo constrangimento da vacina obrigatória contra a varíola.

Além desses movimentos sociais destacados, podemos citar o Cangaço, a Revolta da Chibata e a Greve Geral de 1917 como movimentos sociais de resistência à opressão ao regime republicano liderado pelos cafeicultores paulistas, que criavam políticas públicas, como o Convênio Taubaté, que beneficiava o seu nicho político em detrimento da classe pobre e trabalhadora do Brasil na Primeira República.

ESTRATÉGIA

1º MOMENTO: organização dos grupos entre dois e três componentes, escolha do movimento social (no anexo encontra-se uma lista com sugestão de alguns movimentos sociais da Primeira República) pelo qual cada grupo ficará responsável e as demais orientações acerca da atividade.

2º MOMENTO: os estudantes irão produzir o vídeo temático a partir das seguintes instruções:

1. No vídeo deve conter obrigatoriamente o respectivo conteúdo previamente escolhido pelo qual cada grupo ficou responsável, e com uma duração de 60 a 120 segundos;
2. No vídeo devem conter as informações básicas dos estudantes e da escola, como: nome e série/turma dos alunos e logotipo da escola;
3. Após a apresentação dos vídeos, os grupos irão responder um Quiz Online com 10 perguntas.

3º MOMENTO: apresentação dos vídeos para toda a turma.

4º MOMENTO: os grupos irão responder o Quiz Online através de plataforma on-line de perguntas e respostas.

AValiação

A avaliação será de modo contínuo, observando o desempenho dos alunos em cada etapa da sequência didática, que corresponde à produção do vídeo e à participação do grupo nas respostas do Quiz On-line.

ANEXO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

MOVIMENTOS SOCIAIS DA PRIMEIRA REPÚBLICA	
	• A Guerra de Canudos (1896 - 1897) • A Guerra do Contestado (1912 - 1916) • O Cangaço • A Revolta da Vacina (1904) • A Revolta da Chibata (1910) • A Revolta de Juazeiro (1914) • A Greve Geral de 1917 • Os dezoito do Forte de Copacabana (1922) • A Coluna Prestes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

3.5 Sequência Didática 04

GREVE, UMA LUTA POR DIREITOS OU UM DESRESPEITO À SOCIEDADE?	
DESCRIÇÃO	
A partir do estudo da Greve Geral de 1917, iremos propor aos alunos a análise de fontes históricas a respeito do evento histórico da Primeira República, fazendo comparação com as greves dos trabalhadores dos dias atuais, tendo como referencial a legislação trabalhista a partir da Constituição Federal de 1988, propondo aos estudantes reflexões sobre a prerrogativa da luta pelos direitos e os limites que a Magna Carta estabelece aos trabalhadores durante as manifestações e reivindicações por seus direitos.	
PÚBLICO-ALVO	
A atividade pode ser adaptada para turmas do Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e EJA.	
TEMPO ESTIMADO	
Quatro aulas de 50 minutos, totalizando 200 minutos.	
OBJETIVOS	
• Entender como a Greve Geral de 1917 foi um baluarte na trajetória da luta dos trabalhadores pelos seus direitos; • Comparar a Greve de 1917 com as que acontecem atualmente no Brasil; • Reconhecer os direitos e deveres dos trabalhadores à luz da Constituição de 1988.	
CONTEÚDO	
O início do século XX no Brasil foi um período de efervescência social, com revoltas no campo e na cidade, e a Greve Geral de 1917 foi um desses movimentos que agitaram os primeiros anos da história do Brasil. Tudo começou em São Paulo, o centro industrial brasileiro que havia recebido imigrantes de várias partes do mundo. Os revoltosos passaram a incentivar os demais na reivindicação por melhores condições de trabalho e por direitos trabalhistas, o que já era realidade em outros países, como a Inglaterra. Diante disso, os trabalhadores saíram pelas ruas do centro de São Paulo protestando pelas péssimas condições de trabalho e reivindicando jornada de trabalho de oito horas, aumento salarial, pagamento pontual, libertação dos grevistas presos, fim do trabalho noturno para mulheres e redução dos aluguéis. Entretanto, tudo se agravou quando o sapateiro Antônio Martinez foi morto pela polícia, proporcionando a expansão dos protestos pelo interior de São Paulo e para outros estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. O fim do movimento grevista acontece em julho de 1917, após o governo e os patrões acatarem as reivindicações dos trabalhadores, como aumento salarial, libertar os manifestantes presos, respeitar o direito de reunião e melhorar as condições de vida dos trabalhadores.	
ESTRATÉGIA	
1º MOMENTO: aula expositiva acerca do evento histórico da Greve Geral de 1917; 2º MOMENTO: análise das fontes históricas (encontra-se no Anexo da sequência didática); 3º MOMENTO: em dupla, os estudantes irão responder um questionário (encontra-se no Anexo da sequência didática) sobre a Greve Geral de 1917 e sobre as fontes históricas analisadas no segundo momento da atividade.	

AVALIAÇÃO

A avaliação será de modo contínuo, observando o desempenho dos alunos em cada etapa da sequência didática, que corresponde à atenção e participação na aula expositiva, na análise das fontes e na resolução do questionário.

ANEXO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Imagem 1 – A multidão de operários grevistas, depois de ter percorrido as ruas centrais, descendo a ladeira do Carmo, a caminho do Braz, empunhando bandeiras vermelhas, em 1917



Fonte:

Imagem 2 – Professores decidem manter greve na rede estadual do RN, em 24/03/2025



Fonte: Foto: Lenilton Lima/Sinte.

Imagem 3 – Artigo 9º da Constituição Federal, que assegura o direito de greve aos trabalhadores

Parágrafo único. As disposições deste artigo aplicam-se a organização de sindicatos rurais e de colônias de pescadores, atendidas as condições que a lei estabelecer.

Art. 9º É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender.

§ 1º A lei definirá os serviços ou atividades essenciais e disporá sobre o atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade.

§ 2º Os abusos cometidos sujeitam os responsáveis às penas da lei.

Fonte: Brasil, 1988.

QUESTIONÁRIO

1. Qual a importância da Greve Geral de 1917 na conquista dos direitos trabalhistas?
2. Quais as reivindicações dos trabalhadores na Greve Geral de 1917?
3. Pesquise na internet quais são os serviços essenciais a respeito do direito à greve definidos pela Constituição Federal de 1988?
4. A dupla acha justo os professores entrarem em greve e deixar os estudantes sem aulas? Justifique.

FONTES

FONTE 1: A multidão de operários grevistas, depois de ter percorrido as ruas centrais, descendo a ladeira do Carmo, a caminho do Braz, empunhando bandeiras vermelhas. Disponível em: <https://metalurgicos.org.br/noticias/greve-geral-de-1917-sera-lembrada-em-fotos-debate-e-publicacoes/>, acesso em: 27/05/2025.

FONTE 2: Professores decidem manter greve na rede estadual do RN, em 24/03/2025 — Foto: Lenilton Lima/Sinte. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2025/03/24/professores-da-rede-estadual-do-rn-rejeitam-proposta-do-governo-e-decidem-manter-greve.ghtml>, acesso em 27/05/2025.

FONTE 3: Artigo 9º da Constituição Federal, que assegura o direito de greve aos trabalhadores. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm#art37vii., acesso em 27/03/2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

3.6 Culminância

MOSTRA DE PROFISSÕES: Construindo Sonhos

DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

No final do semestre, os estudantes irão concluir o ciclo da 3º EJA com uma culminância de Mostra de Profissões, na qual eles irão apresentar as atividades construídas durante o semestre. Além da exposição das atividades dos estudantes em Datashow, o evento terá uma palestra com um psicólogo vocacional, apresentando as possíveis profissões que os estudantes possam escolher após a conclusão da educação básica. Por fim, uma roda de conversa com ex-alunos da EJA relatando as suas experiências de vida.

PÚBLICO-ALVO

A atividade pode ser adaptada para turmas do Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e EJA.
TEMPO ESTIMADO
Quatro aulas de 45 minutos, totalizando 180 minutos.
OBJETIVOS
• Promover a orientação profissional dos estudantes, oferecendo informações e experiências sobre diferentes áreas de atuação no mundo do trabalho; • Estimular a reflexão sobre vocação, habilidades e interesses pessoais; • Incentivar a continuidade dos estudos e a formação profissional.
JUSTIFICATIVA
O mundo do trabalho exige dos jovens e adultos escolhas conscientes, habilidades múltiplas e conhecimento sobre diferentes áreas profissionais. Muitas vezes, os estudantes desconhecem as oportunidades existentes em sua região, bem como as formações necessárias para cada profissão. Nesse contexto, é fundamental oferecer espaços que possibilitem a reflexão sobre vocação, interesses pessoais e possibilidades profissionais, contribuindo para escolhas mais conscientes e responsáveis. No entanto, muitos estudantes ainda desconhecem as múltiplas oportunidades de formação existentes em sua região, bem como os requisitos acadêmicos e competências necessárias para diferentes áreas de atuação. Essa lacuna de informação pode resultar em insegurança, desmotivação e até mesmo evasão escolar. Desta maneira, a Mostra de Profissões surge como uma ação pedagógica estratégica, que aproxima a escola das demandas sociais e profissionais contemporâneas, ao mesmo tempo que promove o diálogo entre a educação básica, o ensino técnico, o ensino superior, os profissionais autônomos e o setor produtivo. Mais do que apresentar carreiras, o evento busca ampliar horizontes, valorizar talentos individuais e incentivar a continuidade dos estudos, fortalecendo o papel da escola como mediadora entre conhecimento, cidadania e mundo do trabalho.
ESTRATÉGIA
1º MOMENTO: Abertura oficial do evento. 2º MOMENTO: Palestra vocacional com um psicólogo que tirará as dúvidas dos estudantes sobre como escolher a faculdade certa que se alinhe com a personalidade de cada estudante. 3º MOMENTO: Apresentação, por meio de datashow, das atividades desenvolvidas por cada grupo de alunos ao longo do semestre. 4º MOMENTO: Intervalo para os estudantes lancharem. 5º MOMENTO: Apresentação cultural elaborada pelos próprios alunos. 6º MOMENTO: Roda de conversa com ex-alunos da EJA, relatando as suas experiências de vida, e respondendo às dúvidas dos estudantes. 7º MOMENTO: Encerramento do evento.
CRONOGRAMA
19h00 – 19h45: Abertura do evento e palestra vocacional 19h45 – 20h30: Apresentação das atividades dos alunos 20h30 – 20h45: Intervalo para o lanche 20h45 – 21h00: Apresentação cultural 21h00 – 21h45: Roda de conversa 21h45 – 22h00: Encerramento do evento e agradecimentos
AValiação

A avaliação será de modo contínuo, observando o desempenho dos alunos em cada etapa da culminância, que corresponde à apresentação das atividades que foram construídas durante o semestre e a participação na apresentação cultural e no evento como um todo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação é a conclusão da pesquisa sobre a Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Stoessel de Brito, em Maxaranguape/RN. O motivo que levou a escolher a EJA como objeto de estudo foi o alto índice de evasão escolar na referida escola pelos estudantes da EJA, e assim propor alternativas pedagógicas capazes de enfrentar essa realidade, em especial no âmbito do ensino de História. Partindo da experiência docente e da observação cotidiana em sala de aula, a pesquisa procurou dar visibilidade aos sujeitos da EJA, suas trajetórias de vida e os desafios enfrentados para permanecerem no ambiente escolar.

Fizemos uma síntese histórica da EJA no Brasil e no Rio Grande do Norte a partir da análise de marcos legais e políticas públicas educacionais. Esse percurso demonstrou que a EJA tem sido historicamente marcada por uma lógica compensatória, muitas vezes descolada das reais necessidades dos sujeitos que dela fazem parte. Nesse sentido, o governo brasileiro vem elaborando e ajustando a legislação brasileira para garantir o direito à educação a todos os brasileiros, independentemente da sua idade, pois o importante é que as pessoas tenham direito à educação durante toda a vida. Além disso, o governo brasileiro, em 2024, criou o Programa Pé-de-Meia, que consiste em incentivo financeiro para os estudantes continuarem os seus estudos ao invés de irem vender a sua força de trabalho antes da conclusão da Educação Básica.

Ao longo da dissertação, autores como Paulo Freire, Miguel Arroyo, Maria Clara Di Pierro, Jaqueline Ventura e Sonia Rummert forneceram o arcabouço teórico necessário para refletir sobre uma educação emancipadora, voltada à humanização dos sujeitos e ao enfrentamento das desigualdades sociais. A análise das pesquisas existentes nos repositórios do ProfHistória e da CAPES também demonstrou a importância de propostas pedagógicas que dialoguem com as narrativas de vida, as experiências concretas dos estudantes e os temas do mundo do trabalho.

A partir dessa perspectiva, fomos investigar os fatores que levam os estudantes a deixarem a escola. Assim, utilizamos como metodologia a pesquisa semiestruturada através de um formulário que nos trouxe informações valiosas acerca dos motivos que

levam os alunos a abandonarem a escola, e o que fez eles procurarem a EJA para retornarem à escola. Entre os pontos ressaltados estão a gravidez na adolescência e a necessidade de trabalhar em detrimento aos estudos. Em contrapartida, o que fizeram eles retornarem à escola foram a necessidade de ter o certificado da educação básica para conseguir um emprego – ou até mesmo obterem um novo cargo na própria empresa que trabalham – e a oportunidade de realizarem o sonho de concluir a educação básica e poder fazer um curso técnico ou de nível superior, o qual sem a certificação do ensino médio se torna impossível.

Em outra etapa da pesquisa, pedimos aos nossos alunos, como forma de atividade, procurarem pessoas que haviam concluído a educação básica na EJA, e fazer a elas algumas perguntas que nos ajudariam a preencher algumas lacunas. Por exemplo, se a conclusão do ensino médio ajudou na conquista do emprego ou na promoção da empresa e quais foram os principais desafios encontrados por eles durante as aulas. Logo, as informações que nos trouxeram foram de extrema relevância, pois nos indicaram que a rede de apoio familiar e acolhida que a escola promove aos estudantes são fatores decisivos para continuar na escola. Muitos relataram que ir à escola à noite depois de um dia exaustivo de trabalho era muito difícil e desafiador, pois o corpo exausto só pedia para ficar em casa descansando, porém o incentivo dos familiares e dos professores foram fatores decisivos para que mantivessem a assiduidade.

Além dos formulários que corroboraram com a nossa pesquisa, utilizamos como forma de obter mais informações sobre os estudantes da EJA a proposta da escrita de uma carta aos futuros estudantes. Nessa carta eles relataram a sua experiência na escola e quais foram os desafios enfrentados até a conclusão do ensino médio. Diante disso, tivemos muitos relatos impactantes, como de estudantes que voltaram à escola após anos longe das salas de aula, as dificuldades enfrentadas para acompanhar os conteúdos ou mesmo de frequentar a escola em dias alternados – devido aos plantões ou atrasos em decorrência do horário de saída do trabalho. Enfim, esses relatos nos fizeram refletir do quão importante a modalidade de ensino da EJA é na vida dessas pessoas que buscam usufruir o direito à educação durante a sua vida.

Por fim, propomos como dimensão propositiva a criação de uma sequência didática acerca da luta da classe trabalhadora por direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho e de vida. Assim, partimos da análise de fontes históricas da época da Revolução Industrial na Inglaterra, na qual mostramos o surgimento dos primeiros direitos trabalhistas através da luta da classe trabalhadora. Nesse sentido, partimos para

analisar a conquista dos trabalhadores acerca dos seus direitos no Brasil por meio da análise de fontes históricas dos movimentos sociais da Primeira República, como a Greve Geral de 1917. Por conseguinte, como forma de culminância, propomos a criação de um evento no qual os estudantes apresentarão as atividades que foram construídas durante o semestre e terão informações valiosas a respeito do mundo do trabalho. Em suma, a nossa intenção é que os estudantes possam através da disciplina de História se identificar com temas que os cercam no seu dia a dia, e assim possam se motivar a irem à escola em busca de conhecimento para terem condições necessárias para transformarem as suas vidas e a sociedade onde vivem.

Dentro de tudo isso, partimos para a conclusão de que o combate à evasão escolar na EJA exige não apenas ações administrativas ou estruturais, mas principalmente uma mudança de concepção pedagógica. É fundamental que a escola reconheça os estudantes da EJA como sujeitos de direitos, portadores de saberes, trajetórias e demandas específicas, que precisam ser contempladas em propostas educativas sensíveis, inclusivas e significativas.

Em síntese, esta dissertação reafirma a necessidade de pensar o ensino de História na EJA a partir de uma perspectiva crítica e libertadora, tendo como referência a realidade dos sujeitos e comprometida com a transformação social. Assim, os resultados e reflexões aqui apresentados possam contribuir com outros profissionais da educação que atuam na EJA, bem como com os debates em torno da garantia do direito à educação de qualidade para todos, em especial para aqueles historicamente excluídos dos espaços escolares.

REFERÊNCIAS

FONTES

BRASIL (2022) *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

BRASIL, Plano Nacional de Educação. *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm, acesso em 15/05/2024.

BRASIL, Programa Brasil Alfabetizado. *Decreto nº 10.959, de 8 de fevereiro de 2022*. Dispõe sobre o Programa Brasil Alfabetizado, 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/decreto/d10959.htm, acesso em 15/05/2024.

BRASIL, Programa Pé-de-Meia. *Lei nº 14.818, de 16 de janeiro de 2024*. Institui incentivo financeiro-educacional, na modalidade de poupança, aos estudantes matriculados no ensino médio público, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/Lei/L14818.htm, acesso em 16/05/2024.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 de jul. 2023.

BRASIL. *Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006*. Institui no âmbito federal o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5840, acesso em 15/05/2024.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 12 de jul. 2023.

BRASIL. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. 2024. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

RIO GRANDE DO NORTE. Diário Oficial. *Resolução nº 02/2016 – CEB/CEE/RN, 19 de outubro de 2016.* Disponível em: http://www.diariooficial.rn.gov.br/dei/dorn3/docview.aspx?id_jor=00000001&data=20161208&id_doc=557016, acesso em 12 de jul. 2023.

RIO GRANDE DO NORTE. Diário Oficial. *Lei nº 10.049, de 27 de janeiro de 2016.* Aprova o Plano Estadual de Educação do Rio Grande do Norte (2015-2025) e dá outras providências, 2016. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/seec/DOC/DOC000000000103587.PDF>. Acesso em: 29/05/2024.

RIO GRANDE DO NORTE. Diário Oficial. *Portaria nº 212, de 29 de maio de 2019.* Disponível em: http://diariooficial.rn.gov.br/dei/dorn3/docview.aspx?id_jor=00000001&data=20190904&id_doc=657866, acesso em 12 de jul. 2023.

RIO GRANDE DO NORTE. Diário Oficial. Processo SEI/RN nº 00410022000843/2024-75. *Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens, Adultos e Idosos do Estado Do Rio Grande do Norte.* Natal/RN, 2024. Disponível em: https://sei.rn.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?dqBlq_KF4_2fdKMgucKGw2SOOsdRDgKOTtYkpTOQj2qQnCWTX97KaJZObwyvYQycSxjS6Sli6DABMC0MremSeHPDgyyaPfKJZRZ6Ny38EH1odwpLOkGS20ZZ3DwdDW. Acesso em: 23/05/2024.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Jucileide da Silva. *Ensino de história das mulheres: experiência na educação de jovens e adultos – EJA em Imperatriz – MA.* Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Ensino de História, 2018.

ARROYO, Miguel. *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos.* – 2. Ed. – Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2008.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

BEZERRA, Vivian Leamari Magalhães. *Narrativas das histórias de vida da evasão escolar dos estudantes da educação de jovens e adultos – EJA.* Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2019.

BUSCA ATIVA ESCOLAR. *PNAD Educação: 8,7 milhões de jovens brasileiros abandonaram ou nunca frequentaram a escola.* [S.l.]: Busca Ativa Escolar, 2024. Disponível em: <https://buscaativaescolar.org.br/noticia/pnad-educacao-8-7-milhoes-de>

[jovens-brasileiros-abandonaram-ou-nunca-frequentaram-a-escola](#). Acesso em: 25 jul. 2025.

BUZETO, Elizete Cristina Carnelós. *Evasão escolar de jovens e adultos em uma escola pública de Santo André*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE. São Paulo, 2020.

CAVALCANTE, Michelly Maria da Silva. *O acolhimento escolar dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos em situação de vulnerabilidade territorial em Cascavel-CE*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

CASTRO, Vânia Maria Vasconcelos de; MELO, Conceição Coutinho. *Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera): uma proposta de avaliação em profundidade*. Aval - Revista Avaliação de Políticas Públicas, Ano 7, v. 2, nº 14, jul/dez 2014. ISSN: 2176-9923. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38247/1/2014_art_vmvcastroccmelo.pdf, acesso em 15/05/2024.

CUNHA, Léo Magno Moreira da. *Sequência didática como estratégia de ensino: uma proposta de ensino de História para alunos do 9º ano do ensino fundamental*. 2019. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/45678>. Acesso em: 02 ago. 2025.

DI PIERRO, M. C. *A atualidade das políticas de EJA*. In: CORTI, A. P.; CÁSSIO, F.; STOCO, S. (Orgs). (Org.). *Escola pública: práticas e pesquisas em educação*. Santo André: UFABC, 2023, p. 163-172.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. *Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta*. São Paulo: Cortez, 2001.

GIACOMINI, Eliane Teresinha. *O ensino de História na EJA: possibilidades de uma prática transformadora*. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GOMES, Sandra; MELO, Francymoni Yasmim Marques de. *Por uma abordagem espacial na gestão de políticas educacionais: equidade para superar desigualdades*. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e234175, 2021

GONÇALVES, Hortência de Abreu. *Pesquisa Científica: tipos e modalidades*. In: _____. Manual de Metodologia da Pesquisa Científica. São Paulo: Avercamp, 2005.

HADDAD, Sérgio. *Situação atual da EJA no Brasil: entrevista concedida ao CREMEJA*. Rio de Janeiro: Centro de Referência e Memória da Educação de Jovens e Adultos – UERJ, 2020. Disponível em: <https://cremeja.org/a7/acervo-digital/fundo-osmar-favaro/educacao-de-jovens-e-adultos/inicio/situacao-atual-da-eja-no-brasil-sergio-haddad>. Acesso em: 29 jul. 2025.

HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmento; BARACHO, Maria das Graças. *Concepções e Princípios do PROEJA*. Instituto Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

<https://site.maxaranguape.rn.gov.br/pages/historico>, acesso em 17/05/2024.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/maxaranguape/panorama>, acesso em 17/05/2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua: módulo Educação – 2º trimestre de 2024*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: [link do informativo ou PDF]. Acesso em: 31 jul. 2025.

KUENZER, Acácia Zeneida. *Educação e trabalho no Brasil: o estado da questão*. 2.º impressão. — Brasília: INEP; Santiago: REDUC, 1991.

LEITE, Eduardo Dias; MORAIS, Ana Roberta Crisóstomo de. *Do EJA ao PROEJA e as metodologias ativas de aprendizagem: possibilidades necessárias para a próxima década*. Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem – REBENA, v. 12, p. 76-96, 2025. Disponível em: <https://rebenas.emnuvens.com.br/revista/index>. Acesso em: 24 jul. 2025.

LINHARES, Lucimar Fernandes; SILVA, Hilma Bezerra Rodrigues; SILVA, Noel Fernandes da. *Fatores motivacionais que impulsionam os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a continuarem sua trajetória escolar: uma análise crítica a partir de uma revisão da literatura*. Revista Educação Contemporânea REC, v. 2, n. 1, p. 743–754, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.14948016

MOURA, D. H.; HENRIQUE, A. L. S.; *PROEJA: entre desafios e possibilidades*. HOLOS, Ano 28, Vol 2, maio 2012. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/914/536>, acesso em 15/05/2024.

PASSOS, Joana Célia. *Escolarização de jovens negros e negras*. Revista Negro e Educação: escola, identidades, cultura e políticas públicas, São Paulo: Ação Educativa, ANAPED, p. 53-65, 2005.

PEDOTT, Rafael. *O fenômeno evasão escolar na educação de pessoas jovens e adultas no município de Tupanci do Sul/RS*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Erechim/RS, 2021.

POLONIA, A. da C.; DESSEN, M. A. *Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola*. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.

RIBEIRO, Luciana Aparecida. *A História no currículo da EJA: possibilidades de formação crítica*. Revista História & Formação, v. 5, n. 10, p. 84-98, jul./dez. 2017.

SANTOS, Anderson Ferreira dos. *História oral e ensino de História na EJA: o uso das memórias como estratégia pedagógica*. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SANTOS, Eline De Oliveira. “*A MULHER NEGRA NA EJA: REFLEXÕES SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA*”. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, da Universidade do Estado da Bahia, 2018.

SANTOS, Jucenilton Alves dos. *A educação de jovens e adultos e a efetivação da plena cidadania*. Revista Multidebates, v. 2, n. 2, p. 256-269, Palmas-TO, set. 2018. ISSN 2594-4568.

SILVA, Lauriana Corrêa da. *Fatores que incidem na evasão escolar dos alunos da primeira etapa do Ensino Médio – EJA: revisão de literatura*. RACE – Revista de Administração do Cesmac, Maceió, v. 9, p. 170-186, 2020. ISSN 2675-3766.

SILVA, Letícia Campos da. *Ensinar História na EJA: desafios e possibilidades*. 2018. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2018.

SILVA, Jaqueline Luzia da; BONAMINO, Alicia Maria Catalano de; RIBEIRO, Vera Masagão. *Escolas eficazes na Educação de Jovens e Adultos: estudo de casos na rede municipal do Rio de Janeiro*. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 367-392, jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/PwKYbbYWntYtNDPTfKQGvHN/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2025.

SOUZA JÚNIOR, Cláudio Farias de. *A Educação e o mundo do trabalho no chão da escola: uma proposta na EJA da EEMTI Professora Maria Margarida de Castro Almeida*. – Programa do Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal/RN, 2022.

STRELHOW, T. B. *Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 38, p. 49-59, 2012. DOI: 10.20396/rho.v10i38.8639689. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639689>. Acesso em: 24 jun. 2023.

TEODORO, Elisa Campos; SANTOS, Silvia Alves dos. *Os estudantes da educação de jovens e adultos: um olhar sobre suas condições de estudo e trabalho*. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 16–33, 2020. DOI: [10.14393/REP-2020-53349](https://doi.org/10.14393/REP-2020-53349). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/53349>. Acesso em: 17 jul. 2025.

VENTURA, Jaqueline; RUMMERT, Sonia. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO DIREITO**: contribuições à formação docente. In: VENTURA, Jaqueline; RUMMERT, Sonia; 1ª Ed. Uberlândia: Navegando, 2023.

VENTURA, Jaqueline Pereira; SILVA, Adriana Barbosa da. *Políticas de currículo para a Educação de Jovens e Adultos trabalhadores: sentidos e interesses em disputa na contemporaneidade*. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 42, n. 2, p. 1–22, abr./jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2024.e93269>. Acesso em: 23 jul. 2025.

VIGANO, Samira de Moraes Maia; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. A educação de jovens e adultos como um espaço de empoderamento das mulheres. *Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente*, v. 7, n. 2, p. 1–35, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário socioeconômico



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória

Diego Saturnino Romeiro.

Professor de História da Rede Estadual do Rio Grande do Norte, lotado na Escola Estadual Stoessel de Brito no município de Maxaranguape.

Caro estudante da 3ª EJA do Ensino Médio.

É com satisfação que estou aplicando este questionário, com o objetivo de obter informações a respeito das suas expectativas em relação às suas vivências escolar, profissional e pessoal. Peço que responda ao questionário **e não precisa se identificar**. Os resultados deste questionário irão subsidiar um trabalho que estou elaborando como finalização do meu Curso de Mestrado. Peço a colaboração de todos vocês.

01. Qual é a sua idade?

- ☐ Entre 16 e 25 anos.
- ☐ Entre 25 e 45 anos.
- ☐ Entre 45 e 65 anos.
- ☐ Acima de 65 anos.

02. Atualmente, você está exercendo alguma atividade remunerada?

- ☐ Sim.
- ☐ Não, mas já trabalhei em outras oportunidades.
- ☐ Não, nunca trabalhei de forma remunerada.

03. Sobre a localização do seu trabalho:

- ☐ Trabalho na minha casa.
- ☐ Trabalho no bairro onde moro ou em um bairro próximo da minha residência.
- ☐ Trabalho em um bairro distante de onde moro.
- ☐ Trabalho em outro município.
- ☐ No momento, não estou trabalhando.

04. O que lhe motivou a retomar os estudos e concluir o ensino médio?

05. Caso você já tenha exercido alguma atividade remunerada, em quais áreas você já trabalhou?

06. Você já perdeu alguma oportunidade de emprego não ter concluído o ensino médio?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

07. Como você acha que a conclusão dos estudos vai lhe ajudar a conseguir um novo emprego ou um emprego melhor?

08. Você já iniciou alguma vez o ano letivo e desistiu antes da conclusão?

- ☐ Nenhuma vez.
- ☐ Uma vez.
- ☐ Duas vezes.
- ☐ Três vezes ou mais.

09. Você enfrenta alguma dificuldade para frequentar as aulas durante o ano? Quais?

10. Você dispõe de tempo para estudar fora do horário das aulas?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

11. Você pretende continuar estudando após a conclusão do Ensino Médio?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

12. Você acha que as turmas da 1ª EJA e 3ª EJA juntas atrapalham o ensino-aprendizado?

- ☐ Sim, atrapalha.
- ☐ Não atrapalha.

13. Na sua opinião, os conteúdos estudados durante as aulas da EJA (Educação de Jovens e Adultos) devem ser voltados para as temáticas do mundo do trabalho?

- ☐ Sim, em todas as disciplinas e conteúdos.
- ☐ Sim, porém parcialmente, somente em algumas disciplinas e conteúdos.
- ☐ Não, as aulas devem ocorrer da mesma forma que acontecem nas séries regulares.

14. Como você acha que a escola poderia melhorar a preparação dos alunos da EJA para o mundo do trabalho?

Desde já agradeço a sua contribuição,
Prof. Diego Romeiro

E.E. Stoessel de Brito
Maxaranguape-RN

ESCOLA ESTADUAL STOESEL DE BRITO-ENSINO MÉDIO		
NOME: _____		/ /2023
Série: 1º() 2º() 3º() 1º/3º() EJA	Profº Diego	Turma: A() B() C()
AUTOAVALIAÇÃO		

Estamos chegando ao final do ciclo, mas foi fácil o caminho? Você lembra-se dos desafios que enfrentou até chegar neste momento da sua vida? Quantas vezes deu vontade de desistir? Não é mesmo? Mas você é um vencedor, e será coroado com seu diploma.

Agora, escreva um texto relatando sua experiência, os desafios que você enfrentou para concluir seus estudos, os obstáculos que você enfrentou no trabalho e na sua casa para chegar no horário da aula. Em suma, relate suas experiências, para que outras pessoas possam se inspirar e vencer, assim como você venceu.

APÊNDICE C – Atividade de pesquisa



ESCOLA ESTADUAL STOESEL DE BRITO - ENSINO MÉDIO

Prof. Diego Romeiro

2ª EJA

Turma: A () B () C ()

NOME:

____/____/____

ATIVIDADE DE PESQUISA - HISTÓRIA

Nota:

Procure uma pessoa que concluiu os estudos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e faça as seguintes perguntas:

1. Preencha o nome completo da pessoa entrevistada:

2. Assinale o gênero da pessoa entrevistada:

() Feminino () Binário () Masculino.

3. Quanto tempo a pessoa entrevistada ficou longe da escola antes de retomar os estudos? (_____)

4. Qual foi ano de conclusão do Ensino Médio da pessoa entrevistada? (_____)

5. Qual foi a escola onde a pessoa entrevistada concluiu o Ensino Médio?

6. Por que a pessoa entrevistada abandonou os estudos? Faça um relato dos motivos do abandono dos estudos.

7. Qual foi o maior desafio que a pessoa entrevistada enfrentou para concluir o Ensino Médio? Relate o desafio.

- 8.** A pessoa entrevistada teve apoio da família para concluir o Ensino Médio? Caso sim, quem foram as pessoas que apoiaram? Relate como foi esse apoio.

- 9.** A conclusão do Ensino Médio pela pessoa entrevistada trouxe algum benefício à vida dela? Caso sim, qual benefício? Faça um relato desse benefício.

- 10.** Durante a conclusão do Ensino Médio pela pessoa entrevistada, ela sentiu falta de algo? Isto é, faltou algo na escola, no empenho dos professores nas aulas, enfim, relate a sugestão dela para uma melhor Educação de Jovens e Adultos (EJA).
